



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PGLETRAS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



**LAIZE OLIVEIRA FERREIRA**

**DA MATRACA À PAMONHA:  
GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO  
MILHO NO MARANHÃO**

**São Luís**

**2026**

**LAIZE OLIVEIRA FERREIRA**

**DA MATRACA À PAMONHA: GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO MILHO  
NO MARANHÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PGLetras), pela Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área do conhecimento: Descrição e análise do português brasileiro.

Linha de Pesquisa: Descrição e análise linguística do português brasileiro e de outras línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos.

São Luís

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Laize Oliveira.

DA MATRACA À PAMONHA: : glossário terminológico do milho no Maranhão / Laize Oliveira Ferreira. - 2026.  
172 f.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2026.

1. Terminologia. 2. Terminografia. 3. Glossário Terminológico. 4. Milho. 5. Maranhão. I. Santos, Georgiana Márcia Oliveira. II. Título.

**DA MATRACA À PAMONHA: GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO MILHO  
NO MARANHÃO**

LAIZE OLIVEIRA FERREIRA

Banca Examinadora

Membros titulares

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos  
Orientadora/ Presidente  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dra. Profa. Edmar Peixoto de Lima  
Examinadora externa  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. Dra. Anna Christina Sanazário de Oliveira  
Examinadora externa  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

*Ao meu filho, Miguel, e a toda minha família.  
Também a todos/as os/as agricultores/as que  
se dedicam às atividades rurais, realizando  
um trabalho árduo e importante com eficiência  
para que os alimentos cheguem até as  
nossas mesas.*

*E, especialmente, aos povos indígenas, que  
desenvolveram, preservaram, disseminaram a  
cultura desse alimento tão precioso, o milho.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu porto seguro e minha fortaleza. Ele, que me sustenta, me concede saúde e capacidade e me cinge de forças para prosseguir e vencer os desafios da vida.

À minha família, pela prontidão em favorecer um ambiente agradável para meu estudo, oferecendo sugestões para suprir as dificuldades existentes. Em especial, minha mãe e melhor amiga, Jane Bertyê, sempre solícita a cuidar do meu filho que só tinha um ano quando ingressei no mestrado. Ao meu bebê, Miguel, pelos abraços e sorrisos tão sinceros, pelas diárias manifestações de amor e carinho, as quais me davam motivação para não desistir.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos, pelos esclarecimentos, conselhos, pela disponibilidade e pela atenção e cuidado, tão importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos meus amigos e colegas do Colégio Militar 2 de Julho – Unidade XLIII, pela força, incentivo e por me socorrerem no trabalho nos momentos em que precisei, especialmente aos professores: Aline Rocha, Fernando Beleza, Kaline Trindade e Lucas Santos.

Aos amigos do mestrado (turma 2024), pelas motivações e colaborações constantes, em especial ao Henrique Adriano e à Laís de Paula. Fazer parte deste grupo tão unido e alegre foi muito significativo para mim.

Ao professor Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra, pelas valiosas sugestões durante a disciplina de Teorias Linguísticas. À querida professora Dra. Theciana Silva Silveira, pelas contribuições tão pertinentes, pelo incentivo e pela humanidade, o que foi de suma importância para meu crescimento acadêmico.

Aos agricultores Islão (Porção de Pedras), Ério (Campestre- MA) e Ezequiel (Buriticupu- MA) e ao agrônomo João Bruno (Lago dos Rodrigues- MA), pelos esclarecimentos, disponibilidade, atenção e pelos conhecimentos compartilhados, o que enriqueceu sobremaneira o trabalho. Ao grupo de estudo GELMIC, pelo apoio, à Universidade Federal do Maranhão e ao PG Letras da UFMA, pela oportunidade de aprendizado e de qualificação. A todos,

**MUITO OBRIGADA!!**

## POEMA DO MILHO<sup>1</sup>

Milho...

Punhado plantado nos quintais.

**Talhões** fechados pelas roças.

Entremeado nas lavouras,

**Baliza** marcante nas divisas.

Milho verde. Milho seco.

Bem **granado**, cor de ouro.

Alvo. Às vezes vareia,

- **espiga** roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão enrama

Milho quebrado, **debulhado**

na festa das colheitas anuais.

(...)

**Cabelos** verdes. Cabelos brancos.

Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...

E o pólen dos **pendões** fertilizando...

Uma fragrância quente, sexual  
invade num espasmo o **milharal**.

A **boneca** fecundada vira espiga.

Amortece a grande exaltação.

Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas

A espiga cheia salta da **haste**.

O **pendão** fálico vira ressecado, esmorecido,

No sagrado rito da **fecundação**.

Cora Coralina

---

<sup>1</sup> Grifos nossos para destacar termos que compõem a terminologia do milho.

## RESUMO

Este trabalho objetivou produzir um glossário terminológico da cultura do milho no Maranhão, em virtude da grande importância desse alimento para a humanidade, em especial, para o Brasil e para o Maranhão, estado que se destaca no mercado agrícola. Além disso, nas pesquisas realizadas sobre a temática, não foram localizados nenhum estudo publicado de natureza terminológica sobre o milho no Brasil. Como aporte teórico-metodológico, adotamos os princípios e fundamentos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) desenvolvidos sobretudo por Cabré (1998, 1999, 2002, 2005), mas também consideramos as contribuições de Krieger (2001, 2004, 2006, 2010) e de Martins e Martins (2019). Para a construção do *corpus*, foi realizado um levantamento de vinte documentos eletrônicos de base escrita, que incluíram trabalhos acadêmicos e um documento técnico publicado pela empresa do setor agroextrativista EMBRAPA, os quais tratam da cultura do grão no Maranhão. Contudo, o *corpus* desta pesquisa também se constituiu de vinte e cinco vídeos disponibilizados no *YouTube* e no *Tik Tok*, os quais foram submetidos a critérios de seleção para que fosse possível identificar e coletar a terminologia do milho percebida na fala de agricultores da região. Assim, obtivemos dados escritos e orais, totalizando 45 fontes de pesquisas publicadas entre 2015 e 2025. Os termos foram selecionados por meio do *software Antconc* e referem-se, sobretudo, às etapas de plantio e manejo, e colheita, as quais incluem subáreas conceituais, e, ainda, aos campos pós-colheita, praga, doença e comercialização. Para a constituição dos dados, foram considerados critérios como o da representatividade, da frequência de uso e da especificidade do termo na área do milho (uma vez que há termos que remetem a outras culturas). Oportunamente, ressaltamos que este glossário, composto por 116 termos, apresenta uma parte expressiva da terminologia do milho no Maranhão, e esperamos, com este estudo, contribuir para a disseminação do conhecimento terminológico e cultural do grão desenvolvido no Maranhão e para a ampliação do glossário ora apresentado.

**Palavras-chave:** Terminologia. Terminografia. Glossário terminológico. Milho. Maranhão.

## RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo producir un glosario terminológico del cultivo de maíz en Maranhão, dada la gran importancia de este alimento para la humanidad, especialmente para Brasil y Maranhão, un estado que destaca en el mercado agrícola. Además, en la investigación realizada sobre el tema, no se encontraron estudios terminológicos publicados sobre el maíz en Brasil. Como marco teórico y metodológico, adoptamos los principios y fundamentos de la Teoría Comunicativa de la Terminología (TCT) desarrollada principalmente por Cabré (1998, 1999, 2002, 2005), pero también consideramos las contribuciones de Krieger (2001, 2004, 2006, 2010) y Martins y Martins (2019). Para construir el corpus, se realizó una encuesta de veinte documentos electrónicos escritos, incluyendo trabajos académicos y un documento técnico publicado por la empresa agroextractiva EMBRAPA, que tratan sobre el cultivo de maíz en Maranhão. Sin embargo, el corpus de esta investigación también incluyó veinticinco videos disponibles en YouTube y TikTok, los cuales fueron sometidos a criterios de selección para identificar y recopilar la terminología del maíz tal como se percibe en el habla de los agricultores de la región. Así, se obtuvieron datos escritos y orales, que suman 45 fuentes de investigación publicadas entre 2015 y 2025. Los términos fueron seleccionados mediante el software Antconc y se refieren principalmente a las etapas de siembra y manejo, y cosecha, que incluyen subáreas conceptuales, así como a los campos de poscosecha, plagas, enfermedades y comercialización. Para la recopilación de datos, se consideraron criterios como la representatividad, la frecuencia de uso y la especificidad del término en el ámbito del maíz (ya que existen términos que se refieren a otros cultivos). Cabe destacar que este glosario, compuesto por 116 términos, presenta una parte significativa de la terminología relacionada con el maíz en Maranhão, y esperamos que este estudio contribuya a la difusión del conocimiento terminológico y cultural del grano desarrollado en Maranhão y a la ampliación del glosario aquí presentado.

**Palabras clave:** Terminología. Terminografía. Glosario terminológico. Maíz. Maranhão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tipos de anomalia na espiga de milho .....	21
Figura 2 - Morfologia da planta do <i>Zea mays</i> .....	25
Figura 3 - Etapas de desenvolvimento da planta do milho .....	27
Figura 4 - Comparativo entre o milho original, teosinto, (esquerda) e o atual (direita).....	29
Figura 5 - Produção em toneladas por área .....	42
Figura 6 - Evolução da produção do milho no Maranhão .....	44
Figura 7 - Cidades com maior produção de milho no Maranhão em 2021/2022 .....	45
Figura 8 - Interface do software AntConc 3.5.9 (WordList) .....	81
Figura 9 - Interface do software AntConc 3.5.9 (Concordance) .....	82
Figura 10 - Esquema estrutural do glossário .....	89
Figura 11 - Bainha .....	105
Figura 12 - Colar .....	110

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os diversos usos do milho .....	38
Tabela 2 - Safras de milho produzidas (t) em 2020 e 2021 no Brasil, nordeste e Maranhão.....	41
Tabela 3 - Balsas se manteve como maior produtora maranhense do grão em toneladas .....	46
Tabela 4 - Modelo de verbete com apresentação de variação conceitual (polissemia).....	92
Tabela 5 - Guia do usuário.....	93
Tabela 6 - Apresentação do verbete no glossário terminológico do milho no Maranhão.....	95
Tabela 7 - Informações das fontes escritas que constituem o <i>corpus</i> da pesquisa .....	96
Tabela 8 - Informações das fontes orais que constituem o <i>corpus</i> da pesquisa .....	98

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

DAE – Dias Após a Emergência

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ETC – Evapotranspiração

ISO – International Organization for Standardization (Organização Internacional de Normalização)

LDL – Lipoproteína de Baixa Densidade

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MATOPIBA – Maranhão, Tocantins, Piauí, Bahia

OGM – Organismo Geneticamente Modificado

PAM – Produção Agrícola Municipal

R – Reprodutivo

RI – Resistência a Insetos

SAGRIMA – Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária

SEAGRI – Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca

LSPA – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

T/t – Toneladas

TC – Comitê Técnico

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT – Teoria Geral da Terminologia

TH – Tolerância a Herbicida

UT – Unidade Terminológica

V – Vegetativo

VE – Vegetativo Emergência

VT – Pendoamento

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A CULTURA DO MILHO: aspectos gerais da área de domínio .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A representatividade do grão e as características botânicas e fisiológicas da planta .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Origem do <i>Zea mays</i>.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Benefícios e utilidades do grão .....</b>	<b>38</b>
<b>2.4 Produção no Maranhão .....</b>	<b>41</b>
2.4.1 O mês de junho sem milho, que alegria pode ter? .....	47
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 O termo .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 Breve comentário acerca das teorias terminológicas.....</b>	<b>52</b>
<b>3.3 Teoria Comunicativa da Terminologia .....</b>	<b>55</b>
<b>3.4 Terminografia.....</b>	<b>68</b>
3.4.1 Glossário .....	72
3.4.1.1 Estrutura do glossário: a macroestrutura e a microestrutura.....	72
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>76</b>
<b>4.1 Organização do <i>corpus</i> da pesquisa.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2 O recurso computacional <i>AntConc</i> .....</b>	<b>80</b>
<b>4.3 Definição dos campos semânticos da cultura do milho .....</b>	<b>83</b>
<b>4.4 Critério de seleção dos termos .....</b>	<b>85</b>
<b>4.5 A macroestrutura .....</b>	<b>88</b>
<b>4.6 A microestrutura .....</b>	<b>90</b>
<b>4.7 A ficha terminológica.....</b>	<b>94</b>

<b>4.8 Fontes que compõem o <i>corpus</i>.....</b>	<b>96</b>
4.8.1 Textos escritos.....	96
4.8.2 Textos orais (transcritos) .....	98
<b>5 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO MILHO NO MARANHÃO .....</b>	<b>102</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>158</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>162</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>168</b>
APÊNDICE A – LISTA DE TERMOS DO MILHO NO MARANHÃO .....	169
APÊNDICE B – FICHA TERMINOLÓGICA.....	171

## 1 INTRODUÇÃO

É indiscutível o fato de que a língua, seja ela qual for, apresenta características identitárias do grupo que a manifesta, indica traços culturais e sociais do povo que a utiliza para se comunicar, interagir, mas que, nem sempre, consegue reconhecê-la como um bem imaterial, uma riqueza abstrata que permite ao homem entender a sua realidade, revelar saberes que impactam diretamente na vida em sociedade.

Nessa perspectiva, em concordância com Oliveira e Isquierdo (2001), se firmam os estudos desenvolvidos, por exemplo, pelas Ciências do Léxico, a saber, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Ao focar nesses estudos, podemos observar que o léxico de uma língua natural se associa ao seu sistema de designação e ciência da realidade. Assim, o processamento lexical se materializa “através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos” (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 19).

Dessas áreas científicas que se voltam aos estudos do léxico, esta pesquisa se fundamenta na perspectiva terminológica, cujo enfoque está nos discursos especializados, uma vez que optamos por explorar a terminologia do milho no estado do Maranhão, em função do destaque da atividade agroextrativista na localidade com grande produção e consumo.

O milho é uma das culturas mais antigas, datada de mais de 5.000 anos, e tem sua origem na América, mais especificamente no México. No Brasil, quem plantava e consumia eram os povos indígenas que aqui viviam, os quais consideravam o *Zea mays* (nome científico do milho) como ingrediente que compunha sua base alimentar. É um grão muito rico, oferece uma multiplicidade de usos e benefícios à humanidade, o que foi sendo desenvolvido pelos povos indígenas e descoberto e divulgado pelo povo europeu desde a colonização do continente americano.

Hoje, o milho representa um item importantíssimo para a alimentação humana e animal em muitos países, especialmente no Brasil, terceiro maior produtor mundial do grão (Paterniani *et al.*, 2000).

O Maranhão é um dos grandes produtores nacionais dos grãos, terra de uma riqueza ecológica composta de lagos, rios e solos agricultáveis que

atribuem à cultura do milho excelentes condições ambientais de produção, favorecendo a economia interna e alimentando a tradição cultural do povo maranhense, o que coloca o fruto em uma posição de destaque pelo seu expressivo valor (Sousa *et al.*, 2020).

À vista disso, e com o intento de realizar uma pesquisa voltada para a realidade e cultura maranhenses, desenvolvemos as seguintes questões: Haveria dados consideráveis na terminologia do milho? Seria possível fazer o levantamento e a organização sistemática desses termos em forma de um glossário? Ocorre variação terminológica nesse contexto?

Como hipóteses para tais questões, estabelecemos: há uma terminologia robusta na área terminológica do milho digna de ser conhecida e difundida; é exequível a investigação das unidades terminológicas, da criação de um banco de dados e da organização e sistematização dos termos em um glossário; é provável que existam variações nas denominações e/ou nas conceituações dos termos referentes à atividade do milho, uma vez que os termos se manifestam na comunicação, a qual está constantemente sujeita a fenômenos linguísticos, como a alternância nos modos de referenciar ou de significar algo em uma mesma situação de fala.

Pelo exposto, este trabalho tem como objetivo geral elaborar um glossário terminológico dos processos de plantio e manejo, colheita, pós-colheita, praga, doença e comercialização do milho no Maranhão considerando os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), defendidos especialmente por Cabré. Aproveitando o ensejo, justificamos o título da dissertação (Da matraca à pamonha: glossário terminológico do milho no Maranhão) por ser *matraca* um termo pertencente ao campo conceitual<sup>2</sup> *plantio e manejo: instrumentos ou ferramentas agrícolas*, e, *pamonha*, um termo do campo *comercialização*, no sentido de que a pesquisa envolve desde a etapa inicial da cultura (cultivo) até o processo final (venda). Os objetivos específicos são: i) identificar os termos da atividade do milho desenvolvida no Maranhão com base no material bibliográfico diversificado e em vídeos do *YouTube* e do *Tik Tok*; ii) identificar possíveis variantes denominativas e/ou conceituais das

---

<sup>2</sup> Assumimos como expressões sinônimas: campo semântico, área conceitual e área semântica.

fases de plantio e manejo e colheita (abarcando alguns subconjuntos semânticos, como “ferramentas”, técnicas” e “armazenamento”), e, ainda, pós-colheita, praga, doença e comercialização.

Vale ressaltar que o repertório terminológico do milho, objeto de investigação desta pesquisa, recebe legitimidade maranhense pelo fato de ser colhido na escrita e na fala de pesquisadores e agricultores maranhenses e/ou residentes da região há mais de dois anos, e, ainda, por abordar a realidade da cultura em vários municípios maranhenses, bem como por ser publicado por instituições e canais locais. Isso não exclui a possibilidade de uso comum dos termos em outras partes do Brasil, mas tenta garantir a autenticidade dos dados de identidade maranhense.

Esta pesquisa oportuniza o conhecimento e a divulgação dos termos<sup>3</sup> que compõem o campo especializado do milho, alimento milenar, mas que até nos dias atuais tem grande representatividade nutricional, cultural e econômica e se destaca no setor rural maranhense.

É importante enfatizar que os estudos sobre a cultura do milho, localizados até o momento, são dirigidos para outras áreas do conhecimento, como as ciências biológicas, a zootecnia, a agronomia e as engenharias. Nesse sentido, este trabalho desponta com originalidade e se mostra pertinente, podendo vir a contribuir para pesquisas futuras sob a perspectiva terminológica e/ou que enfoquem a cultura do milho de forma geral.

Alicerçam esta pesquisa os princípios epistemológicos da Terminologia, desenvolvidos por Cabré (1993, 1998, 1999, 2002, 2005), Krieger (2000, 2001, 2004, 2006, 2010), Martins & Martins (2019), Krieger e Finatto (2004), entre outros estudos. Para a abordagem do milho, desenvolvemos o estudo pelas perspectivas de autores da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), de Basso (2017), Melchior (2017), Dória e Suassuna (2021), Cascudo (1967), Paterniani (2000), Mendes (1934), Rangel (2008) etc. Já a parte metodológica, além se ser orientada pelas propostas terminológicas, também toma como referência as contribuições de Berber Sardinha (2009) e Perna, Delgado e Finatto (2010), para a Linguística de *corpus*.

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa, tomamos como sinônimos de *termo*: unidade terminológica, UT, termo de especialidade e léxico de especialidade.

Em relação aos resultados, foi possível coletar uma quantidade expressiva de termos utilizados nas atividades referentes ao milho, totalizando 116 termos inseridos em treze campos conceituais, com apresentação de variações denominativas (grande parte do glossário) e também de variações conceituais.

Quanto à organização deste trabalho, está dividido em quatro capítulos. No primeiro, são expostas informações sobre a cultura do milho, especificamente sobre as características botânicas e fisiológicas da planta, bem como é discorrida as origens do cereal, desde a sua derivação do teosinto<sup>4</sup> até à sua domesticação e tradição alimentícia pelos povos indígenas, aliada à influência dos europeus, após descobrirem o novo mundo. Ainda nesse capítulo, são apresentados diversos benefícios do milho, a realidade produtiva do Maranhão e a representatividade cultural do grão na região, sobretudo no mês de junho, marcado pelas festas de São João, tradição no Maranhão.

No segundo capítulo, tecemos comentários sobre o entendimento que se tem do termo e enfatizamos o recorte teórico entre este e a palavra, respectivamente, unidade do discurso especializado e unidade do uso geral da língua. Em seguida, exibimos um resumo das teorias terminológicas, destacando os principais representantes e escolas. O subtópico que segue enfatiza principalmente a abordagem investigativa que fundamenta o trabalho, isto é, a TCT. Na sequência, destacamos a Terminografia e, por fim, esclarecemos os elementos norteadores do glossário, considerando-o como um dos principais materiais de referência de unidades lexicais de um domínio especializado.

O terceiro capítulo descreve o percurso metodológico adotado nesta dissertação, contemplando desde a seleção dos materiais para comporem o *corpus* até à organização do glossário. E no quarto capítulo, expomos o produto final, constituído pelo glossário do milho no Maranhão.

Portanto, esta pesquisa, focada no léxico especializado do milho, surgiu da necessidade de se entender esse universo e do anseio de aprender e

---

<sup>4</sup> Planta selvagem de grãos duros, descoberta pelos povos olmecas e maias. Considerado como o milho primitivo.

também de transmitir conhecimentos desse campo especializado, tendo como público-alvo agricultores, produtores rurais, terminógrafos, lexicógrafos, pesquisadores, iniciantes no ramo agrícola, estudantes e professores dos cursos de Letras, Agronomia, Biologia e demais áreas afins. E, ainda, qualquer pessoa interessada em conhecer o léxico especializado do grão que vem se destacando no setor rural maranhense, pelo seu valor nutricional e cultural, bem como pela rentabilidade gerada para o estado, como se verá no primeiro capítulo deste trabalho, o qual também aborda os aspectos históricos, fisiológicos e botânicos do milho.

## 2 A CULTURA DO MILHO: aspectos gerais da área de domínio

Esta seção é destinada, de modo geral, para a apresentação de informações referentes ao campo profissional do milho. O leitor poderá constatar que no próprio capítulo há o registro de diversos termos de especialidade que pertencem à área de estudo e, ainda, poderá ser informado sobre os aspectos técnicos e científicos do grão, bem como sua origem e a representatividade desse alimento no Maranhão e nas festas juninas da região.

### 2.1 A representatividade do grão e as características botânicas e fisiológicas da planta

O milho representa um dos principais produtos agrícolas produzidos e consumidos no Brasil e no mundo em suas variadas formas de preparo, seja pelo consumo natural do fruto ou por subprodutos derivados dele. É considerado como um importante ingrediente alimentício no continente americano, dada sua descoberta nessa localidade há mais de cinco mil anos. Constituía, junto com a abóbora e o feijão, a base da alimentação dos povos de origem americana (Cavalcante, 2014).

A planta recebeu o nome científico de *Zea mays*, oriundo do grego e com o significado de “grão, semente”. Para os povos indígenas das regiões do Caribe, ele significava “o sustento da vida”, pois, além de representar um componente essencial das suas dietas, eles dedicavam grande parte do tempo diário às atividades de cultivo e produção do cereal. Para os mexicanos e civilizações antigas como maias, incas e astecas, o milho era reverenciado nas artes e na religião, sendo representado por “*Tonacajohua*, a que nos sustenta, é a deusa do milho no México” (Casculo, 1967, p. 114).

Há diferentes espécies de milho, entre as mais conhecidas estão o doce (ou milho-verde), pipoca, farinhoso, duro, macio e dentado. Na verdade, é provável que haja atualmente aproximadamente 150 espécies de milho, que variam pelo formato e cor dos grãos<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Cf.: Sindicato da Indústria do Milho, Soja e seus Derivados no Estado de São Paulo. SINDMILHO & SOJA. Milho e suas riquezas – História. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/sindimilho/sobre-o-sindmilho/curiosidades/milho-e-suas-riquezas->

Segundo pesquisas recentes, os maiores produtores do grão que compõem o ranking mundial são os Estados Unidos, China e Brasil. Isso decorre em função das condições climáticas favoráveis e extensas áreas cultiváveis nesses países. Segundo Boschiero (2024), o líder dessa classificação apresentou na safra 2022/2023 um rendimento médio de aproximadamente 181 sacos por hectare, enquanto no Brasil, na mesma safra, a produção rendeu cerca de 98 sacos por hectare. Além das causas já citadas, os EUA se sobressaem também pelo fato de usufruírem de alta tecnologia, equipamentos modernos e procedimentos avançados no plantio. Contudo, em 2023, o Brasil disparou e foi pela segunda vez o maior exportador mundial de milho, apontando como ameaças para a soberania americana. Em quinze anos, as exportações brasileiras aumentaram sete vezes, subindo de 7 milhões para 50 milhões de toneladas<sup>6</sup>.

Acreditamos que o grão tem despertado maior interesse por produtores, compradores e por donos de indústrias que veem no milho uma opção indispensável para a geração de lucros, o que leva à busca de qualidade nos serviços e ao aprimoramento gradativo do trabalho que envolve o cereal, em todas as suas etapas, isto é, desde a preparação do solo até à comercialização do milho e produção e venda dos seus derivados. Em outras palavras, compreendemos que o trabalhador rural, assim como os pequenos e grandes empresários, tem se dedicado com mais afinco às atividades relacionadas ao milho, buscando aperfeiçoamento de técnicas, sofisticação de equipamentos e máquinas, fazendo uso de tecnologias mais avançadas e de produtos mais eficazes.

Em face disso, e sabendo que o homem está em constante diálogo com o outro, afirmamos ser inevitável o uso de léxicos específicos, considerando a área do conhecimento, os quais nem sempre podem ser compreendidos, uma vez que um lexema pode apresentar carga semântica somente para um

---

[historia/#:~:text=%C3%89%20largamente%20utilizado%20na%20produ%C3%A7%C3%A3o,s%C3%A3o%20ocasionalmente%20cultivadas%20na%20jardinagem](#). Acesso em: 05/nov/24.

<sup>6</sup> BOSCHIERO, Beatriz Nastaro. Produção de milho Brasil números, desafios, oportunidades e inovações. São Paulo: Agroadvance, 31/07/2024. Disponível em: <https://agroadvance.com.br/> Acesso em 20.dez.2025.

determinado campo do saber ou, ainda, pode conter mais de um sentido nesse mesmo espaço, o que pode diferir do sentido geral da língua que se estuda.

Por isso, as escolhas lexicais mais adequadas, entre especialistas e agricultores, por exemplo, podem refletir na produção, apresentando resultados como: a boa colheita, plantas saudáveis e produtivas, espigas saudáveis, isto é, sem anomalias, ótimo rendimento e grandes exportações

Para entender melhor essas questões acerca do tipo ideal de espiga, é válido pontuar informações esclarecidas pela EMBRAPA e demais empresas do ramo como a *Agroadvance* e a *AgroMais*, as quais classificam o milho-verde como espigas comerciais e espigas não comerciais. As primeiras são avaliadas como aptas para o mercado, para isso, elas devem ser:

espigas longas e cilíndricas, bem-empalhadas, de sabugos claros, grãos uniformes do tipo dentado, de cor amarela e de pericarpo macio e, ainda, que permaneça mais tempo no campo, no ponto de milho-verde, ou seja, com umidade ao redor de 70% a 80%. (Sousa *et al.*, 2020, p. 16).

Enquanto as espigas não comerciais são analisadas como sendo de baixa qualidade, por apresentarem anormalidades. As causas podem ser nutrição inadequada, estresse hídrico por planejamento inadequado na irrigação ou invasão de insetos, conhecidos como pragas vegetais, a exemplo da lagarta-do-cartucho [*Spodoptera frugiperda*], lagarta-da-espiga [*Helicoverpa zea*], percevejo-do-milho [*Leptoglossus zonatus*] ou cigarrinha [*Daubulus maidis*]. Outros fatores estão relacionados às condições climáticas desfavoráveis, incidência de plantas daninhas ou problemas e falhas durante o cultivo, como é possível perceber na figura<sup>7</sup> 01, o que as fazem ficar fora dos padrões comerciais. Nesse caso, essas espigas são aproveitadas para *forragem*<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf.: <https://www.facebook.com/Agrosabendo/>

<sup>8</sup> Segundo o dicionário Bueno, forragem pode ser definido como “plantas e grãos para alimentação do gado.” (BUENO, 500 anos Brasil, p.420).

Figura 1 - Tipos de anomalia na espiga de milho



Fonte: Agro Sabendo, Adaptado Iowa Universit (2023)

Diante dessas informações, concordamos que uma espiga boa, portanto, é aquela que apresenta qualidades aparentes no formato e na cor, mas também em sua composição. Os grãos precisam então ser bem protegidos pelas palhas (brácteas), o que diminui a entrada de insetos, ter bom peso, ótima granação (muitos grãos), comprimento acima de 15 cm e diâmetro de 3 cm, grãos dentados e amarelados, ausência de deformidades e doenças, concentração de açúcares e de amido suficientes, o que atribui ao milho-verde cheiro e sabor peculiares. Para tanto, vários aspectos precisam ser considerados durante a plantação, a exemplo da irrigação do solo, da

execução correta de técnicas, das condições climáticas e do controle de pragas. Também vale optar pelas espigas viradas para baixo (decumbentes), porque isso impede a passagem de água da chuva e evita podridões (Meirelles e Guimarães, 2020, p. 73).

É inegável o fato de que a evolução tecnológica tem contribuído significativamente para o aumento das demandas e da rentabilidade do grão, assim como tem colaborado para o alcance das requisições do consumidor quanto à qualidade dos produtos. Atualmente, há diversas empresas do ramo agrário que oferecem serviços inovadores no plantio do *Zea mays*. Hoje é possível contar com novos mecanismos na agricultura, como o uso de drones na pulverização e na avaliação da plantação, de máquinas avançadas, de pivô de irrigação, de instalação de estação meteorológica na propriedade, o que ajuda no monitoramento climático (Pereira et al, 2025).

Igualmente, é proveitoso o uso da biotecnologia que dispõe de seres vivos - plantas, animais ou microrganismos - para o melhoramento da cultura, atuando no controle de pragas, no tratamento de sementes, na utilização de híbridos adaptados a diferentes tipos de solo, de região, altitude e a diferentes épocas de plantio. Soma-se a isso, a predileção por ferramentas moleculares e pela transgenia, a qual trabalha na modificação genética dos organismos (OGM – Organismos Geneticamente Modificados). E, ainda, a inserção de variedades com resistência a insetos (RI), com tolerância a herbicidas (TH) e com tecnologia combinada (RI/TH), afetando diretamente na queda de custos com pesticidas e na elevação produtiva (Oliveira; Santos; Barbosa, 2012).

A adoção dessas inovações no campo tem proporcionado a redução de gastos, aumento da produtividade e rentabilidade, assim como da qualidade dos produtos. Em contrapartida, há muitos pequenos agricultores, proprietários, produtores familiares que não têm condições financeiras de usufruir desses benefícios, não têm capital para custear esses investimentos. Junto a esse fato, a maioria desses trabalhadores não tem conhecimento científico e técnico para dominar o que tem surgido de novo no mercado agrícola, acrescentando ainda o fator de risco, oferecido por produtos químicos e inflamáveis.

No que diz respeito aos transgênicos, ponderamos que são maléficos e que, portanto, deveriam ser proibidos, já que apresentam sérias ameaças à saúde humana, como afirmam os autores citados anteriormente:

Uma série de riscos dos alimentos transgênicos para a saúde estão sendo levantados e questionados, como o aumento das alergias, resistência aos antibióticos, aumento das substâncias tóxicas e dos resíduos nos alimentos (...) Nos últimos 20 anos, surgiram mais de 30 doenças na espécie humana (AIDS, ebola e hepatites, entre outras). Além disso, houve o ressurgimento de doenças como a tuberculose, malária, cólera e difteria com muito mais agressividade por parte dos microrganismos patogênicos. Paralelamente, houve um decréscimo na eficiência dos antibióticos. Um segundo tipo de risco relaciona-se às reações adversas dos alimentos derivados de OGM, os quais, de acordo com os efeitos, podem ser classificados em dois grupos: alergênicos e intolerantes (Oliveira; Santos; Barbosa, 2012, p. 354).

Já em relação à produtividade do grão no Brasil, os dados levantados em julho de 2024 pela CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) apresentam a estimativa de colheita do cereal totalizada em 119,6 milhões de toneladas no período de 2024/2025. A expectativa é de aumento na produção, sendo destinado 86,4 milhões de toneladas para o consumo, cuja maior parte é para a alimentação animal, e 34 milhões de toneladas reservados para a exportação.

A planta do milho pertence à família *Poaceae*, ordem *Gramineae* - tribo *Maydeae*. Possui característica monóica, ou seja, apresenta flores unissexuadas, em que cada pé contém os gêneros masculino e feminino separados. É uma gramínea anual, com apenas um caule (colmo ou cana do milho) ereto, folhas estreitas e intercaladas, raízes fasciculadas (junção de raízes finas em um único ponto), que podem atingir até 3 metros de profundidade; a polinização ocorre por intermédio do vento, o qual conduz o pólen dos pendões até o estigma (cabelos), esse, por sua vez, é responsável por receber o grão de pólen e transportá-lo até o ovário correspondente (Campos; Canéchio Filho, 1973; Mendes, 1934).

Quando inicia o tempo de florescimento, as plantas emitem as inflorescências feminina e masculina. Essa é o órgão localizado no pendão (ou panícula), cuja função é de produzir e de liberar os grãos de pólen do milho. O órgão feminino é a espiga, formada pelo sabugo (ráquis), pelas palhas, cabelos, (onde fica o ovário), pelo pedúnculo e pela semente (cariopse), a qual, quando lançada na terra, dependendo das condições de umidade e de temperatura, pode germinar após 5 ou 6 dias. Cada espiga contém de

duzentos a quatrocentos grãos, e costuma nascer na metade da altura da planta (Campos; Canéchio Filho, 1973). O professor Carlos Teixeira Mendes (1934) descreve a botânica da planta do milho da seguinte forma:

Planta anual, herbácea, de 1,50 a 3 metros de altura, (7) com folhas estreitas, compridas e ásperas; raízes fibrosas e grossas, **colmo** ereto. Planta monoica, isto é, seus órgãos de reprodução acham-se separados: as **flores masculinas** ou **estaminadas** acham-se na parte superior da planta em uma **panícula** terminal, e as **flores femininas** ou **pistiladas** na **axila das folhas**, dispostas em redor de um eixo (comumente chamado **sabugo** ou **carolo**) envoltas por muitas **brácteas** (**palha do milho**) e exteriormente representadas pelos **pistilos**, muito finos e longos que em seu conjunto recebem o nome de "**boneca**" ou "**barba do milho**." (Mendes, 1934, p. 225, grifo nosso).

A semente é composta pelo pericarpo (casca), pelo endosperma, pelo gérmen e pela ponta. Geralmente, apresentam coloração amarela ou branca, mas pode alterar da preta até a vermelha. Pode pesar em média de 250mg a 300mg. A composição do milho é de 72% de amido, 9,5% de proteínas, 9% de fibra e 4% de óleo (Cruz *et al*, 2008). O pericarpo normalmente representa 5% da semente e é composta de polissacarídeos (carboidratos complexos) e celulose.

O endosperma é a maior parte do grão (83%) e é onde contém o amido e as proteínas de reserva (8%). Há dois tipos de endosperma, classificados pelo formato dos grãos quando submetidos à luz, o *farináceo* e o *vítreo* (Cruz *et al*, 2008, p. 49-51). Já Mendes (1934, p. 234) usa as nomenclaturas *mole* e *duro*, sendo o primeiro o endosperma *farináceo*, o qual é mais pastoso, opaco e branco; o segundo trata-se do endosperma *vítreo*, que é mais consistente, sólido, transparente e brilhante. Também é no endosperma que estão localizadas as substâncias responsáveis pela coloração dos grãos, são os *carotenoides* (Cruz *et al*, 2008, p. 49-51).

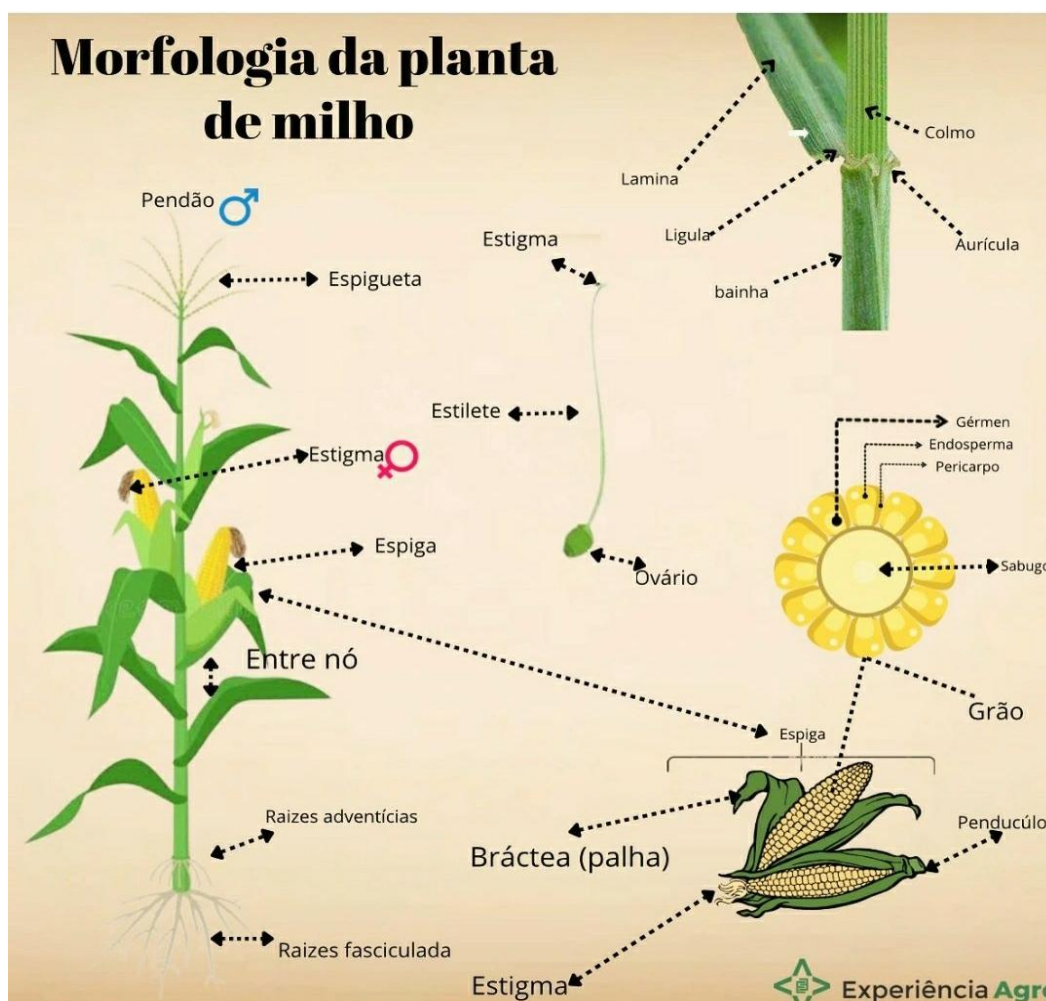
O gérmen ou embrião corresponde a 11% do grão, atingindo 1/3 da altura do grão, "é a futura planta em miniatura" (Mendes, 1934, p. 235). É onde está a maior porcentagem de substâncias gordas (lipídeos), a saber, óleos, açúcares, proteínas, minerais e vitamina E.

Por fim, a ponta da semente é a menor parte, compondo apenas 2% do grão. É a única que não é revestida pelo pericarpo. É formada basicamente por material lignocelulósico – celulose, hemicelulose e lignina (Cruz *et al*, 2008).

No que tange ao sistema radicular, a planta possui grande quantidade de raízes fibrosas e grossas que nascem depois que a semente é lançada ao solo, emitindo a raiz primária, a qual entra na terra verticalmente em até 8 a 10 centímetros, mas vai desaparecendo à medida que vão surgindo as ramificações. Depois da raiz principal, surgem as raízes secundárias, que penetram em todas as direções, atingindo 60 ou 70 centímetros (Mendes, 1934), ou um pouco mais de 40 centímetros (Campos; Canéchio Filho, 1973).

A figura 2<sup>9</sup> mostra mais detalhadamente as partes que compõem a planta do milho, e registra diversos termos técnico-científicos e termos de uso comum pelas pessoas em geral.

Figura 2 - Morfologia da planta do *Zea mays*



Fonte: Experiência Agro (2025)

<sup>9</sup> Cf.: [https://pt.linkedin.com/posts/i%C3%A1sio-pereira-dos-santos-ab245073\\_morfologia-da-planta-de-milho-o-milho-%C3%A9-activity-7216851648227250177-JNY1](https://pt.linkedin.com/posts/i%C3%A1sio-pereira-dos-santos-ab245073_morfologia-da-planta-de-milho-o-milho-%C3%A9-activity-7216851648227250177-JNY1)

Entre as plantas que existem na natureza, a *Zea mays L.* é uma das que mais armazena energia. Com uma semente que pesa pouco mais de 0,3 g, mas que carrega muitos nutrientes e que pode gerar uma planta com mais de 2,0 m de altura em um ciclo de nove semanas. O ciclo é o tempo necessário para a planta atingir o ponto de maturação, é quando os grãos atingem seu ponto máximo de enchimento, dos 50 aos 65 dias, fase conhecida como *reprodutiva*, é a última etapa do ciclo. A primeira, denominada de *fase inicial*, vai do plantio aos 20 dias. A *fase vegetativa* abrange dos 20 aos 50 dias (Sousa *et al*, 2020, p. 45).

No Brasil, o plantio da primeira safra geralmente acontece de setembro a novembro nas regiões sul, sudeste e centro-oeste, enquanto no norte e nordeste, a época mais indicada para plantar o grão é entre março e abril. Na safrinha e/ou 2ª safra<sup>10</sup>, o plantio ocorre entre os meses de janeiro e março, na maioria das regiões. A terceira safra<sup>11</sup> já acontece entre abril e junho.

Todas as cultivares<sup>12</sup> passam pelo mesmo processo fenológico<sup>13</sup>, porém pode haver alteração na periodicidade entre as etapas de crescimento e na quantidade total de folhas desenvolvidas entre raças diferentes, ano de produção, tempo e local de cultivo.

Acerca do processo de polinização, Magalhães (2002) esclarece que esse fenômeno acontece quando:

O grão de pólen liberado é capturado por um dos estilos-estigmas. O grão de pólen, uma vez em contato com o “cabelo”, demora cerca de 24 horas para percorrer o tubo polínico e fertilizar o óvulo. Geralmente o período requerido para todos os estilos-estigmas em uma espiga serem polinizados é de dois a três dias. Os “cabelos” da espiga crescem cerca de 2,5 a 4,0 cm por dia e continuam a se alongar até serem fertilizados (Magalhães, 2002, p. 11).

---

<sup>10</sup> Os termos “safrinha” e “2ª safra” podem ser usados como sinônimos, contudo há uma diferença entre essas duas práticas. A primeira corresponde somente ao cultivo em sequeiro (sistema de cultivo que conta somente com a água da chuva), enquanto a segunda inclui toda forma de cultivo que acontece após a primeira safra, seja em sequeiro ou irrigado (sistema de cultivo que conta com a água da chuva e com a irrigação artificial).

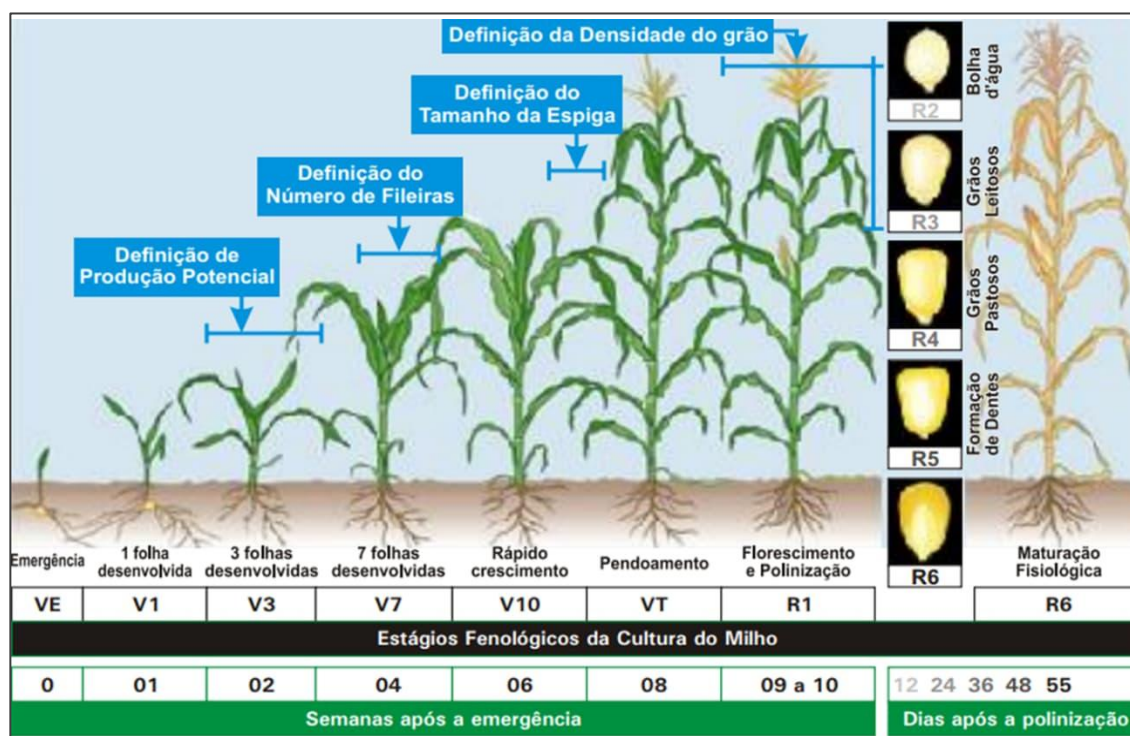
<sup>11</sup> Atualmente é a terceira colheita anual que vem se tornando cada vez mais comum nas lavouras. É o cultivo de milho plantado fora do período tradicional, pela possibilidade de outra plantação anual. Também é conhecido como “safra de inverno”, já que o plantio ocorre de abril a junho.

<sup>12</sup> Variedades de planta de milho que apresentam características relacionadas ao ciclo germinativo, ao tipo de grão, à adaptabilidade e resistência ao solo.

<sup>13</sup> Fases de desenvolvimentos da planta, desde a germinação da semente até à maturação do grão.

O autor ainda explica que há um sistema de identificação que divide o desenvolvimento da planta em vegetativo, com a indicação (V), e reprodutivo (R). No estágio vegetativo há subdivisões que informam o número de folhas emitidas e são descritas como V1, V2, V3 até Vn (última folha desenvolvida). O primeiro e o último estádios da fase V (vegetativa) são referenciados por VE (emergência) e VT (pendoamento), respectivamente. O estágio reprodutivo tem início quando é possível ver os cabelos da espiga. Nessa etapa também é decidido o número de óvulos que serão fertilizados. As subfases são representadas por R1 até R6, as quais indicam a aparência dos grãos (Magalhães, 2002). Veja-se, de forma mais detalhada, na imagem<sup>14</sup> 03.

Figura 3 - Etapas de desenvolvimento da planta do milho



Fonte: Mais soja (2020), Adaptado de Fancelli (1986) e Iowa State University Extension (1993)

Para se desenvolver, a cultura (planta) precisa de calor, com temperatura entre 24°C e 30°C, e de umidade, tendo em vista que a quantidade de água utilizada por uma planta no decorrer do seu ciclo é de

<sup>14</sup> Cf.: <https://maissoja.com.br/desenvolvimento-da-cultura-do-milho-estadios-reprodutivos-e-desenvolvimento-dos-graos/>

cerca de 600 mm (Aldrich *et al.*, 1982), uma vez que a água é essencial nas três etapas de desenvolvimento do cereal. Logo, a falta de água afetaria drasticamente a produção. Esse estresse hídrico<sup>15</sup> é provocado pela elevação da temperatura que faz com que a água evapore pelo solo, impedindo sua absorção, além de causar a evapotranspiração da cultura (ETc) (Borghi, Magalhães e Pereira Filho, 2023, p. 10).

Em suma, a planta do milho apresenta uma série de características que são fundamentais para uma boa colheita. A aquisição dessas informações, somada às condições ecológicas e a modernização de técnicas e ferramentas agrícolas, tem proporcionado uma rentabilidade significativa para esse mercado. Nesse ponto de vista, presumimos ser de extrema importância para o homem do campo buscar conhecimentos a respeito das exigências térmicas, dos métodos adequados de manejo e irrigação do solo, da fenologia da cultura, isto é, as fases de desenvolvimento da planta, e ter ciência de como utilizar os insumos (herbicidas, fertilizantes, fungicidas, inseticidas) e certificar-se da época da colheita, por exemplo. A título de informação, também cabe relatarmos, para o leitor interessado, a história do surgimento desse fruto e como se deu essa descoberta, bem como as contribuições indígenas durante todo esse processo. É o que apresentamos no tópico que segue.

## **2.2 Origem do *Zea mays* L.**

Há muitas discussões em torno da origem e evolução da gramínea. As opiniões apontam divergências do local onde a planta foi inicialmente cultivada, se nos Estados Unidos ou na Bolívia, se foi no Paraguai, na Colômbia ou no Brasil. Há ainda quem defende que o grão nasceu na Índia ou na China, o que “não é cousa também razoável, porque só fora ali também mencionado meio século depois da descoberta da América, muito depois portanto da passagem dos portugueses por esse país” (Mendes, 1934, p. 223, correção nossa<sup>16</sup>). Contudo, a maioria dos pesquisadores afirmam que a planta é proveniente da região central da América, especialmente da localidade que hoje corresponde

---

<sup>15</sup> Insuficiência de água para suprir todas as necessidades da planta.

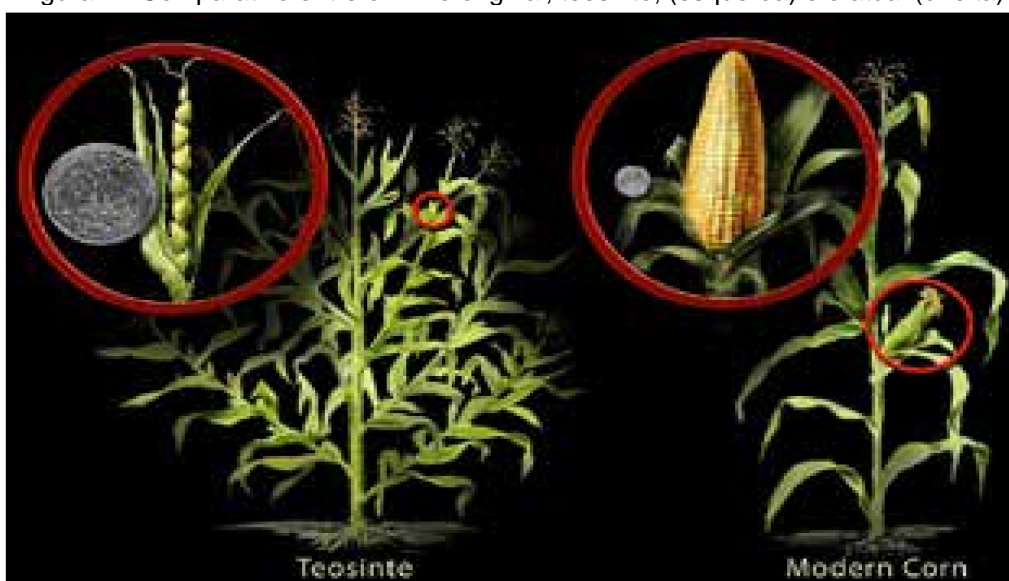
<sup>16</sup> O texto original apresenta as grafias “tambem”, “razoavel”, “ahi”, “seculo”, “America”, “portuguezes” e “pais”.

ao México, há mais de 7.500 anos. Em conformidade com Cascudo (1967, p. 117), “Não encontraram nenhum tipo mais velho e rudimentar que o deparado na cueva Bat, San Agustín, Novo México. O milho está ‘cultivado’ há cinquenta séculos na América”.

De igual modo, Paterniani (2000), Freitas (2002) e Mendes (1934) alegam que a planta é nativa da região da Mesoamérica, tendo sido cultivada pelas civilizações pré-colombianas e disseminada pelo restante do mundo somente após a vinda dos portugueses ao continente americano, os quais ainda não tinham conhecimento a respeito deste produto. À luz dessas declarações, não há o que contestar, pois de fato “Êsse milho, *Zea mayz*, é uma revelação ameríndia, e nenhum outro povo da terra o provou antes que o Nôvo Mundo aparecesse.” (Cascudo, 1967, p. 115).

Importa acrescentarmos que pesquisas arqueológicas estimam que o milho tenha surgido a partir de uma planta selvagem muito antiga, o teosinto, cuja descendência também foi bastante debatida entre os estudiosos, uma vez que a espiga dela é magrinha, com poucos grãos e bem protegidos por uma casca dura, totalmente diferente do milho que é conhecido hoje (Melchior, 2017), conforme demonstrado na figura 04.

Figura 4 - Comparativo entre o milho original, teosinto, (esquerda) e o atual (direita)



Fonte: Melchior (2017, p. 17). Crédito: Nicolle Rager Fuller, National Science Foundation

Embora essas questões ainda levantassem dúvidas entre pesquisadores, o geneticista e, posteriormente reitor da Universidade de Chicago, George W. Beadle, a partir de 1930, realizou descobertas que comprovaram o grau de parentesco entre as plantas. O estudioso percebeu que os cromossomos são muito parecidos, tão logo foi feito o cruzamento entre o teosinto e o milho e entre os híbridos. O resultado foi a produção de 50 mil cultivares que se assemelhavam às duas plantas e que havia apenas quatro ou cinco genes que causavam as disparidades entre elas.

Anos depois, botânicos realizaram testes de DNA com 60 amostras de teosinto e tipos de milho. O efeito foi promissor, porque demonstrou que todos os milhos eram mais semelhantes a uma espécie de teosinto encontrada no vale do rio Balsas, localizado no Sul do México, onde provavelmente foi o berço da evolução do cereal, o qual foi domesticado há 9 mil anos.

A partir desse momento, escavadores se dirigiram ao local em busca de mais evidências. Foi então que descobriram diversas ferramentas com resíduos de milho no abrigo Xihuatoxtla.

No Brasil, também foram encontradas espigas de milho arqueológicas durante as escavações realizadas nas cavernas Lapa do Boquete, Lapa do Caboclo e Lapa da Hora, no Vale do Peruaçu, distrito de Januária, MG. São sítios arqueológicos que, apesar do tempo, apresentaram ótima conservação de matéria vegetal, em função da presença de minerais do calcário nos locais, o que permite a elevação do pH das cavernas, contribuindo para a preservação delas. Destacamos duas dessas espigas, com idade de  $1010 \pm 40$  anos, achadas no mesmo silo (reservatório subterrâneo para armazenamento de material orgânico), mas com características físicas distintas, como a cor e o formato dos grãos. Isso revela que as civilizações antigas cultivavam diferentes espécies do cereal (Freitas, 2002).

De acordo com a historiadora literária Sheila Moura Hue (2008), os primeiros habitantes do novo mundo chamavam o milho de *avati/abati*, que em tupi significa “cabelos brancos”, apontando para os fios das espigas do milho. Na verdade, a palavra “milho” vem do latim vulgar *miliun*, originário do numeral mil, fazendo referência à grande quantidade de grãos nas espigas. Outras nomenclaturas surgiram para o grão, porque os relatos escritos sobre as delícias das novas terras eram feitos com base no que os estrangeiros já

tinham conhecimento: *milho-zaburro* (sorgo), *milho-painço* ou *milhete*, *milho-miúdo*, *milho de Bissau*.

Os nativos usavam o *avati* no preparo de papas, mingaus e de uma bebida forte. Também faziam o consumo dele assado, cozido ou moído. Esse cereal também estava presente nos rituais, nas guerras, nos mitos e nas lendas destes povos, ganhando protagonismo nas narrativas. Para alguns grupos, houve um herói que descobriu essa preciosidade, cujo nome era Abati, daí o nome da planta. Acrescentamos o fato de que esse alimento, por ter a capacidade de rápida e farta produção, e de não exigir muita técnica para o cultivo e consumo, exercia um papel fundamental na vida dos indígenas. Eles podiam transportar o *avati* com facilidade, sem a necessidade de consumi-lo somente nas aldeias. Nesse sentido, o

Abati, como o milho era conhecido entre os tupis-guaranis, ocupava uma posição central no sistema de vida desses povos. O seu poder germinativo, aliado à rapidez e à facilidade de seu cultivo, fez com que ele se adequasse perfeitamente ao ideal de vida nômade. As características “miraculosas” dessa planta se adaptavam aos pilares da vida social desses indígenas, especialmente aqueles que habitavam regiões do interior do continente que, posteriormente, viria a ser conhecido como Brasil (Melchior, 2017, p. 51).

Dessa forma, a cultura do milho fazia parte da identidade dos nativos, pois representava um marcador cultural que abrangia não só a alimentação deles, mas a religiosidade, as festividades, o trabalho, enfim, a vida cotidiana de pessoas que viviam nas matas e tinham habilidades com a caça, a pesca, com plantações e outros aspectos relacionados à natureza. São diversificadas as formas de uso do grão, desde seu uso entre as populações indígenas até os dias atuais. Gabriel Soares de Souza (1971), na Bahia, citou pormenores da planta, como também expôs suas utilidades para seus primeiros consumidores.

As espigas que este milho dá são de mais de palmo, cuja árvore é mais alta que um homem, e da grossura das canas da roça, com nós e vãs por dentro; e dá três, quatro e mais espigas destas em cada vara. Este milho se planta por entre a mandioca e por entre as canas novas de açúcar, e colhe-se a novidade aos três meses, uma em agosto e outra em janeiro. Este milho come o gentio assado por fruto, e fazem seus vinhos com ele cozido, com o qual se embebedam, e os portugueses que comunicam com o gentio, e os mestiços não se desprezam dele, e bebem-no mui valentemente. [...]. Plantam os portugueses este milho para manutenção dos cavalos e criação das galinhas e cabras, ovelhas e porcos; e aos negros de Guiné o dão por fruta (Souza, 1971, p. 182).

Os integrantes das comunidades nativas compartilhavam das mesmas propriedades, isto é, terra, rio, floresta, instrumentos. A pessoa só poderia desfrutar desses bens se fizesse parte do grupo, denominado de clã. Então, um desconhecido não podia plantar em um solo que pertencesse a esse determinado povo. Eles eram unidos por laços familiares, pelo dialeto, ideologias, crenças e pelos costumes. Além disso, havia entre eles uma organização quanto as tarefas laborais, realizadas conforme o sexo e a idade. Os homens caçavam, pescavam, construía as moradias, produziam as ferramentas necessárias e preparavam o solo para as plantações. As mulheres eram responsáveis pelo cultivo, pela coleta dos frutos e pela moagem e cozimento dos grãos. Os idosos produziam cestos que serviam para a coleta de frutas (Aquino; Lemos; Lopes, 2008).

Outrossim, faziam-se rituais com frequência durante o preparo de algumas receitas, como acontecia na fabricação do *cauim* de milho (ou *chicha*), bebida fermentada muito consumida pelos indígenas, sobretudo durante as festas, pelos colonos e também por viajantes. Cascudo (1967, p. 114) relata que durante a produção do vinho, as moças e as velhas mastigavam os caroços cozidos do milho que depois eram fermentados e fervidos. André Thevet narra detalhadamente esse processo. Segundo o estudioso, a produção desse “vinho” era o principal uso do milho entre os nativos.

Depois de ferver o milho em enormes vasos de argila engenhosamente fabricados e que têm a capacidade de um moio, algumas donzelas mastigam os grãos cozidos, cuspidos em seguida em outra vasilha apenas para este fim. No caso de ser chamada alguma mulher casada para colaborar nesta tarefa, é necessário que ela se abstenha das relações com seu marido durante alguns dias; caso contrário, a bebida jamais alcançaria a necessária perfeição. Feito isto, fervem novamente o líquido até que ele esteja purgado, como se faz entre nós ao vinho do tonel. Só tomam a bebida alguns dias depois do seu preparo (Thevet, 1978, p. 89).

Essa técnica de mastigar o milho na produção da cerveja era demasiadamente relevante para os índios de todo o continente americano; não se podia pular essa etapa, pois, de modo contrário, a bebida não chegaria ao nível ideal exigido. Ademais, era um procedimento semelhante à fabricação da bebida fermentada à base de mandioca. Rituais como esse eram bastante recorrentes entre as comunidades tribais, principalmente nos preparos mais

complexos. Silva (2017, p. 65), concorda e destaca que entre os guaranis existiam “vários tipos de preparo e os muitos rituais, comprovando a centralidade desse cereal”. São ritos ainda hoje marcados por cantos, danças, feitos inusitados que carregam uma simbologia para essas populações. O milho ainda estava presente na arte das comunidades pré-colombianas que o desenhavam nas cerâmicas. Era comum o hábito artístico de retratar o *Zea mays* nas cerâmicas andinas (Grobman *et al.*, 1961; Eubanks, 1999).

Basso (2021) reitera que os colonos também usufruíam cotidianamente desse alimento, com ênfase para um tipo de milho que “é sempre mole” e que era constantemente usado na receita conhecida hoje como canjica ou canjiquinha, o qual é mais delicioso que o arroz. Hue (2008) já revela que foram os nativos que ensinaram os europeus a curar “boubas” (sífilis) através de um remédio feito do milho.

Suassuna e Carlos Alberto Dória (2021, p. 42), paralelamente, destacam preciosas informações no que concerne ao cultivo do *abati* pelas civilizações primitivas. Os pesquisadores comunicam que, após a sistematização colonial, instalou-se um sistema de subsistência com predominância de pequenas posses familiares, “onde a proximidade alimentar com a tradição guarani persistiu de forma notável e duradoura”. Adicionalmente, alguns hábitos indígenas permaneceram entre os caipiras, incluindo técnicas de preparo de novos solos para roçados, como a *coivara*, que consiste na derrubada de uma área florestal que em seguida é queimada para então se realizar o cultivo de roças. Esse método permaneceu, embora parecesse ilógico para os colonizadores (Suassuna e Dória, 2021).

Os autores ainda elucidam que o cereal ainda não recebeu o devido reconhecimento como alimento essencial e que isso é um problema antigo, de ordem identitária, mas que ainda perdura na contemporaneidade. A discussão gira em torno do que pode ser considerado ou não um traço cultural na construção da identidade de um povo, especificamente, das tribos nativas, haja vista que quase sempre são consideradas apenas características físicas (cor da pele ou tipo de cabelo) e aspectos notadamente culturais (língua, religião e costumes) como meios de legitimação da individualidade que diferencia determinado grupo étnico. Todavia é necessário reconhecermos não somente essas marcas já validadas, mas, de igual modo, considerarmos os demais

costumes, a exemplo da predileção alimentar. Sabermos que, entre os hábitos particulares dos povos, há evidentemente

preferências e tabus alimentares, de sorte que não é estranho considerarmos que preferimos este ou aquele alimento, em oposição a outros povos. Os incas – que comiam milho – se referiam aos *huanca*, uma cultura do centro do Peru, como *algo-mikhoq*, ou “comedores de cachorro”, o que lhes provoca grande aversão (Suassuna e Dória, 2021, p. 4).

Outro ponto que julgamos relevante e digno de ser comentado é a dura escravização imposta aos indígenas, que tiveram suas terras e vida invadidas pelos homens do velho mundo. Nessa ocasião, a identidade dos primeiros fora ultrajada pelos segundos, em que prevalecia “o domínio do ferro e da pólvora diante de povos que tinham como armas apenas bordunas, machados de pedra e arco e flecha” (Suassuna e Dória, 2021, p. 5). Diante dessas disparidades, os que se consideravam visivelmente mais fortes estabeleciam a identidade dos mais fracos, obrigando-os a adotar seus valores e modos de vida. Um exemplo disso foi a catequização compelida aos guaranis, revelando uma rejeição e intensa oposição às religiões animistas<sup>17</sup>; outro fato foi a forte intromissão jesuítica na alimentação dos povos catequizados, como a inclusão do leite e do queijo (Suassuna e Dória, 2021).

A princípio, os colonizadores precisavam manter boas relações com os anfitriões, subordinando-se, mesmo contra suas vontades, aos modos de vida e conhecimento das populações primitivas, assim como de seus produtos, utensílios e macetes. Para isso, se permitiram aprender com os donos da casa as técnicas agrícolas e maneiras de sobreviver em meio à natureza. Depois, os invasores iniciaram trocas (injustas) com os nativos, o que foi denominado de escambo. Nessa época, não havia o sistema monetário, os índios faziam suas negociações por meio de permutas ou trocas de mercadorias ou serviços. Assim, eles faziam a derrubada e o transporte da árvore pau-brasil para os colonos portugueses, que “pagavam” com objetos como espelhos, facas, etc. Os estrangeiros estavam ávidos por explorar as riquezas locais, e a única mão-de-obra era a indígena. Por isso, começaram a fazer ameaças e a usarem de

---

<sup>17</sup> Crenças que tem como características a ligação com a natureza e o culto aos ancestrais. (Bergamaschi; Zen; Xavier, 2012).

violência para forçar os nativos a trabalharem para a Coroa portuguesa. Muitas tribos se negaram a essa subserviência, tendo suas vidas dizimadas pelos opositores bárbaros. Outros, para escaparem da escravidão e da morte, fugiram para o interior do país. Aqueles que foram escravizados não conseguiram se adaptar ao modelo de trabalho exigido, levando ao fracasso esse sistema opressor. Foi então que os portugueses foram à África para uma busca hedionda dos seus habitantes no intuito de obter mão-de-obra escrava.

Esse contato entre brasileiros, portugueses e africanos proporcionou o avanço no uso do grão. Diversas receitas foram sendo aprimoradas e inventadas. Cascudo (1967) explicita que:

Os aproveitadores do milho foram os portugueses (bolos, canjica, pudins) e os africanos (papas, angus, mungunzás). Gentes que o tiveram da mão indígena. A bebida do milho era elemento festivo, exigindo convivência e colaboração coletiva para fabricação e consumo. Não se tratava de alimento cômodo e normal. Gabriel Soares de Sousa fala em "tapuias" da Bahia que não plantavam mandioca e sim milho (Cascudo, 1967, p. 114).

Após o contato dos espanhóis e portugueses com os ameríndios, o *Zea mays* foi difundido pela Europa e demais continentes, em um processo gradativo. Aqueles que gozavam de maiores recursos conseguiam ter maior reprodução e, assim, disseminar a cultura para as populações mais próximas que ainda praticavam a caça, pesca e coleta. Nesse momento, iniciou-se o processo de miscigenação dos povos, o desenvolvimento de novos procedimentos agroextrativistas, bem como de novos termos agrícolas, para designar plantas, técnicas ou instrumentos de uso. Isso gerou uma transferência de culturas e empréstimos de palavras. Nas viagens marítimas em busca de novas terras para serem colonizadas, os europeus realizavam o intercâmbio de produtos alimentares, difundindo, assim, o *Zea mays*.

Para Melchior (2017), as comunidades primitivas muito contribuíram para a sobrevivência dos colonos no continente local, sobretudo durante as viagens aos sertões brasileiros, onde a comida era escassa e havia dificuldade de abastecer alimentos, somado à inabilidade desses viajantes em viver na natureza. Nessas circunstâncias, o grão foi fundamental para a manutenção desses povos nas zonas interiorizadas da América, não sendo difícil

reconhecer a importância da adoção não só dos produtos nativos, mas, de um modo geral, de toda sua cultura alimentar – plantação de roças de subsistência, técnicas de conservação e preparo – em um momento específico da história da colonização portuguesa, nas expedições rumo ao sertão e na ocupação de novas terras. Na estabilidade dos primeiros núcleos de povoação ou na mobilidade sertanista, a adoção pelos estrangeiros de alimentos nativos garantiu a sobrevivência e a melhor adaptação dos europeus às adversidades e possibilidades proporcionadas pelo meio. Entre as várias contribuições indígenas, certamente o milho ocupou um papel central (Melchior, 2017, p. 52).

Nesse período, o cereal tornou-se obrigatório nas expedições sertanistas, em decorrência de sua facilidade de adaptação geográfica e de transporte, assim como de sua alta produtividade e rápido crescimento. Também representava subsistência aos escravos indígenas e africanos, além de servir como ração aos cavalos e demais animais domésticos. O milho ainda proporcionava múltiplas comidas com pouca elaboração e podia ser armazenado devido ao processo de secagem, o qual aumentava a durabilidade do grão.

Ao longo do percurso, os expedicionários faziam paradas improvisadas para as roças de milho, já que quase não havia suprimentos nas localidades. Não raro, alguns viajantes se adiantavam do comboio para plantar milho nos caminhos. Sempre que podiam, “aproveitavam para plantar e roçar o milho, porém, sempre de maneira rápida, para não comprometer a jornada” (Melchior, 2017, p. 55). Essa foi uma excelente estratégia que esses grupos encontraram para livrá-los das adversidades do sertão, “pois garantia uma maior abundância de mantimento nos caminhos, tornando a viagem mais tranquila” (Melchior, 2017, p. 55), em oposição à mandioca, que tinha que ser transportada em ramas e o ciclo era muito tardio. A autora ainda relata que, em busca das minas, os integrantes das equipes se instalaram nas regiões minerárias, onde adotaram o “complexo do milho paulista” (junção de milho, feijão, galinha e carne de porco), o que deu origem a muitos povoados, como o Itaverava.

A variedade de produtos confeccionados do milho sem grandes tratos culinários era imensa. De canjica a bolos, passando pela tão afamada pamonha. Mas, pelo que as fontes documentais nos revelam, a canjica parece ter sido a forma dominante de consumo da gramínea indígena entre os colonos descendentes de portugueses. Para a sua elaboração, não havia necessidade de promover adaptações nos processos técnicos já praticados pelos indígenas, que a faziam a partir da utilização do pilão manual (Melchior, 2017, p. 56).

Silva (2017) conta que as expedições bandeirantes caracterizam o período em que mais o milho foi explorado. As sementes representaram a salvação alimentícia ao longo da expansão paulista. As maneiras mais comuns de tratar o grão adotadas pelos primeiros americanos foi o uso do pilão e do moinho de pedra, movido de forma braçal, a princípio. Com a chegada dos colonos, esses moinhos já eram maiores e demandavam de força motriz hidráulica para funcionar. O monjolo foi a principal técnica aplicada durante a colonização pela sua eficiência no processamento do grão. Com a rápida povoação nas zonas auríferas, foi necessário buscar do exterior artifícios mais eficazes para a moagem do cereal, por isso passaram a introduzir o monjolo e os moinhos. Com isso, a farinha de milho ganhou destaque, se tornando alicerce na dieta desses povos. O viajante britânico João Mawe (1922) descreve o expressivo papel do milho à época das expedições.

Eis o seu trivial: ao almoço feijão preto misturados com farinha de milho e um pouco de salgado de toucinho frito ou de carne cozida; ao jantar, um pedaço de porco assado; derramam água em um prato de farinha de milho... Alimentam os negros, ao almoço e á ceia com farinha de milho misturada com água quente, na qual põem um pedaço de toucinho... Uma hora depois do jantar, preparam a lenha para queimar, debulham o milho e se ocupam em outras tarefas de casa... A farinha de milho, que constitui seu alimento principal, me pareceu de tão bom paladar e tão nutritiva que tive a curiosidade de conhecer o seu preparo... Ora essa! enquanto houver milho e água, não morrerão de fome (Mawe, 1922, p. 61-62 e 72).

Portanto, concluímos que o milho apresentou expressivo valor para o sistema de vida dos indígenas, bem como para os colonos, ainda que esses demorassem a aceitá-lo como alimento, haja vista que fora “desmerecido como comida de gentes nativas, escravos e animais” (Melchior, 2017, p. 60), além de apresentar simplicidade no seu cultivo e preparos culinários. Isso justifica o fato de o grão ser colocado à margem e pouco valorizado naquele período, o que reverbera ainda hoje. Mas podemos negar que o grão fora uma excelente herança deixada pelos nativos americanos, e que, ao ser propagado, mudou para sempre a alimentação da humanidade. Além disso, foi a via de escape antes e depois da vinda dos europeus ao Novo Mundo. Também não podemos esconder a multiplicidade de usos e benefícios oferecidos por esse alimento tão vital, como informamos no tópico terceiro.

## 2.3 Benefícios e utilidades do grão

*Quem tem milho tem farinha,  
Quem tem farinha tem pão.<sup>18</sup>*

O *Zea mays* oferece um aproveitamento praticamente integral, desde o fruto até os restos da planta, o que se reflete na economia e na saúde do organismo humano, apresentando ainda características substanciais para a vida.

Grande parte da produção é destinada à alimentação de animais, nas indústrias de rações. As espigas que não são comercializadas são aplicadas no plantio direto, como cobertura do solo, ou são trituradas para compor silagem. A palha é aproveitada como fertilizante agrícola, protegendo e preservando o solo, como alimento para coelhos ou como recurso para artesanato.

O milho-verde possui uma ampla versatilidade, podendo ser consumido assado ou cozido, usado na forma *in natura* ou como um componente para o preparo de inúmeros alimentos caseiros, como bolos, pães, pamonhas, mingaus e biscoitos. Também está muito presente na industrialização de uma série de alimentos. O cereal ainda serve de matéria-prima para a produção de diversos derivados como o etanol, óleos e adesivos. Dessa forma, o grão é classificado como uma excelente opção alimentícia, com diversificação de uso e altas qualidades nutritivas, além de representar lucratividade para o mercado local e nacional, contribuindo significativamente para a economia do país.

A Tabela 1 apresenta umas das múltiplas utilidades proporcionadas pelo milho.

Tabela 1 - Os diversos usos do milho

<b>Destinação</b>	<b>Forma/Produto Final</b>
Uso Humano Direto de Preparo Caseiro	Espiga assada ou cozida; Pamonha; Curau; Pipoca; Pães; Bolos; Broas; Cuscuz; Polenta; Angus; Sopas; Farofa.
Indústria de Alimentos - Produtos Finais	Amidos; Fubás; Farinhas comuns; Farinhas pré-cozidas; Flocadas; Canjicas; Óleo; Creme; Pipocas.
Xarope de Glucose	Balas mastigáveis; Goma de mascar; Doces em pasta; salsichas; salames; Mortadelas; Hambúrgueres; Biscoitos;

<sup>18</sup> Cf.: Cascudo, 1967, p. 116.

	Xaropes; Sorvetes.
Xarope de Glucose com alto teor de maltose e Corantes Caramelo	Refrigerantes; Cervejas; Bebidas alcoólicas; Molhos.
Maltodextrinas	Aromas e essências; Sopas desidratadas; Pós para sorvetes; Complexos vitamínicos; Produtos achocolatados.
Amidos Alimentícios	Biscoitos; Melhoradores de farinhas; Pães; Pós para pudins; Fermento em pó; Macarrão; Produtos farmacêuticos; Balas de goma.
Amidos Industriais	Papel; Papelão ondulado; Adesivos; Fitas Gomadas; Briquetes de carvão; Engomagens de tecidos; Beneficiamento de minérios.
Pré-Gelatinizados	Fundição de peças de metal.
Adesivos	Rotulagem de garrafas e de latas; Sacos; Tubos e tubetes; Fechamento de caixas de papelão; Colagem de papel; madeira e tecidos.

Fonte: Jornal Agroceres (1994)

Como vemos na tabela, com as composições do milho é possível fazer uma série de subprodutos que não estão voltados apenas para o setor alimentício, como na produção de carnes processadas, refrigerantes, corantes e cervejas. O milho também é utilizado na fabricação de outros produtos, como o adesivo, o papelão e sacos. E, hoje, a tendência é expandir ainda mais esses mercados, já que a atividade com o grão vem crescendo a cada dia. O uso do milho vai além do preparo de receitas, bebidas e demais produtos industriais, o cereal ainda oferece variados benefícios à saúde. Em conformidade com Sousa (2020) são

diversas formas de aproveitamento do milho, que atende tanto a alimentação humana quanto a alimentação animal, em que é significativamente incluído como principal fonte de energia. Sua inclusão nas dietas alimentares pode variar de 70% a 90%, dependendo da região do País e do mundo.

O milho é considerado um dos cereais mais nutritivos para o consumo humano e proporciona vários benefícios à saúde. Os grãos são ricos em energia, carboidratos, proteínas, vitaminas, sais minerais e fibras, que são importantes para o funcionamento e manutenção do intestino humano (Sousa, 2020, p. 15).

Em relação aos valores nutricionais, estão concentrados principalmente na semente do milho que possui a maior quantidade de vitaminas do complexo A e B, além de minerais - magnésio, fósforo e potássio - gorduras puras, fibras, açúcares e aminoácidos (Cruz *et al*, 2008). É uma excelente fonte de energia

para o organismo humano. Suas propriedades têm a capacidade de melhorar a condição física das pessoas que o consomem, ajuda a controlar a pressão arterial e os antioxidantes protegem as células saudáveis do corpo. A casca do grão é rica em fibras, essencial para a expulsão das toxinas presentes no organismo. O milho ainda está presente nas fábricas farmacêuticas.<sup>19</sup>

Os nutrientes do cereal contribuem para a saúde dos olhos, do coração (prevenindo doenças cardíacas) e do intestino, pois as fibras auxiliam na flora intestinal, evitando prisão de ventre e reduzindo o colesterol ruim (LDL). Ajuda a manter a saúde da pele e a prevenir a diabetes e o câncer. Diminui os índices de anemia e é um forte aliado no processo de emagrecimento, uma vez que aumenta a sensação de saciedade, como também adia o envelhecimento. Cruz *et al* (2008) explica que

O óleo de milho possui uma composição de ácidos graxos que o define como de grande importância para a dieta humana, principalmente para a preservação de doenças cardiovasculares e o combate ao colesterol sérico elevado. Outro importante aspecto dos lipídeos no milho está relacionado ao conteúdo dos tocoferóis (vitamina E) e dos carotenóides... possuem ação anticâncer, devido à sua propriedade antioxidante (...) sendo importantes na integridade da mácula, garantindo a manutenção da visão e a prevenção da degeneração macular, doença que aflige especialmente os idosos, e que leva à cegueira (Cruz *et al*, 2008, p.55 e 56).

Em vista disso, no convencemos de que o grão é um produto de grande valor no mundo; seu consumo beneficia o homem e os animais, na saciedade da fome, na saúde do corpo e na geração de lucros. É um produto indispensável e rico para a humanidade, em especial para os maranhenses, que reconhecem esse valor e usufruem da gramínea de forma abundante. Na quarta seção deste capítulo, explicamos essa grandeza com mais precisão, apresentando dados e informações consideradas relevantes sobre a realidade produtiva do milho no Maranhão.

---

<sup>19</sup> Cf.: Sindicato da Indústria do Milho, Soja e seus Derivados no Estado de São Paulo. SINDMILHO & SOJA. Milho e suas riquezas – História. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/sindmilho/sobre-o-sindmilho/curiosidades/milho-e-suas-riquezas-historia/#:~:text=%C3%89%20largamente%20utilizado%20na%20produ%C3%A7%C3%A3o,s%C3%A3o%20ocasionalmente%20cultivadas%20na%20jardinagem>. Acesso em: 25/fev/25.

## 2.4 Produção no Maranhão

O Maranhão é uma terra permeada por lagos, rios, fauna, flora e terras férteis, onde prevalece a agricultura familiar. A cultura do milho é uma atividade agrícola de grande relevância para a economia maranhense, pois ajuda no abastecimento interno e na geração de lucros com vendas externas. No Maranhão, de igual modo, o milho possui diversas aplicações, de alimentação humana e animal à matéria-prima para indústrias.

No primeiro semestre de 2023, o estado exportou 6% do total nacional, indicando o potencial de expansão que vem sendo alcançado. De acordo com o 12º Levantamento da Safra de Grãos (2023) da CONAB, o Maranhão está entre os dez estados brasileiros que mais produziram milho na safra 2021/2022. O estado que lidera essa relação é o Mato Grosso, com uma produção significativa de 33,8 milhões de toneladas. Já na categoria regional, o Maranhão ocupou o segundo lugar do ranking, com 1,05 milhões de toneladas, perdendo apenas para a Bahia, que produziu 1,25 milhões de toneladas. A Tabela 2 mostra o comparativo de produção nacional, regional e estadual.

Tabela 2 - Safras de milho produzidas (t) em 2020 e 2021 no Brasil, nordeste e Maranhão

<b>QUANTIDADE PRODUZIDA EM TONELADAS</b>		
	<b>2020</b>	<b>2021</b>
<b>Brasil</b>	103.991.747	88.461.943
<b>Nordeste</b>	8.825.143	8.228.810
<b>Maranhão</b>	2.177.432	2.267.556

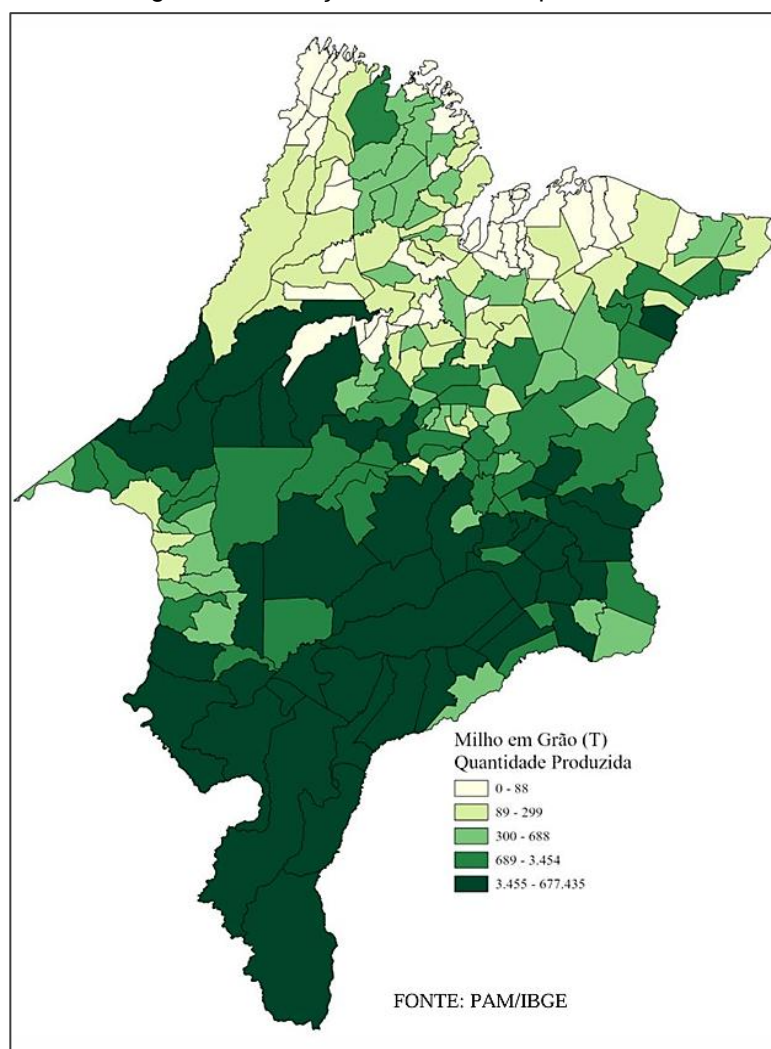
Fonte: Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal In SAGRIMA (2022), adaptada

Segundo dados da Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária (SAGRIMA), houve um aumento na produção de milho da região, na safra de 2021, destacando-se as cidades de Balsas, com 677.435 toneladas, Tasso Fragoso, com 327.550 toneladas e São Raimundo das Mangabeiras com 160.418 toneladas.

Um das causas desse crescimento são as técnicas empregadas durante o cultivo, como o consórcio com outras culturas, especialmente com a

do arroz, do feijão ou com a da mandioca; essa prática é bastante comum no estado. Ademais, o tempo para o cultivo também é um fator fundamental para uma boa produção. Para a localidade, recomenda-se o plantio da safrinha de milho até o final do mês de fevereiro. A colheita ocorre entre o dia 20 de junho e o final de julho. A produção acontece em praticamente todo o estado, sobretudo na região centro-oeste, sudeste e sul (SAGRIMA, 2022).

Figura 5 - Produção em toneladas por área



Fonte: SAGRIMA (2022), adaptado de PAM/IBGE

Como podemos ver, a cultura do milho tem destaque estadual pela produção expressiva, principalmente na região sul. A plantação e venda do milho-verde é um importante meio de subsistência de muitas famílias maranhenses. Geralmente, esses agricultores estão acostumados a primeiro

fazer o plantio de arroz nas partes encharcadas pelas chuvas, para depois operar com um cultivo de ciclo curto, como o do milho-verde (Sousa, 2020).

No estado do Maranhão, principalmente na região da Baixada Maranhense, o milho-verde é parte da economia dos agricultores familiares e dos micros e pequenos negócios de produtos hortícolas. Nessa região, centenas de famílias, tanto do meio rural quanto urbano, têm no milho-verde uma fonte certa para geração de renda. Algumas famílias vivem somente da produção do milho-verde para abastecer as feiras e outros mercados, enquanto outras agregam valor a esse produto e vendem para o consumidor como milho-verde assado ou cozido, na forma de canjica, pamonha, mingau, sorvete, bolo e suco. Nas rodovias próximas das áreas urbanas, é perceptível a presença de boa parte desses micros e pequenos empreendedores com suas vendas praticamente durante o ano todo (Sousa, 2020, p. 18).

A mão-de-obra familiar contribui bastante para a atividade agroextrativista, pois diminui os gastos e aumenta a produtividade, assim como a rentabilidade. Dessa forma, são variadas as vantagens do agronegócio com o milho-verde para os pequenos e médios agricultores locais, a exemplo do excelente preço de mercado, do aumento da procura pelo produto *in natura*, crescente industrialização de conservas alimentícias, além de “movimentação do comércio, do transporte, da indústria caseira e de outras atividades ligadas à agricultura familiar.” (Sousa, 2020, p. 16).

Essa alta produtividade também se deve pelo avanço tecnológico no campo, que vem se evidenciando cada vez mais. Os agricultores maranhenses vêm adotando novas práticas de cultivo, optando por procedimentos mais modernos, entre os quais estão o uso de fertilizantes e defensivos agrícolas, a utilização de sementes híbridas, isto é, o cruzamento de duas sementes puras (que não foram alteradas geneticamente) e, ainda, a técnica do plantio direto<sup>20</sup>, visando à redução do impacto causado pelo uso de máquinas agrícolas.

Nesse cenário, conforme as pesquisas videográficas da cultura no Maranhão, percebemos que muitos trabalhadores de outros estados brasileiros têm se instalado em terras maranhenses e investido no mercado agrícola. De igual modo, o agronegócio vem atraindo diversas empresas do ramo agroextrativista para esses territórios, oferecendo maquinário agrícola como

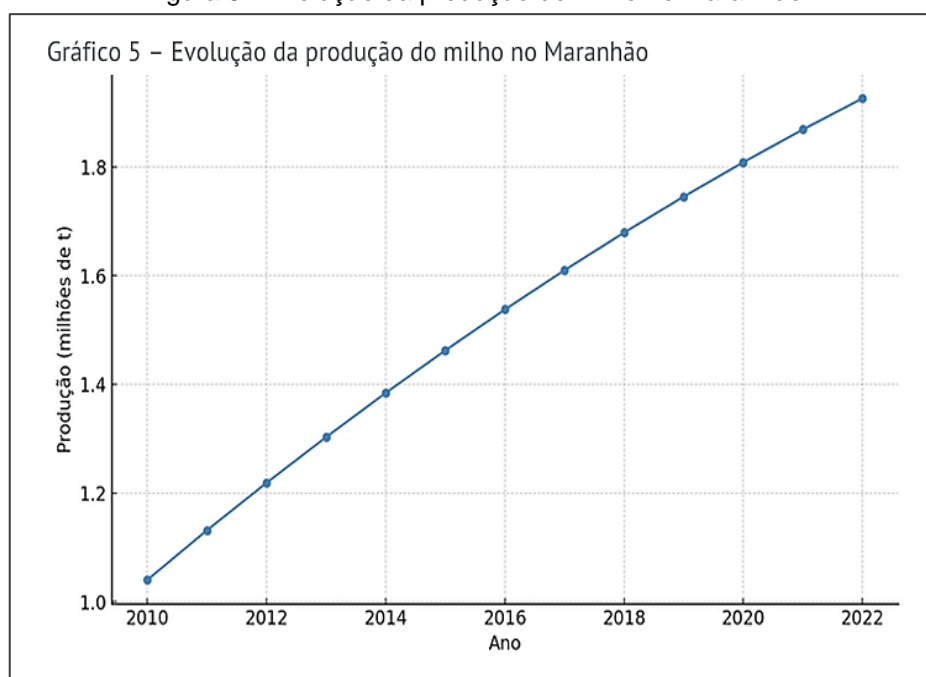
---

<sup>20</sup> Sistema de cultivo que prioriza a ausência ou redução do revolvimento do solo, o uso de *cobertura orgânica* (restos de plantas) no solo e a *rotação de culturas* (sequência de plantio de diferentes plantas em uma mesma área).

tratores, plantadeiras, colheitadeiras, carretas, drones etc. Acrescentamos a isso o surgimento de cursos profissionalizantes e de capacitação que visam a preparar e instruir os profissionais do campo para o manuseio dessas ferramentas.

A ampliação do cultivo na região maranhense é percebida na evolução produtiva do milho de 181% no período que corresponde entre 1990 e 2003. (Cuenca *et al*, 2005). Houve uma elevação expressiva na produção de 2012 até 2022, como mostra o gráfico.

Figura 6 - Evolução da produção do milho no Maranhão



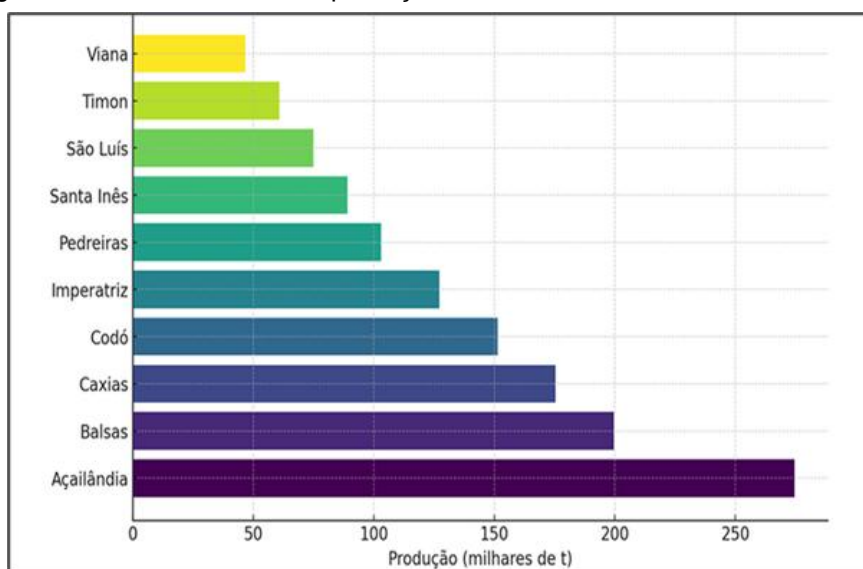
Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2023) In Observatório Portuário – UFMA (2023)

Apesar do crescimento satisfatório da atividade no território maranhense, importa reconhecermos que ainda se precisa de aprimoramentos nos âmbitos infraestrutural, comunicacional e financeiro. Na Baixada Maranhense, por exemplo, alguns agricultores operam sistemas de produção somente com base nas suas experiências, utilizam técnicas de forma consideravelmente empírica, sem o uso de muita tecnologia nos tratamentos culturais (Sousa *et al.*, 2020).

Dentre os municípios maranhenses que vem se destacando na produção do grão estudado nesta pesquisa, está o município de Açailândia, localizado na zona sul do estado, a 566 km da capital, São Luís. Em consonância com as

aferições da CONAB e empresas locais, a cidade tem expandido sobremaneira o total de área plantada, aumentando a cada ano a semeadura, graças ao solo naturalmente fértil e de ótima qualidade, boas condições de infraestrutura de escoamento, além de sua topografia plana, o que resulta na diminuição de gastos com terra e na maior eficácia do plantio. A estimativa é de 11.000 a 12.000 hectares de área plantada e de 1.5 milhões de sacas de milho.<sup>21</sup>

Figura 7 - Cidades com maior produção de milho no Maranhão em 2021/2022



Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) - 12º Levantamento da Safra de Grãos (2023) In Observatório Portuário – UFMA (2023)

A despeito de o município de Açailândia ter se sobressaído na produção do grão na safra referenciada, é justo evidenciarmos os resultados obtidos em Balsas, que ocupou o topo do ranking por vários anos nas análises da SAGRIMA. A cidade está localizada no sul do Maranhão e fica a 810 km da capital do estado. É referência na agricultura mecanizada e automatizada, sendo um dos maiores produtores de grãos do MATOPIBA<sup>22</sup>. Nos gráficos publicados pela SAGRIMA (2019, 2020, 2021 e 2022), Tabela 3, Balsas se manteve como maior produtora maranhense do grão em toneladas nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021.

<sup>21</sup> Prefeitura de Açailândia. Publicado em: 03/08/2022. Disponível em: [https://acailandia.ma.gov.br/midia/ACAILANDIA-AVANCA-NA-PRODUCAO-DE-GRAOS-MILHO-E-SOJA\\_1750](https://acailandia.ma.gov.br/midia/ACAILANDIA-AVANCA-NA-PRODUCAO-DE-GRAOS-MILHO-E-SOJA_1750) Acesso: 04/03/2025.

<sup>22</sup> Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Regiões consideradas atualmente como a grande fronteira agrícola que tem gerado investimento e fortalecido o agronegócio nacional.

Tabela 3 - Balsas se manteve como maior produtora maranhense do grão em toneladas

<b>Public. 2019</b>		<b>Public. 2020</b>		<b>Public. 2021</b>		<b>Public. 2022</b>	
<b>Produç. 2018</b>		<b>Produç. 2019</b>		<b>Produç. 2020</b>		<b>Produç. 2021</b>	
Balsas	3347	Balsas	440812	Balsas	627.366	Balsas	677.435
Barra do Corda	1118	Tasso Fragoso	298564	Tasso Fragoso	338.741	Tasso Fragoso	327.550
São Domingos do Azeitão	1018	São Raimundo das Mangabeiras	142153	São Raimundo das Mangabeiras	153.385	São Raimundo das Mangabeiras	160.418
Araioses	921	Riachão	108777	Sambaíba	134.411	Sambaíba	129.559

Fonte: Elaboração da autora (2025), adaptada de SAGRIMA (2019 - 2022)

Embora Balsas seja a cidade que se destaca na produção do grão, a atividade é realizada em praticamente todo o Maranhão e, geralmente, é feita após a colheita do arroz, como dito anteriormente. A palhada é derrubada, as covas são preparadas para receber as sementes, que logo são lançadas ao solo. Acontece então a germinação das sementes. Em seguida, a superfície do solo é coberta de palhada, previamente organizada, a qual serve como cobertura morta. Essa técnica contribui para a preservação da umidade do solo, além de ajudar a repor material orgânico através da decomposição dessa matéria e de restos de outras plantas. Se, porventura, a concentração de água no solo for insuficiente para todo o ciclo da cultura, os agricultores podem optar pela irrigação suplementar.

Ainda pontuamos que o estado possui particularidades climáticas que o diferem de outras partes do Brasil, em especial a região centro norte do Maranhão, que tanto apresenta altos índices pluviométricos, quanto altas temperaturas. Logo, o que ocorre são duas estações sazonais bem estabelecidas, o período chuvoso, no primeiro semestre, e o período seco, que vai de julho a dezembro (Ferreira, 2022). Na baixada acontece diferente, de junho a novembro é a estação de estiagem (seca), e de dezembro a maio, o período chuvoso (Sousa *et al.*, 2020). Mas, independentemente da época, o milho pode ser plantado normalmente nessa região, todavia, precisamos considerar que

- 1) no período chuvoso, as áreas estão sujeitas a inundações, com os solos mantendo-se por longo período encharcados, o que limita o plantio da cultura nas terras mais baixas.
- 2) no período seco, com um elevado potencial de evapotranspiração, podendo atingir patamares acima de 150 mm por mês, o cultivo do milho-verde só será possível com uso da irrigação.
- 3) em condições climáticas normais, o período

mais apropriado para o plantio e produção do milho-verde irrigado situa-se entre os meses de junho e novembro. 4) dependendo do ciclo da cultivar, o agricultor pode planejar até dois ciclos na mesma área, desde que o primeiro tenha o plantio na primeira quinzena de junho e o segundo ciclo, na primeira quinzena de outubro (Sousa *et al.*, 2020, p. 21).

No que diz respeito à preparação do solo, é bastante comum a prática de corte e queima na região. Essa atividade consiste na extinção das florestas por meio do fogo. Com isso, a vegetação queimada serve como adubo para a plantação da cultura do milho. Se a área onde foi realizado o corte e a queima não for produtiva, o agricultor procura outra terra e reinicia o ciclo. Nesse ângulo, e sabendo das dificuldades enfrentadas por muitos produtores, cremos ser necessário a disposição de maiores investimentos agrícolas e a transmissão de conhecimentos técnicos e científicos, a fim de reduzir os impactos ambientais e intensificar a produção local, garantindo a segurança alimentar e rentabilidade para os agricultores que trabalham arduamente na plantação do milho.

Depreendemos, diante desses esclarecimentos, que o Maranhão é terra fértil, onde se planta e se colhe o milho com abundância, ocupando lugar privilegiado na dieta e na cultura de seus habitantes, a exemplo da festa de São João, uma das mais ricas manifestações culturais da região, como discorreremos a seguir, para finalizar este capítulo.

#### 2.4.1 O mês de junho sem milho, que alegria pode ter?<sup>23</sup>

Não é novidade que o milho é uma das opções alimentícias mais consumidas pelos nordestinos, especialmente no mês de junho, pois é a época de celebrar os santos e a fartura de colheitas nas “festas juninas”, cujas peculiaridades incluem os deliciosos pratos típicos feitos à base de milho.

As festividades de São João, tão celebradas no Maranhão, têm suas origens alicerçadas nos costumes europeus, quando se realizavam celebrações pagãs e cristãs durante as mudanças de estação e época de colheita das espigas, bem como se ancora nas influências africanas, com as

---

<sup>23</sup> Cf.: Cascudo, 1967, p. 113.

danças, as músicas e instrumentos musicais, como o tambor e a zabumba. Os festejos também nasceram dos hábitos dos povos autóctones, como os guaranis, os quais

consideravam a vida e as relações como manifestações cósmicas compreendidas a partir de suas histórias sobre a origem, acontecimentos e ciclos das plantas cultivadas, das estações, dos nascimentos e mortes, das festas e cerimoniais sempre vinculados a uma visão e cosmologia sobrenatural repleta de espiritualidade (Bergamaschi; Zen e Xavier, 2012, p. 141).

No tempo da colheita do milho, as ações ritualísticas se intensificavam, celebrando também a fertilidade humana. Faziam-se orações de agradecimentos, acompanhados de pedidos por boas plantações e por chuva. Todas as etapas do cultivo eram carregadas de significados, da sementeira à colheita, em que se faziam “rezas, canções, intenções e uso de outras plantas sagradas” (Bergamaschi; Zen e Xavier, 2012, p. 141). Dessa maneira, notamos que as comemorações do mês de junho foram estimuladas pelos fenômenos meteorológicos e agrícolas que provinham das divindades.

Para Rangel (2008), a Igreja Católica colonial considerava essas festas indígenas pagãs, mas também uma manifestação cultural muito forte entre aqueles povos. Por isso, conseguiu adaptar as comemorações aos dias de São João (nascido em 24 de junho), Santo Antônio (em 13 de junho) e de São Pedro e São Paulo (em 29 de junho), com direito às famosas fogueiras, que serviam para proteger as plantas dos maus espíritos, os quais poderiam interromper a produtividade. Destarte, os índios foram estrategicamente se enquadrando às leis e princípios catequéticos, mas não abandonando alguns de seus hábitos, como as festas do meio do ano. Nelas, eles realizavam, segundo a autora:

Uma série de ritual, que dura todo o período, inclui um conjunto muito variado de festas que congregam as comunidades indígenas em danças, cantos, rezas e muita fartura de comida. Deve-se agradecer a abundância, reforçar os laços de parentesco (as festas são uma ótima ocasião para alianças matrimoniais), reverenciar as divindades aliadas e rezar forte para que os espíritos malignos não impeçam a fertilidade. O ato de atear fogo para limpar o mato, além de fertilizar o solo, serve principalmente para afastar esses espíritos malignos (Rangel, 2008, p. 22).

Outro fato que explica a relevância das festas juninas, em especial para os maranhenses, e sua relação com o cultivo de plantas, como a do milho, é o modo de vida das pessoas desde a colonização até metade do século XX. Grande parte da população vivia em áreas rurais, vivendo da plantação e da pesca. Até 1950, 70% dos brasileiros habitavam nas zonas campestres. Além disso, era comum ter agregados nas famílias, “fossem colonos (...) ou vaqueiros (...) fossem pescadores (...) ou seringueiros (...) os brasileiros viviam integrados em grupos familiares (...)” (Rangel, 2008, p. 22). Portanto, as relações eram amplas e fraternas. Vizinhos, funcionários, patrões, todos se reuniam nas noites de São João e festejavam, dentre outros, a colheita do grão, tão versátil, delicioso e benéfico ao organismo humano. Era o momento em que o corpo e a espiritualidade humana se encontravam em pleno regozijo e bem estar. Nesse sentido, “o milho pode ser considerado uma planta que possibilita a conexão entre dois mundos (espiritual e terreno) e também como fator integrador da comunidade.” (Bergamaschi; Zen e Xavier, 2012, p. 142).

Convém admitirmos que, com o passar do tempo, as festas foram mudando, junto com a sociedade. As áreas foram se modernizando, a maioria da população já vivendo em zona urbana, a tecnologia avançando e o formato festivo também. Hoje são acrescentados shows com palcos e bandas, atrações culturais, como o famoso *Bumba-Meu-Boi* do Maranhão, e o *Boi-Bumbá* do Amazonas, quadrilhas, barracas de comidas típicas, roupas e toalhas de retalhos ou em xadrez. Também se realizam festas em locais privados. Há quem intitule a celebração de “festa da colheita”, como em algumas escolas ou igrejas.

Enfim, consideramos que o milho se tornou símbolo de celebração e produtividade na metade dos anos e que, junto com as modificações na alimentação e nas expressões culturais, a terminologia que engloba o grão também sofreu e sofre alterações, seja na nomeação dos itens ou na definição deles. Um exemplo disso é o uso dos termos *mungunzá*, *chá de burro*, *canjica* ou *mingau de milho* para indicar o mesmo referente, isto é, bebida espessa feita de milho branco cozido, servido também com canela.

No capítulo seguinte, salientamos que as dinâmicas terminológicas são naturais e se manifestam na comunicação em contextos profissionais, podendo acontecer com o decorrer do tempo e em diferentes lugares, e que fatores

como influências culturais, tradições familiares, adaptações regionais e evolução tecnológica podem ser umas das causas do dinamismo linguístico na área do milho. Também elucidamos que a produção de glossários e dicionários, por exemplo, são formas de tentar solucionar as confusões terminológicas surgentes. Mas, para iniciar a discussão, o capítulo destaca que, para as ciências que estudam o léxico, termo apresenta delimitações teóricas e pode divergir semanticamente de palavra, e explica o que é o termo e quais teorias o sustentam.

### **3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Nesta parte da dissertação, dividida em cinco tópicos, fazemos um breve esclarecimento do que é o termo e das particularidades entre este e a palavra, de acordo com o que é defendido pelas ciências que delimitam o léxico como objeto de investigação, embora, para esta pesquisa, o fundamental consiste em tratar do conceito de texto, visto que a pesquisa se vincula à área da Terminologia. No segundo item, apresentamos de forma sucinta o surgimento dos estudos terminológicos e seus desdobramentos, com destaque para uma abordagem mais socialista. As seções seguintes se voltam para os aspectos que envolvem a Teoria Comunicativa da Terminologia e da Terminografia, aportes teóricos que sustentam esta pesquisa. Nesse tópico, evidenciamos as críticas à teoria tradicionalista e as propostas de uma terminologia mais abrangente e irrestrita. Salientamos, ainda, os parâmetros apresentados pela TCT, em que são defendidas as questões sobre a variação dos termos. Também explanamos, no quarto tópico, as proposições da Terminografia que propõe a construção de glossário, objeto desta pesquisa e parte teórica que finaliza o capítulo.

#### **3.1 O termo**

Na linguística, o termo é objeto de investigação delimitado pelas áreas de estudos da Terminologia e da Terminografia, apresentando, portanto, conceitos definidos que o distinguem da palavra, e esclarece que não há relação de sinonímia entre um e outro.

Antes de esclarecermos o que é o termo, achamos oportuno comentar de forma concisa as características de semelhanças e diferenças entre este e a palavra.

Ao buscarmos respostas nos estudos linguísticos, nos certificamos de que tanto termo quanto palavra têm a função de designar um referente, que pode ser um objeto, uma ação, uma categoria etc. Além disso, ratificamos que ambos fazem parte do léxico de uma língua e podem se manifestar no plano do discurso, embora o termo se manifeste somente no discurso especializado. Outro aspecto a considerar é que os fenômenos linguísticos inerentes a

qualquer língua natural, como as variações e a polissemia, podem ocorrer nas duas esferas.

Entretanto, compete esclarecermos que termo e palavra são unidades linguísticas de naturezas diferentes, logo, são objetos de estudo de campos diversos, considerando a área da Linguística, cabendo assinalar os limites que as separam, ainda que isso se manifeste em certas situações e em uma linha tênue.

Primeiramente, pontuamos que a palavra pertence ao léxico de uma língua em contexto comum de uso, apresenta, portanto, um sentido mais geral, mais usual. A palavra é mais abrangente que o termo, pois remete a um contexto de uso generalizado, podendo apresentar vários significados e está relacionada às áreas da Lexicologia e da Lexicografia. Geralmente, é dicionarizada e é a unidade da língua geral.

Sob o enfoque dos estudos terminológicos, tem-se o termo, entendido como a unidade linguística de uso específico pertencente a uma determinada área de conhecimento. É uma designação associada a um conceito em uma linguagem de especialidade. É manifestado e contextualizado no discurso especializado, emergindo em um campo específico do saber que propicia a interação entre os profissionais. Não obstante essa delimitação, um termo pode apresentar elementos linguísticos de referência geral. Diante disso, um termo pode ganhar sentido geral. Também pode acontecer o inverso: uma palavra pode se tornar um termo, quando usada em domínios de especialidade, com significados válidos para tal domínio, e esse é o critério que define um termo.

### **3.2 Breve comentário acerca das teorias terminológicas**

Durante o século XVIII, surgiram muitas inquietações com relação às nomenclaturas técnico-científicas, como as dificuldades na comunicação científica na esfera internacional, na nomeação de novas técnicas e na divulgação do conhecimento. Estudiosos se preocupavam com a comunicação profissional, no afã de alcançar a univocidade e, assim, assegurar a eficiência comunicativa. Então, começaram a estabelecer regras de padronização de termos para cada área específica do conhecimento. Foi com esse objetivo que o engenheiro Eugen Wüster (1931), em Viena, estabeleceu os princípios da

Teoria Geral da Terminologia (TGT), a qual preza pela normalização, monossemia e homogeneidade terminológica.

Por outro lado, Cabré, entre outros, a partir de 1996, critica as propostas wusterianas e propõe um novo modelo teórico que contribuiu para a construção da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). A estudiosa defendeu a ideia de que o termo é polissêmico e sujeito a variações, fenômeno indissociável da comunicação especializada, uma vez que “as terminologias são unidades lexicais, e como tal, componentes naturais dos sistemas linguísticos.” (Krieger, 2000, p. 215). Cabré (2003) concebe a terminologia<sup>24</sup> como disciplina, prática e como produto resultante dessa prática.

Outros autores também se posicionaram com fortes críticas à TGT, dentre eles, Sager (1990), Rey (1992), Gaudin (1993), Temmerman (2000) e Diki-Kidiri (2000), defendendo que a Terminologia não poderia ser regida por uma noção de uniformidade das unidades lexicais nos campos especializados e que ela não poderia ser dissociada do contexto social e cultural. Segundo Martins & Martins (2019), com o avanço da tecnologia, as

“as especialidades técnicas logo exigiram a nomeação dos campos terminológicos, seja com termos exclusivos, originalmente cunhados, seja com termos existentes revestidos de novos campos conceituais.” (Martins & Martins, 2019, p. 21).

Outra corrente teórica se apresentou em oposição à TGT, a Socioterminologia, desenvolvida inicialmente por Gambier (1993) e Gaudin (1993, 2003), sob influências da Sociolinguística. Nesse ponto de vista, os termos técnicos e científicos sofrem variações que acontecem de acordo com fatores sociais existentes no momento de sua manifestação. Todavia, é importante pontuarmos que a Socioterminologia estuda as variações sociais dos termos de especialidades, enquanto a Sociolinguística analisa esse fenômeno na língua geral. Para Enilde Faulstich (1990), os fenômenos

---

<sup>24</sup> Adotamos aqui a mesma concepção de alguns terminólogos como Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004) que grafam com *T* (maiúsculo) quando o termo se referir à teoria ou disciplina e *t* (minúsculo) quando se referir conjunto de práticas ou ao conjunto de termos de uma área de especialidade.

variáveis se concretizam no sistema interno da língua, não são fatos arbitrários e não se pode impedi-los nem os controlar.

As diversas opiniões acerca das práticas terminológicas motivaram, em 1990, uma nova ideia de terminologia que incluísse o âmbito social. A partir de então, nasceram concepções terminológicas inovadoras que se posicionaram em relação aos princípios normalizadores da TGT. Em ordem cronológica, apresentamos as seguintes vertentes, mas ressalvamos que é apenas uma breve explanação das teorias, sem compromisso com nenhum tipo de aprofundamento, com exceção da TCT, a qual o trabalho se vincula, e que será melhor detalha em outra seção:

- Terminologia Textual: tem como base a Linguística de *Corpus* e foca no texto especializado, analisando os termos técnicos-científicos em seu funcionamento concreto dentro de uma comunicação especializada. Principal autor: Hoffman (1987);

- Socioterminologia: ancorada nos preceitos da Sociolinguística, propôs um estudo terminológico voltado para os fatores da sociedade, os quais influenciam na variação dos termos. Essa área considera os termos em seu contexto social. Principais teóricos: Gambier, (1993) e Gaudin (1993, 2003);

- Teoria Comunicativa da Terminologia: concebe o termo como um objeto científico de caráter poliédrico, o que permite uma abordagem linguística, cognitiva ou comunicativa. Principais representantes: Maria Teresa Cabré (1998) e seu grupo IULA;

- Terminologia Sociocognitiva: percebe os termos como unidades de entendimento que dependem da interpretação do homem e do contexto comunicativo. Foca na interação entre cognição e sociedade através da sua evolução no tempo. Principal autora: Rita Temmerman (2000);

- Terminologia Cultural: defende que o principal elemento para uma análise terminológica é a cultura de um povo, pois ela se forma a partir de todas as vivências humanas, dos conhecimentos adquiridos às suas produções. Principal estudioso: Marcel Diki-Kidiri (2000), no Senegal.

Em suma, a Terminologia surgiu a partir das dificuldades existentes na comunicação científica durante o século XVIII, quando houve um avanço significativo na tecnologia e nas ciências que resultaram na criação de novas nomenclaturas técnico-científicas. A Terminologia, então, ofereceu formas de

superar esses entraves, estabelecendo, inicialmente, padrões de formação dos termos, a fim de diferenciá-los das palavras de uso comum e de se alcançar a univocidade terminológica, o que, posteriormente, recebeu crítica de diversos escritores. Em virtude dessas limitações da teoria Wüsteriana, fundadora dessa nova área de estudo, outras premissas teóricas começaram a se apresentar, como a TCT que assumiu uma perspectiva funcionalista, reconhecendo a eficácia comunicativa dos termos, ainda que diante de variações conceitual e/ou denomina. Diante desse fato, e porque este trabalho teve como um dos principais objetivos descrever as variações existentes na terminologia da cultura do milho, escolhemos a TCT como teoria primordial para dar sustentação à pesquisa. É o que discutimos no tópico a seguir.

### **3.3 Teoria Comunicativa da Terminologia**

A pesquisa que aqui propomos tem como base a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), por se revelar como uma das principais correntes teóricas da Terminologia Comunicativa, já que tencionamos identificar e analisar termos presentes na comunicação profissional do milho, com a produção de um glossário terminológico, na tentativa de descrever e analisar o léxico especializado da cultura do milho presente na escrita e na fala de maranhenses.

A teoria foi fundada no início da década de 1990 por Maria Teresa Cabré e seu grupo IULA (Instituto Universitário de Linguística Aplicada) da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona. Na ocasião, a Espanha havia vivido uma forte ditadura do governo Francisco Franco, o qual proibiu o uso da língua catalã, admitindo apenas o espanhol. A língua subjugada só começou a recuperar sua autonomia a partir de 1976, após a morte de Franco (1975) e conquista da democracia do país. Ao ser convidada para coordenar o Centro de Terminologia Catalã (TERMCAT), Cabré compreendeu, com a prática (na produção de glossário em catalão), que o foco não deveria estar em normalizar conceitos e unidades terminológicas, mas em atualizar o léxico especializado da língua catalã (Krieger; Santiago; Cabré, 2013, p.329).

Desse modo, a teórica considerava inadequado o modelo prescritivo da concepção clássica que ainda ignorava o funcionamento linguístico e discursivo

do termo. Por isso, Cabré formula novos princípios terminológicos que dá origem a uma nova teoria, a Teoria Comunicativa da Terminologia, que vê o termo mais do que simplesmente a representação de um conceito e constata uma certa insuficiência nos postulados wüsterianos, o qual não admitia a eficácia comunicativa diante de sinonímias, priorizando, assim, a univocidade dos termos, isto é, o fato de que uma denominação só poderia ser interpretada de uma única forma. A abordagem tradicionalista limitava seu objeto de análise e, conseqüentemente, sua metodologia, no intuito de garantir a monorreferencialidade das unidades terminológicas. Cabré, então, observou a necessidade de ampliar as fronteiras lexicais de domínio especializado, admitindo que a teoria clássica.

(...) limita o objeto às unidades unívocas normalizadoras próprias dos âmbitos científico-técnicos, reduz a atividade terminológica à recolha de conceitos e termos para a normalização (fixação de noções e denominações normatizadas) dos termos, circunscreve os âmbitos especializados à ciência e à técnica e limita seus objetivos para assegurar a univocidade da comunicação profissional, fundamentalmente no plano interacional (Cabré, 1998, p. 2, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Em face disso, a referida autora volta-se para os aspectos comunicacionais e pragmáticos das linguagens de uso específico, afirmando que, tal como nas línguas naturais de sentido geral, os termos também estão sujeitos a interferências e influências, pois são integrantes que compõem naturalmente o sistema linguístico. Diante dessa veracidade, com a evolução da língua, da tecnologia e perante as mudanças sociais e laborais, novos termos vão surgindo nos discursos técnicos, científicos e culturais. Ou, ainda, termos já existentes ganham novos significados ou sofrem apagamento entre seus falantes. Desse modo, um lexema específico de um domínio pode deixar de ser considerado um termo, passando a pertencer ao vocabulário comum da língua. Cabré (1998).

---

<sup>25</sup> Texto original: (...) *limita el objeto a las unidades normalizadoras unívocas propias de los campos científico-técnicos, reduce la actividad terminológica a la recogida de conceptos y términos para la normalización (fijación de nociones y nombres normalizados) de términos, circunscribe los campos especializados a la ciencia y la tecnología y limita sus objetivos a asegurar la univocidad de la comunicación profesional, fundamentalmente a nivel interactivo.*

No que diz respeito ao termo “terminologia”, Krieger (2004) explicita que apresenta um peso polissêmico, entendido por três vertentes: como disciplina, como prática e como produto concebido por essa prática. A terminóloga explica que

como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados, como prática é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade (Krieger, 2004, p. 10).

A partir disso, entendemos que, como disciplina, a Terminologia é autônoma, possui natureza interdisciplinar e conquistou seu próprio espaço como ciência. Dessa maneira, ela se diferencia da linguística pelos aspectos teóricos e pela sua aplicabilidade. Para Cabré (2004, p. 14), “a terminologia é uma interdisciplina constituída por elementos procedentes da base linguística, da ontologia e das especialidades, ligada necessariamente à documentação”. A Terminologia é uma disciplina por apresentar fundamentos teóricos delimitados e objeto de estudo estabelecido.

Para os teóricos em Terminologia, como Barros (2004), Cabré (2003), Rey (1995) e Sager (1990), além de ser compreendida como disciplina linguística (grafada com “T” maiúsculo pelos estudiosos), a terminologia também é entendida como prática, a qual difere da lexicologia pelo seu procedimento metodológico, essencialmente na compilação e tratamentos dos dados, bem como na sua apresentação final. E mais, há terminólogos que concebem a terminologia como produto, que é justamente o resultado dessa parte aplicada, ou seja, é o conjunto de termos de uma área específica (científica ou cultural), registrados, juntamente com seus conceitos e outras informações, em materiais impressos ou eletrônicos, em formato de glossário, dicionário, tesouro, etc. Entretanto, não devemos ignorar as acepções da Terminografia, outra vertente que se ocupa da parte aplicada do conhecimento especializado, operando na sistematização dos termos em produtos concretos. Assim, temos a terminologia do direito, da farmácia, do petróleo, do reggae, da juçara, do milho. Tal entendimento se justifica por ser a prática profissional o que alimenta a teoria e adapta o discurso de um domínio, e não o inverso. A terminologia é vista como resultado de uma prática porque os léxicos de especialidade vão surgindo e evoluindo conforme as necessidades reais de

comunicação entre os falantes e de padronização em circunstâncias profissionais e técnicas.

Nesta pesquisa, vemos as unidades terminológicas, conforme pregado pela TCT, como unidades semânticas que predominam nos textos e nos discursos técnico-científicos, tendo a ciência de que essas unidades podem sofrer alterações denominativas e/ou conceituais, haja vista que elas se manifestam na dimensão comunicativa da língua por sujeitos que vivem em constantes transformações ideológicas, culturais etc. Portanto, um termo pode ter como fator condicionante os aspectos extralinguísticos, compondo o conjunto de axiologias de uma dada comunidade étnica. Sobre a concepção de termo, o estudo pautou-se na afirmação de Cabré (2005b) que os assimila como:

(...) unidades singulares e ao mesmo tempo similares a outras unidades de comunicação, dentro de um esquema global de representação da realidade, que admite a variação conceitual e denominativa, e tem em conta a dimensão textual e discursiva dos termos (Cabré, 2005b, p. 120, tradução nossa).<sup>26</sup>

Como uma teoria sistematizada à luz do funcionamento da linguagem num universo restrito do entendimento profissional e cultural, a TCT se institui com uma percepção multifacetada do termo. Seguindo esse viés, tem-se os termos “como um poliedro, isto é, unidades multidimensionais, que podem ser observadas de diferentes ângulos de acordo com o ponto de vista adotado.” (Martins & Martins, 2019, p. 81). Dessa maneira, o termo pode ser analisado por três perspectivas diferentes, as quais lhe concedem acesso plural, que Cabré (2002) denomina de *teoria das portas*: a dimensão cognitiva, a linguística e a comunicativa.

Para o primeiro componente, o cognitivo, o termo é caracterizado pela dependência temática (só tem sentido completo dentro de um campo do saber), pela posição que ocupa na estrutura conceptual (não é isolado, uma vez que participa de um sistema de conceitos que se associam), o significado

---

<sup>26</sup> Texto original: (...) unidades singulares y a la vez similares a otras unidades de comunicación, dentro de un esquema global de representación de la realidad, admitiendo la variación conceptual y denominativa, y teniendo en cuenta la dimensión textual y discursiva de los términos.

determinado pelo lugar que assume nessa estrutura (o sentido de uma UT é estabelecido pela sua relação com outras unidades terminológicas da mesma rede) e pelo assentimento da comunidade (a validação é efetuada por intermédio dos especialistas da área). Para o constituinte linguístico, os termos são unidades lexicais e podem apresentar estrutura sintática e lexical (não será necessariamente uma única “palavra”, podem ser formados por combinações de palavras ou processos morfológicos, como “dias após a emergência” ou “peso de mil grãos”), podem se assemelhar ou igualar com unidades lexicais de uso geral (um exemplo é o termo “consórcio”, muito usado na cultura do milho, que também existe e é empregado na língua geral, porém com outro contexto), possuem significado restrito dentro de uma área de um domínio (o sentido é limitado e preciso na determinada especialidade) e predominam nas classes gramaticais dos substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Por fim, para a dimensão comunicativa, as unidades terminológicas caracterizam-se pela ocorrência em discurso especializado (não são ilógicas, separadas, descontextualizadas, mas se manifestam nas comunicações dentro de um conhecimento por meio de textos escritos e/ou orais), pela divisão com outros sistemas simbólicos (o texto verbal separa-se dos símbolos, como equações, gráficos, mapas, fórmulas matemáticas), pela aquisição através da aprendizagem (requer estudo formal do campo de domínio e são usadas por especialistas) e pela função denotativa (prima pela objetividade na relação direta entre denominação e definição técnica) (Martins & Martins, 2019, p. 82).

Pelo seu perfil multidimensional, a estudiosa revela a complexidade do léxico terminológico, para a qual propõe três pontos de vista que não se separam, mas se interrelacionam. Essas formulações são analisadas pela linguística, pela filosofia e pelas disciplinas técnico/científicas. Nessas últimas, a terminologia é um conhecimento descrito a partir do conjunto de unidades terminológicas de cada área profissional e cultural, favorecendo a troca de conhecimento especializado por intermédio da comunicação. Na concepção epistemológica, a terminologia é a junção de elementos cognitivos que configuram o saber especializado. Assim, é por meio das unidades terminológicas que o falante comum pode conhecer o mundo.

Finalmente, pelo ângulo linguístico, são uma forma de saber, e termos e palavras “são unidades do léxico que fazem parte da competência do falante.

Esta competência pode ser geral ou especializada. Assim, as unidades terminológicas carregam um conhecimento especializado, um saber específico” (Martins & Martins, 2019, p. 82).

Logo, o termo é percebido como uma unidade poliédrica, formada por três elementos: o conceito, o nome e o referente, sendo, portanto, analisado de diferentes maneiras pela linguística, pela filosofia e pelas diferentes disciplinas teórico-científicas, em que “a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que permite transferir o pensamento especializado.” (Krieger, 2004, p. 12). Para a TCT, essas três faces que constituem o termo fazem menção à realidade especializada.

Sob essa ótica, a Terminologia é entendida como uma área de conhecimento intimamente interdisciplinar que permite um tratamento multidimensional das unidades, porquanto engloba elementos linguísticos, cognitivos e comunicativos dos termos. Essas acepções são como portas de acesso que se configuram em conjunto ou separadamente, no anseio de se tratar a complexidade das unidades terminológicas. Por isso, as unidades que constituem a terminologia possuem escopo primordial, haja vista que apontam valor funcional (Cabré, 2002). Dessa forma,

Para a linguística são as unidades de significação; para a filosofia são unidades de cognição e para as técnicas especializadas são unidades de denominação e comunicação. Assim, respectivamente, os termos significam, representam e denominam (Cabré, 2004). Em uma conceituação mais abrangente, podemos dizer que termos são expressões da linguagem natural usada para comunicação em áreas de especialidade. Um termo serve para comunicar um conceito, para alcançar o conhecimento de um conceito (Martins & Martins, 2019, p. 82 e 83).

Para Krieger (2001), a TCT surge como uma renovação dos estudos terminológicos, mas que, por um algum tempo, foi vista apenas como uma disciplina prática, dedicada somente para a produção de dicionários e glossários técnicos. Antigamente, as pessoas acreditavam que só havia um único interesse em conhecer a ciência terminológica, como se ela se voltasse unicamente para a parte aplicada. Simultaneamente, fixava-se a ideia de que a “elaboração de uma obra de referência resume-se a uma atividade pragmática, fundamentada apenas no reconhecimento da frequência de uso dos termos.” (Krieger, 2001, p. 23). Em suma, a escritora compartilha que há um público que

costuma classificar o trabalho terminográfico como uma prática sem bases teóricas, e que ainda costuma considerar a obra sem a apresentação de métodos qualitativos, ignorando, desse modo, sua natureza complexa.

Porém, é válido expormos que a Terminologia vai além de uma simples prática e que, como trabalha com a descrição e explicação das unidades terminológicas, incluindo sintagmas e expressões, notadamente percorre trajetos metodológicos científicos de âmbito qualitativo, até para contemplar o nível de complexidade que circunda no funcionamento comunicativo terminológico, exigindo, muitas vezes, “o estudo dos graus de coesão interna dos constituintes, entre outros elementos” (Krieger, 2001, p. 23).

Mas é conveniente reconhecermos que, apesar desse lado cientificamente metodológico e dificuldade analítica, a TCT é, prioritariamente, representativa da pluralidade, rejeitando a condição normalizadora. Com essa visão, Krieger, (2004) assume:

Estou longe, pois, da concepção monolítica e rígida da terminologia, tão difundida pelos países centro-europeus, e perto dos que defendem uma terminologia diversa, adaptada ao meio em que se trata, concebida de acordo com finalidades específicas, por isso acredito que por trás dela não existe mais que pluralidade, diversidade e multifuncionalidade (Krieger, 2004, p. 10).

Diante desse fato, inferimos que a TCT é uma abordagem completa, autêntica, por ser munida de princípios e bases teórica-metodológicas e ainda conseguir abranger diversas particularidades dos estudos terminológicos. A proposição reconhece fenômenos linguísticos nas unidades terminológicas, como a polissemia e a sinonímia dos termos. E não os vê como um elemento perturbador da comunicação, e sim como um aspecto imprescindível para a compreensão, do qual não se pode evitar, tampouco se deve ignorar. A TCT baseia-se na valorização dos fatores comunicacionais das línguas, portanto, recusa a rigidez padronizadora. Essa vertente teórica alega que as unidades terminológicas são heterogêneas, sendo ao mesmo tempo, unidades de conhecimentos, unidades de linguagem e unidades de comunicação.

Ao sistematizar os princípios da TCT, Cabré (2005a) pressupõe que todo processo de comunicação manifesta naturalmente a variação, evidenciada em formas alternadas de denominações para um mesmo conceito – sinonímia – ou

na existência de mais de um significado para a mesma denominação – polissemia. Essas questões são essenciais na proposta da TCT e a colocou em posição de destaque, garantindo aperfeiçoamento da Terminologia e interesse e admiração por muitos estudiosos da língua.

Para corroborar esse pensamento das variadas facetas dos termos, apresentados pela TCT, e ciente de que as unidades lexicais de campo especializado são partes integrantes da língua natural, manifestas no discurso de um domínio, aceitando, entre outras ocorrências, o fenômeno da variação, Cabré (2005a) explana que

Um dos principais argumentos e, ao mesmo tempo, justificativa, para considerar a questão da variação pela TCT, é a concepção de que os dados terminológicos são observados em seu discurso natural, onde eles se apresentam de modo menos sistemático, menos unívoco e menos universal. A razão é óbvia: no discurso especializado oral e escrito, a terminologia é um recurso expressivo e comunicativo e, de acordo com estes aspectos, o discurso apresenta redundância, variação conceitual e variação sinonímica, e, além disso, permite constatar que nem sempre se produz uma perfeita equivalência entre línguas (Cabré, 2005a).

Nesse ponto, presumimos que a variação terminológica se manifesta no discurso espontâneo, natural, sem o rigor de um sistema prescritivo, normativo, como a gramática. Além disso, é nesse contexto de naturalidade que os dados terminológicos se apresentam de modo mais abundante e marcado por fenômenos linguísticos, culturais e sociais, oferecendo uma gama de possibilidades de pesquisas linguísticas. Ainda notamos que a terminologia é um mecanismo de expressão e comunicação não apenas do discurso oral, mas também do discurso escrito. Os aspectos linguísticos acontecem tanto na fala quanto na escrita de um domínio de especialidade.

É cabível clarificarmos que a TCT se posiciona a favor do dinamismo da linguagem especializada, sem ter a intenção de anular a TGT, que ainda se mostra importante e útil para a produção de dicionários técnicos e para a padronização internacional. A TGT preza pela normalização, enquanto a TCT, pela comunicação real. Logo, essa não exclui a teoria fundadora. A tendência “notadamente normativa da TGT e a orientação descritiva da TCT são reveladoras de propósitos pragmáticos distintos” (Martins & Martins, 2019, p. 61). A TCT questiona a proposta tradicional e a amplia, numa evolução do

pensamento teórico, superando o reducionismo da doutrina clássica. A TCT desenvolveu uma concepção que visa atender à flexibilidade e mutabilidade das unidades terminológicas enquanto partes da língua natural, que sofre, assim como a gramática, os impactos linguísticos. Ademais, depreendemos que a TCT contempla as necessidades contemporâneas da comunicação científica e técnica (Martins & Martins, 2019). Assim,

[...] de acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Conseqüentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. Tais proposições levam a TCT a postular que a priori não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas (Krieger e Finatto, 2004, p. 35).

O postulado e a metodologia da TCT comportam, portanto, as variações linguísticas em seu formato denominativo e conceitual “e assume que os termos estão associados às características gramaticais (em todos os níveis de representação) e pragmáticas” (Cabré, 2005b, p. 136, tradução nossa). Nesse âmbito, são inclusos os critérios dialetais e funcionais, como os geográficos, sociais e nível de formalidade (Cabré, 2005b).

O estudo das unidades terminológicas tem valor significativo para a linguística, para a comunicação especializada e também para a qualidade do trabalho ou atividade cultural, os quais possuem um repertório singular do léxico. Percebemos que, com o passar do tempo, mais termos vêm surgindo nas diversas áreas de conhecimento, assim como novos saberes e setores laborais vêm ganhando espaço “no mundo contemporâneo que tende a convocar diferentes saberes para ampliar e aprofundar objetos de análise” (Krieger, 2010, p. 315). Nessa direção, Krieger observa:

Na realidade, o século XX é o cenário maior de grande desenvolvimento e consolidação da terminologia, quer como instrumental lingüístico a serviço da comunicação profissional, quer como campo de conhecimento. O crescimento desse componente lingüístico, denominado de léxico especializado, está diretamente relacionado à exponencial ampliação do conhecimento científico e da produção tecnológica, uma das mais marcantes características do final do milênio. Em conseqüência, novos termos surgem e, se multiplicam, para “batizar” as inovações que surgem cotidianamente. Nesse mesmo cenário, cresce também o interesse pela terminologia

em razão de sua funcionalidade na comunicação profissional (Krieger, 2006, p. 46).

Reconhecemos que, atualmente, com o avanço tecnológico e com a globalização, uma abundância de termos vem sendo manifestada dentro dos numerosos campos dos saberes, proporcionado maior interesse pela terminologia e elevando ainda mais a importância dos estudos desta área. Assim, tanto nas ciências quanto nas mais variadas manifestações culturais, é possível perceber um conjunto de unidades lexicais de especialidade utilizadas no ato discursivo, pois “sem terminologia não se faz ciência, não se descreve uma técnica, nem se exerce uma profissão especializada” (Cabré, 1999, p.18, tradução nossa<sup>27</sup>).

O rol de termos constitutivos das linguagens técnicas e científicas faz referência a uma infinidade de elementos, podendo nomear objetos de uso, procedimentos, classificações hierárquicas ou de produções, funções, partes que compõem um produto, etc. Imaginemos quantos fenômenos linguísticos ocorrem e podem ocorrer nesse universo terminológico, principalmente por se manifestarem no plano da comunicação, em que percebemos a mistura de raças, de origem, de ideologias, de culturas, de vivências, de falares. Cabré (2005b) acrescenta que os termos não só denominam os objetos, mas também

(...) servem para expressar as diferenças conceituais ligadas à cultura de uma comunidade, grupo social ou escola profissional, para preservar esta cultura para além da uniformidade que a globalização da informação atual pretende impor, servem também para persuadir e mover a ação, para reter informação a certos grupos, para comerciar, para afirmar-se linguisticamente ou para estabelecer hierarquias dentro de grupos sociais. O caráter multidimensional da linguagem se reflete nos termos como unidades que a compõe e que se concretizam dentro de uma determinada língua (Cabré, 2005b, p. 148, tradução nossa<sup>28</sup>).

---

<sup>27</sup> Texto original: (...) *sin terminología no se hace ciencia, ni se describe una técnica, ni se ejerce una profesión especializada.*

<sup>28</sup> Texto original: (...) *sirven para expresar las diferencias conceptuales ligadas a la cultura de una comunidad, grupo social o escuela profesional, para preservar dicha cultura más allá de la uniformidad que pretende imponer la globalización informativa actual, sirven también para convencer y mover a la acción, para esconder información a determinados grupos, para comerciar, afirmarse lingüísticamente o jerarquizar los grupos sociales. El carácter multidimensional del lenguaje se refleja en los términos en cuanto unidades que forman parte de él y que se actualizan dentro de una lengua determinada.*

Foi com essa ciência que nesta pesquisa optamos por concordar com as proposições defendidas pela TCT, por acreditarmos que, de fato, os termos se manifestam no âmbito comunicacional e que não estão isentos de eventos de polissemia e variação.

Quanto à teoria clássica, estabelecida por Wüster (1974, 1998), supomos que foram fundamentais para o esclarecimento inicial acerca da essência das linguagens de um domínio, todavia a TGT não se aplica neste trabalho, pois, por não expandir seu poder explicativo e por classificar a linguagem técnica-científica como unívoca e os termos monossêmicos, deixaria à margem toda a diversificação existente na comunicação profissional do milho.

A TCT, de outro modo, por perceber o funcionamento linguístico especializado, abandona a rigidez normalizadora e assume a variação denominativa e conceitual dos termos. E ainda reconhece que as unidades lexicais especializadas não formam um sistema independente da língua geral. Nessa perspectiva, Cabré (2005b) aponta lacunas na teoria tradicional por:

Não considerar que os termos pertencem plenamente – e não só em seus aspectos denominativos – à linguagem natural; Negar-se a reconhecer que a terminologia é parte da linguagem geral como todas as consequências que isto implica; Considerar os termos como unidades sem interesse sintático e, como consequência, irrelevante para o discurso; Defender a univocidade e monossemia como parte dos termos, em contradição com dados extraídos da realidade (Cabré, 2005b).

Portanto, a TCT enfatiza a língua em seu contexto real de uso, oferecendo suporte para explicar os mais diversos processos linguísticos terminológicos, destacando fenômenos como a vulgarização ou generalização dos termos, a terminologização, a polissemia, a sinonímia e as variações na forma e nos significados dos termos. As reformulações teóricas, vistas na TCT, ocorreram também pela ampliação do acesso às tecnologias que resultaram no desenvolvimento da Linguística de *Corpus*, assunto abordado na seção seguinte.

### **3.4 A Linguística de *Corpus***

Em meio a tantas produções reais, na modalidade textual, cujas autorias são de especialistas dos múltiplos campos profissionais, a TCT ampliou suas perspectivas metodológicas, juntamente com a validação de novos requisitos de reconhecimento dos termos, encontrados nos textos especializados<sup>29</sup>. Passou-se, então, a incluir condições de produção inovadoras, atentando para a dimensão social dos textos, já que a TCT prioriza o funcionamento das unidades terminológicas, considerando as situações sociocomunicativas em que elas são apresentadas.

Atualmente, é possível ter acesso a um vasto repertório de textos de linguagens técnica, científica e cultural produzidas em contextos de comunicação especializada, que formam uma rica fonte de extração terminológica, e vem atraindo o interesse de muitos pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento. Assim, a Linguística de *Corpus* viabiliza destaque especial ao texto “como um todo funcional e estrutural da língua comum que usa determinadas formas lexicais, construções sintáticas e textuais que caracterizam a comunicação da área temática.” (Perna; Delgado; Finatto, 2010, p. 12). Para essas autoras, a pesquisa terminológica do texto especializado continua se mantendo necessária e produtiva.

O texto especializado é o instrumento ou o resultado de uma atividade comunicativa sócio-produtiva especializada. Compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) e está formado por um conjunto ordenado e finito de orações coerentes pragmática, sintática e semanticamente ou de unidades com valor de oração, que, como signos linguísticos complexos, de conhecimento enunciados complexos do humano e de circunstâncias complexas, correspondem à realidade objetiva (Hoffmann, 1988, *apud* Perna; Delgado e Finatto, 2010, p.13).

Quanto aos resultados da pesquisa em linguagens especializadas, Hoffmann (1998) elucida que não há somente uma linguagem especializada como expressão linguística invariável e monolítica, e sim uma quantidade abundante de domínios lexicais especializados que consentem uma discriminação interna, com alguns fatores mais específicos, e outros menos

---

<sup>29</sup> Entendidos como textos que possuem uma linguagem técnica e que versam sobre o conhecimento de alguma área do saber e se concretizam na comunicação dialógica por meio de diversos canais (Perna; Delgado e Finatto, 2010).

específicos. Refere-se ao *continuum* linguístico sob a perspectiva do esquema da língua e não separado dele (Krieger e Finatto, 2004).

A Linguística de *Corpus* promove a compilação de textos (orais ou escritos) por vias digitais. Para tanto, são utilizados programas computacionais, os quais possibilitam a análise de um grande número de dados linguísticos (Berber Sardinha, 2009). Logo, a tecnologia se torna indispensável para o desenvolvimento da pesquisa linguística de textos de especialidades. Foi possível, com o advento dessa área, criar e processar *corpora* enormes que, outrora, eram coletados e analisados de forma manual. Além disso, os *corpora* podem ser realizados por meio eletrônico, e o volume de textos pode ser acessado virtualmente. Perna; Delgado e Finatto (2010) concluem:

Assim, entende-se o texto especializado como o texto configurado na comunicação verbal dialógica de um interlocutor para o outro em um contexto que versa sobre uma especialidade. Ainda que tal comunicação possa ser realizada de muitas maneiras e através de múltiplos canais... Por isso, considerando que a comunicação e o registro do conhecimento são imprescindíveis para a constituição de um campo de saber, pode-se dizer que nenhuma área especializada sobrevive sem o texto escrito. No entanto, isso não significa que o texto oral seja excluído do conceito da linguagem especializada que é tanto falada como escrita de acordo com os respectivos recursos e exigências de cada modalidade de expressão (Perna; Delgado e Finatto, 2010, p. 13 e 14).

Diante de tais esclarecimentos, consideramos textos especializados aqueles que abordam temas pertencentes às inúmeras áreas de conhecimento, numa relação dialógica baseada na comunicação e interação entre seus interlocutores; esses textos incluem tanto os discursos na modalidade escrita quanto falada e são reconhecidos no ambiente de comunicação e por representarem o espaço natural das terminologias, são a fonte da linguagem de especialidade. Cabré (1993) os diferencia dos textos de língua comum por meio de traços linguísticos (lexicais, morfológicos e sintáticos) e pragmáticos (observando os autores, o público, o contexto comunicativo e os objetivos desejados) e conclui que o texto especializado se caracteriza pela temática, pelos usuários, pela situação de comunicação e pelo repertório significativo de termos de um campo.

### 3.5 Terminografia

Antes de surgir o termo Terminografia, bem como sua funcionalidade, fixou-se a ideia de que o registro de todas as unidades linguísticas, incluindo aquelas de domínio específico nos diversos campos do conhecimento, era um dos papéis da Lexicologia. Com o passar do tempo, essa prática foi se enquadrando como uma das funções da Terminologia, que tinha como objetivo, além de tratar da relação entre termo e conceito, produzir material com a reunião de termos em uma fonte de referência.

Com o avanço dos estudos do léxico e com a evolução da tecnologia, foi percebida a necessidade de estabelecer limites entre a Terminografia e a Lexicografia, ainda que possuíssem objetivos bastante similares. A distinção entre esses subconjuntos da Linguística se evidencia pelo método e função de trabalho e pelas características linguísticas. Os resultados e a forma de compilação dos elementos são diferentes na aplicabilidade da Lexicologia, da Terminologia e da Terminografia, assim como o tratamento atribuído aos dados e a apresentação não são os mesmos. Krieger e Araújo (2004) reconhecem que

Embora a comparação entre os aspectos pragmáticos e os objetivos perseguidos pela terminologia (a denominação e a normalização) e a lexicologia (descrição) nos conduziu a diferenciar ambas as matérias, a análise comparativa da lexicografia e da terminologia prática (a terminografia) nos leva a uma situação mais confusa. De fato, o processo de trabalho, tanto da lexicografia quanto da terminografia, conduz à compilação de unidades lexicais ou terminológicas em dicionários. Deste ponto de vista, pois, seus objetivos se confundem. No entanto, lexicografia e terminologia diferenciam-se por outros vários aspectos, que fazem com que um dicionário de língua comum seja um produto diferente de uma terminologia especializada (Krieger e Araújo, 2004, p. 20).

Diante disso, constatamos que a prática da descrição pertence ao universo da Lexicologia, entendida como a disciplina que estuda o léxico de uma língua, e que tem, atualmente, a área denominada de Lexicografia, iniciada com os primeiros dicionários monolíngues e bilíngues durante os séculos XVI e XVII. “A Lexicografia é a ciência dos dicionários” (Oliveira & Isquierdo, 2001, p.17), dedica-se, portanto, ao registro escrito dos vocábulos pertencentes a uma língua de uso geral. Lexicografia é a vertente pautada em

métodos e princípios de escrever dicionários, uma vez que a palavra é sua matéria-prima, a qual é descrita conforme premissas impostas e percurso metodológico proposto.

Surgiu, então, posteriormente, a área de estudos denominada de Terminografia, como um ramo da Terminologia. Essa disciplina, por sua vez, tem como papel central a compilação de termos que elege como de investigação; o léxico pertencente aos campos especializados. Essa área tem como objetivo a produção de dicionários e glossários terminológicos. O método de análise parte do conceito ao signo – a onomasiologia (Faulstich, 1990). Por conseguinte, a Terminografia ou Lexicografia Especializada é definida como

a ciência aplicada à qual cabe a elaboração de modelos que permitam a produção de obras terminológicas/terminográficas, no que diz respeito à sua macroestrutura, à sua microestrutura, ao seu sistema de remissivas (Barbosa, 1991, p. 188).

Assim, deduzimos que, como forma de registrar as linguagens usadas no discurso técnico, científico e cultural, essa dimensão aplicada da Terminologia visa facilitar a comunicação entre os interlocutores envolvidos nas esferas de saberes. Logo, quem for leigo em determinada área do conhecimento pode ter ao seu dispor os materiais terminográficos, que são fundamentais para entender expressões ou termos novos ou de sentidos diferentes.

Outra contribuição dos trabalhos terminográficos se reverbera na comunicação entre especialistas e trabalhadores com menor nível de escolaridade, como técnicos da atividade agroextrativista e pequenos agricultores. Esses, em sua maioria, preferem usar os termos do seu convívio por considerarem mais fáceis de se pronunciar e entender. Aqueles, geralmente, reproduzem no discurso a terminologia aprendida pelas ciências. Essa realidade provoca um certo distanciamento linguístico que, muitas vezes, afeta a comunicação e a compreensão. Por isso, uma obra terminográfica, dependendo do público, deve possuir uma linguagem mais acessível, coesa, evitando o uso de palavras difíceis.

A coleta e análise de dados terminológicos se tornam relevantes por ser uma maneira de preservar o léxico utilizado por determinados grupos de pessoas, valorizando suas linguagens peculiares mantidas pela tradição por

meio do registro do vernáculo de uma coletividade, haja vista que a evolução tecnológica no setor agrícola pode ocasionar o apagamento de muitos termos.

É propício alertarmos, conforme Krieger (2004), que a Terminografia se fundamenta em uma teoria, em que se observa a instituição de critérios metodológicos para sua produção. Em outras palavras, para se efetivar uma aplicação terminológica “é necessário se fundamentar em subsídios oferecidos por ela. Não se constrói um dicionário especializado a partir do nada, é preciso fundamentá-lo na teoria terminográfica” (Martins & Martins, 2019, p. 72). Nessa perspectiva, a nosso ver, o fazer terminográfico é ajustado, organizado, uma prática ordenada. Tem um caráter epistemológico, pois sujeita-se a um conjunto de parâmetros concebidos pela teoria que a originou, a Terminologia. A propósito, os trabalhos terminográficos que incluem mais um idioma devem seguir as recomendações estabelecidas pelos comitês internacionais, a exemplo do TC-37 da ISO, o qual impõe normas para as etapas de aplicação terminológica. Isto posto, reafirmamos que

A Terminografia não é uma atividade independente, é governada por uma série de recomendações procedimentais, formais e técnicas que têm sido amplamente aceitas. Podemos considerá-la como a face aplicada da Terminologia, voltada para a produção de glossário, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados (Martins & Martins, 2019, p. 72).

Ainda é sensato ponderarmos que os materiais terminográficos se diferenciam das produções lexicográficas no que se refere à entrada dos termos, porque os primeiros registram tanto verbetes simples quanto os sintagmas e as construções fraseológicas usados na comunicação especializada. De outra forma, nas obras lexicográficas, o que ultrapassa um simples léxico, é apresentado como subentrada; como parte que compõe o item lexical, os sintagmas aparecem no corpo do texto, da definição (Martins & Martins, 2019).

Quanto à estrutura dos inventários de termos pertencentes a diferentes domínios de especialidade, podem ser variadas, pois depende do conteúdo abordado, do tipo de obra, bem como do formato linguístico, se monolíngue, bilíngue ou multilíngue. Qual seja o material terminográfico, ele precisa apresentar uma organização estrutural, como o glossário, que constitui uma

rica oportunidade de registrar uma parte específica do léxico de uma língua. A Terminografia remete a uma produção que não deve ser imprevista, arbitrária, mas deve seguir os parâmetros teóricos que se instituí sobre as unidades terminológicas, segundo esclarece Finatto e Krieger (2004):

a) o produto deve atender às necessidades de um público-alvo, e de preferência deve preencher uma lacuna de informação; b) todos os dados registrados ou utilizados para a futura geração do produto devem ser plenamente confiáveis; c) a utilização e a ordem dos dados registrados... os símbolos utilizados para identificar dados coletados devem ser convencionais e sistemáticos... d) a ordenação dos dados de informação sobre o termo no interior de uma ficha de registro ou de uma base de dados e também o modo de organização das entradas... deve ser adaptado aos objetivos do trabalho e ao uso que será feito das informações (Finatto; Krieger, 2004, p. 130).

Em face disso, assimilamos que o percurso do trabalho terminográfico é delicado e exaustivo, porém importante e satisfatório. E, para obtermos um produto bem organizado e padronizado, é preciso levarmos em consideração não apenas a finalidade do trabalho, mas também o perfil dos consulentes, a validação dos termos e o formato da obra terminográfica. Costa (2015) orienta que é importante atentar para os princípios da adequação e da qualidade. O primeiro está associado ao consulente e à função do glossário (inclui a seleção das entradas, a organização da macro e da microestrutura, e de que forma a obra é disponibilizada – impressa ou digital). Já o princípio da qualidade diz respeito aos objetivos do glossário, isto é, com que e para que finalidade esse glossário foi criado (Costa, 2015, p. 67).

Em síntese, a Terminografia é uma área de estudo que também possui caráter teórico e metodológico e apresenta autonomia como teoria ou disciplina linguística. Por ser a vertente responsável pela aplicabilidade da Terminologia, as duas ciências se complementam nos estudos terminológicos. Desse modo, a Terminografia configura-se como um campo de conhecimento alicerçado teórica e metodologicamente que trabalha na produção de obras terminográficas como dicionários e glossários de áreas de especialidade que “contêm o conjunto de termos de um domínio especializado (de uma técnica, uma ciência, uma profissão etc.)” (Barros, 2004, p. 133). Convém, ainda, destacarmos que a compilação de termos e elaboração de um glossário, proposta fundamental desta pesquisa, não é uma tarefa simples, requer uma

organização e sistematização precisas. Ademais, é um trabalho que necessita da intervenção de outros estudiosos, além do pesquisador, devido à sua natureza multidisciplinar. É preciso a participação de especialistas da área de estudo e de outros profissionais aptos a contribuir (Lima, 2017). Nesta pesquisa, contamos com a colaboração de três agricultores e um agrônomo, os quais se mostraram habilitados na área do milho pelos conhecimentos adquiridos a partir de suas experiências laborais e/ou de formações acadêmicas.

### 3.5.1 Glossário

O glossário caracteriza-se como um dos principais repertórios de unidades terminológicas das diversas áreas do saber. Nele, são registrados os termos técnicos, científicos ou culturais de um domínio, com informações de significações e aspectos linguísticos. O glossário terminológico se diferencia de outros tipos de glossários, bem como se distingue de um dicionário lexicográfico, por constar apenas verbetes dos discursos especializados, os quais são descritos e analisados em seu contexto de uso. Eles podem seguir ou não o método onomasiológico e podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues. Krieger e Finatto (2004) elucidam que

Glossário — costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade (Krieger e Finatto, 2004, p. 51).

Os glossários terminológicos seguem uma estrutura ordenada, previamente explicada. Como aplicação de uma teoria, a saber a Terminologia, a obra terminográfica deve estar em concordância com os parâmetros teóricos que a fundamentam. A metodologia efetiva concede legitimidade à teoria em foco. Por isso, o terminólogo precisa percorrer caminhos que estejam de acordo com o que rege a teoria em análise, proposta como base da pesquisa. Além de apresentarem os conceitos dos termos de um dado campo de estudo, eles também podem informar questões gramaticais, como classes de palavras, e demais fatores linguísticos, como a existência de variantes terminológicas e o contexto de uso dos termos de especificidades, já que os glossários

terminológicos “restringem sua área de cobertura aos limites do domínio especializado que buscam abranger” (Martins & Martins, 2019, p. 73). Esses autores ainda tratam das seguintes tipologias de obras terminográficas:

Geralmente o glossário visa à exaustividade da linguagem de especialidade descrita. O dicionário terminológico ou técnico-científico é uma obra que registra o conjunto de termos de um domínio com informações conceituais e também linguísticas. Também visa à exaustividade dos itens lexicais de uma linguagem de especialidade descrita. Um banco de dados é um conjunto informatizado com grandes repertórios de termos e informações relativas ao uso e funcionamento (Martins & Martins, 2019, p. 73).

Os glossários especializados podem ter uma máxima abrangência, com uma grande quantidade de termos, ou podem ter uma mínima abrangência, com uma amostra limitada das linguagens especializadas, podendo conter somente termos mais comumente usados pelo grupo de falantes da área específica a qual se estuda. De acordo com Cabré (1993), há dois critérios básicos que classificam o glossário em pontual ou sistemático. São eles: o número de termos especializados e a motivação principiante. Na produção sistemática, objetiva-se registrar sistematicamente um elevado número de termos. Por outro ângulo, na obra de caráter pontual pretende-se atender a uma necessidade instantânea, sanar uma dúvida terminológica de imediato, logo, o quantitativo de termos é mais reduzido.

Igualmente julgamos ser importante atentar para a macroestrutura do glossário, observar a forma de organização das entradas do material de referência, que geralmente ocorrem na ordem alfabética, em função de proporcionar maior facilidade e rapidez na descoberta dos termos, fora o fato de os usuários estarem mais acostumados com esse modelo de organização.

A respeito desses critérios organizacionais e da linguagem utilizada, é fundamental que o terminólogo tenha ciência de que o glossário deve disponibilizar informações linguísticas de uma esfera particular do conhecimento, atentando para a acessibilidade e compreensão e coerência, sobretudo se a obra se direcionar para um público mais abrangente. Nesse pensamento, compartilhamos as orientações de Krieger e Finatto acerca do dicionário, mas que também servem para a produção de um glossário terminológico:

Distinguir, primeiro, as peculiaridades de um dicionário terminológico diante das especificidades e objetivos de dicionários gerais ou comuns da língua, [...] do mesmo modo, é fundamental ter consciência de que se está em meio a uma situação comunicativa particularizada (Krieger e Finatto, 2004, p. 127).

O público alvo pretendido é um fator bastante relevante para a produção de um glossário terminológico, pois pode direcionar os caminhos percorridos no trabalho, impactando profundamente o conteúdo abordado. Contudo, ainda sim, devem ter a finalidade de facilitar a comunicação.

### *3.5.1.1 Estrutura do glossário: a macroestrutura e a microestrutura*

Para elaborar um glossário terminológico, é preciso pensarmos na estrutura da obra que é formada pelos componentes macroestrutura e microestrutura. Devem ser acessíveis e funcionais para atender as necessidades dos consulentes, o que exige cuidados, responsabilidade, sensibilidade e dedicação do terminógrafo. São essas estruturas, dentre outros fatores, que vão classificar o trabalho terminográfico, reunindo dados terminológicos de uma especialidade em um repertório.

A macroestrutura corresponde à organização geral do glossário, é o esquema global composto por todos os termos com suas informações. Essa listagem pode ser apresentada em ordem alfabética ou pode ser dividida por campos conceituais. Para a obra terminográfica proposta neste trabalho, buscamos apoio nas acepções de algumas estudiosas, como Barros (2004), que compreende a macroestrutura como a organização interna do glossário terminológico que engloba o modo como as informações são apresentadas (de forma vertical e/ou horizontal), se há ilustrações, anexos, seções temáticas etc. A escritora ainda esclarece que os verbetes de um glossário são compostos, principalmente, pela entrada (unidade terminológicas) e pelo enunciado (informações sobre o termo).

Para Cabré (1993), a obra terminográfica pode apresentar na macroestrutura: Identificação do trabalho; Sumário; Apresentação; Introdução e justificativa; Normas de utilização da obra; Organização conceitual do campo de trabalho; Glossário de termos; Índice de termos por línguas e Bibliografia.

Para Krieger e Finatto (2004), corresponde toda a estrutura formada por partes introdutórias, relação de termos e demais relações.

A microestrutura é integrada com todas as informações do termo-entrada, é a organização interna do glossário, apresentando conhecimentos gramaticais, contextuais da área de especialidade, enciclopédicos, entre outros, contido em cada verbete. Segundo Albano (2009), a microestrutura de um glossário congrega todos os conhecimentos inseridos em um verbete, incluindo o próprio termo,

a definição e os contextos reais de uso, as possíveis variações terminológicas, as informações enciclopédicas, e UTs que possuam relações semânticas com o lema, como hiperônimos e hipônimos (Albano, 2009, p. 20).

Lima (2017) comenta que a obra terminográfica deve apresentar um padrão no sentido de que alguns itens se revelam obrigatórios (como definição e contexto de uso, por exemplo) e devem estar presentes em todos os verbetes, por outro lado, há elementos que são acrescentados em certos termos-entrada, de acordo com as escolhas do terminógrafo.

Portanto, a Terminologia é a ciência que foca no estudo dos termos pertencente a um domínio. E a TCT, como uma das teorias terminológicas, configura-se como uma vertente funcionalista que reconhece a eficácia comunicativa dos termos ao percebê-lo poliédrico e numa visão multifacetada. Dito isto, incumbe-nos descrever no próximo capítulo os procedimentos metodológicos percorridos nesta pesquisa.

## 4 METODOLOGIA

Este capítulo está seccionado em oito partes que descrevem todo o percurso realizado nesta pesquisa para que pudéssemos chegar aos resultados apresentados a partir dos objetivos estabelecidos, tendo como referência os parâmetros teóricos e metodológicos da TCT e da Terminografia. A primeira seção (4.1) mostra como realizamos a formação do *corpus* do trabalho que demandou muitas leituras para a escolha dos materiais reconhecidos como textos de especialidade. Na sequência (4.2), é apresentado o *software AntConc*, principal recurso usado na recolha e análise dos termos. No terceiro tópico, são apontados os critérios utilizados para essa coleta terminológica. Para dar continuidade, em 4.4, estabelecemos os campos conceituais referentes aos processos da cultura do milho, seguido de esclarecimentos. Em 4.5 e 4.6, explicamos sobre a macro e a microestruturas que tratam da organização do glossário terminológico do grão. O sétimo tópico aborda o modelo da ficha terminológica empregada, com indicações sobre as UT. Para finalizar o capítulo, expusemos (em 4.8) as fontes que constituíram o *corpus* da pesquisa, divididas em dois repertórios textuais (4.8.1 e 4.8.2): escritos e orais, consecutivamente.

### 4.1 Organização do *corpus* da pesquisa

A investigação se deu pela abordagem qualitativa, em função da tarefa de descrição e análise das UT e forma de tratamento dos dados, possui caráter documental, realizado pelo levantamento bibliográfico com tendência analítico-descritiva.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotamos a concepção da Linguística de *Corpus*, que é o campo da Linguística que recorre à coleta e análise de materiais escritos, ou seja, do conjunto de dados linguísticos verificados em textos, efetuados por falantes reais em seus discursos (Berber Sardinha, 2004). Então, para a construção do *corpus*, selecionamos trabalhos científicos publicados nas plataformas digitais que versam sobre a cultura do milho praticada no Maranhão, a exemplo de tese, dissertações e monografias, os quais foram baixados em sites de repositórios acadêmicos. Todos os textos

já se encontravam no formato *pdf*, porém, alguns, precisaram ser comprimidos e traduzidos (partes do trabalho), pois estavam escritos em inglês.

A cultura do milho é uma atividade agrícola que vem crescendo, mas que sempre se destacou no Maranhão, sobretudo na região sul do estado. Todavia, constatamos uma necessidade de mais estudos (publicados) voltados para essa área, seja por produções acadêmicas ou por postagens de vídeos nos sistemas virtuais de interação, como o *YouTube*, um dos mais utilizados para criar, assistir e compartilhar vídeos online. A maioria das pesquisas que encontramos são voltadas para o processo de plantação em geral, especialmente no que diz respeito ao solo. Há pesquisas que enfocam o trato de um elemento específico na cultura do grão, como o uso do nitrogênio, do gesso ou de biofertilizantes (artigos, monografias, dissertações e teses). Ou, ainda, falam (vídeos do *You Tube*) do quantitativo de área plantada e da produção do cereal, realizadas em um determinado período. Em virtude disso, decidimos, posteriormente, incluir na busca vídeos publicados no aplicativo *Tik Tok*, o qual se mostrou bastante útil pela abundância de publicações de agricultores de diversas partes do Maranhão e por facilitar a procura contendo informações de data e localidade onde foi feita a gravação.

Nesta etapa, encontramos dificuldades em selecionar os vídeos, no sentido de afirmar se a cultura da qual se falava era realmente realizada no Maranhão, e se a(s) pessoa(s) que apresentava(m) se encaixava(m) nos critérios de naturalidade e/ou residência local. Isso aconteceu pelo fato de não conter nas descrições dos vídeos informações de localização geográfica ou por não ser citada essa informação em nenhum momento durante a gravação. Logo, não foi possível saber se o dono de um canal (ou agricultor entrevistado) é maranhense, se falava diretamente da cultura local, se nasceu ou é residente desta região há mais de dois anos. Por isso, tivemos que fazer buscas mais avançadas sobre os autores dos canais, como assistir outros vídeos (fora de contexto), entrar em redes sociais e até mesmo tentar entrar em contato com essas pessoas para nos certificarmos da naturalidade delas e/ou tempo de moradia no estado maranhense.

Embora existissem esses entraves, reiteramos quão útil foram as reportagens e filmagens em geral que enfatizaram a atividade do milho, bem como foram, e são, essenciais os textos escritos para o estudo terminológico,

uma vez que eles são fontes de registro dos léxicos de especialidades ao abordarem técnica e cientificamente uma área do saber. Além disso, muitos dos trabalhos científicos selecionados para compor o *corpus* seguiram os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, em que foi e é possível perceber uma abundância de termos técnicos usados pelos agentes do domínio do milho. De igual modo, nos vídeos assistidos, percebemos nuances de especificidade lexical na fala de agricultores da região maranhense.

Diante do exposto, somos cientes de que os termos de especialidade, encontrados nos textos que abordam características da cultura do milho no Maranhão, já se validam como termos por ganharem forma e sentido relacionados ao campo específico profissional, e que essas expressões indubitavelmente se manifestam nos contextos comunicativos entre seus interlocutores, sendo passíveis de variação. Ao mesmo passo, entendemos que tais termos recebem legitimidade maranhense pelos seguintes fatos:

- Foram percebidos na escrita e/ou na fala de pesquisadores e agricultores maranhenses ou que vivem e trabalham com a cultura do grão no Maranhão há mais de 2 anos, conforme percebido nas fontes pesquisadas. Justificamos a escolha do período de tempo porque acreditamos ser suficiente para que um falante de uma determinada região, em convívio com outro falante de outra região, apresente influências linguísticas em seu discurso, pois passa a incluir em seu vocabulário termos, palavras ou expressões típicas do local de onde passou a habitar, ainda que esse processo aconteça de forma inconsciente. Então, a nosso ver, um sulista, por exemplo, que reside no Maranhão há mais de 2 anos e que tem contato direto com trabalhadores rurais locais, à medida que se comunica com eles em ambiente profissional, pode certamente adquirir os termos de especialidade utilizados pelos seus pares, a fim de facilitar a comunicação e, de certa forma, se aproximar socialmente do grupo que agora faz parte. Para nos certificarmos desse fator temporal por parte do público alvo requerido, foi necessário realizarmos buscas em sites, em redes sociais, blogs ou em outros vídeos, e assim descobrimos o tempo de permanência desses agricultores no Maranhão;

- Foram registrados, nos textos escritos, por pesquisadores maranhenses;

- Fazem referência ao cultivo do milho em diversas cidades pertencentes ao Maranhão, uma vez que as investigações se realizaram nessas localidades;

- São fontes, majoritariamente, maranhenses, ou seja, são trabalhos publicados por universidades locais (UEMA, UFMA), disponibilizados em seus repositórios *online*. Mas todas as autorias são de pessoas maranhenses que analisaram características do plantio do milho em sua terra natal.

Para a organização do *corpus* da pesquisa, utilizamos-se como fontes:

- textos escritos: divididos em 9 dissertações de mestrado, 1 tese de doutorado, 9 monografias e 1 documento da EMBRAPA. Todos eles com a temática do milho no Maranhão;
- textos orais: constituídos por 10 vídeos do *YouTube* encontrados nos canais – Maranhão Rural, Maranhão Agro, Terra Agro, Balsas Rural, Notícias Agrícolas (totalizando 5 reportagens), e também de canais pessoais, Mearim Agrícola, Ezequiel, Shunji Hisaeda, Julimar Silva (contabilizando 3 entrevistas curtas, 1 gravação de um agricultor que mostra sua rotina de trabalho em Buriticupu e 1 vídeo de um homem do campo extraíndo milho na roça). O outro canal (foco na roça) é um *short* de 18 segundos sem fala, porém com o registro terminológico na descrição do vídeo. Ainda fizeram parte deste repertório oral 15 vídeos curtos (do *Tik Tok*) cujo tempo varia entre 01: 03 e 05:38.

Para delimitar a pesquisa, empregamos alguns critérios durante a busca pelos materiais eletrônicos, a fim de obtermos um *corpus* que representasse de fato o léxico de especialidade do milho utilizado pelos maranhenses. Vale salientarmos que muitos agricultores e produtores rurais têm vindo de outras regiões do Brasil, atraídos pelo agronegócio no Maranhão, e têm se dedicado à cultura do milho na localidade. Ademais, ressaltamos que os termos podem não ser restritos aos falares do Maranhão; é possível que também sejam usados em outras localidades. Logo, afirmamos apenas a legitimidade local pelo fato de que a pesquisa abrange apenas textos com a participação de agricultores, especialistas e pesquisadores maranhenses.

Foram então pesquisados:

- Textos orais e escritos publicados entre 2015 e 2025. Consideramos esse tempo adequado por questões relevantes como os avanços tecnológicos que vêm tomando espaço no setor rural, ocasionando mudanças significativas

na atividade, bem como pela ampliação da divulgação das fontes de pesquisa, entre elas publicações de trabalhos científicos e de vídeos em diversos meios eletrônicos;

- Trabalhos realizados por meio da pesquisa de campo realizada no Maranhão, em qualquer cidade pertencente ao estado;
- Vídeos de canais de empresas ou jornais maranhenses, ou ainda de canal de autoria pessoal de um agricultor da região.

Como dito anteriormente, a pesquisa iniciamos a pesquisa pelo levantamento de textos escritos que tratam do tema proposto nesta dissertação, seguindo os critérios já mencionados. Para isso, observamos não apenas os títulos dos trabalhos, mas também fizemos a leitura do resumo, do sumário e de capítulos, no intuito de saber se poderiam se encaixar à proposta do estudo.

Após essa longa etapa, realizamos a conversão de todos os arquivos (em *pdf*) para o formato *word*, pelos programas *online* e gratuito *iLovePDF*<sup>30</sup> e *smallpdf*<sup>31</sup>. Algum arquivo, devido ao tamanho, precisou primeiro ser comprimido para depois ser convertido em *word*. Em seguida, executamos o processo de “limpeza” dos textos, isto é, o descarte de imagens, gráficos, números, tabelas, equações, capas etc., para que pudessem ser “rodados” no programa *AntConc*, o qual exige esse procedimento. Depois dessa etapa, copiamos todo o conteúdo e colamos no aplicativo *Bloco de notas*, que é um editor de texto sem formatação; por fim salvamos em *txt*, forma aceita pelo programa *AntConc*. Esse *software* possibilitou fazermos a identificação e seleção dos termos de especialidade, e, conseqüentemente, a organização do material e busca de informações necessárias para a observação e interpretação dos dados.

## 4.2 O recurso computacional *AntConc*

Após a formação do *corpus* da pesquisa, tivemos que realizar a seleção dos termos. Para tanto, agimos com auxílio do software *AntConc*<sup>32</sup> versão 3.5.9,

---

<sup>30</sup> [https://www.ilovepdf.com/pt/pdf\\_para\\_word](https://www.ilovepdf.com/pt/pdf_para_word)

<sup>31</sup> <https://smallpdf.com/pt/pdf-para-word>

<sup>32</sup> <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>

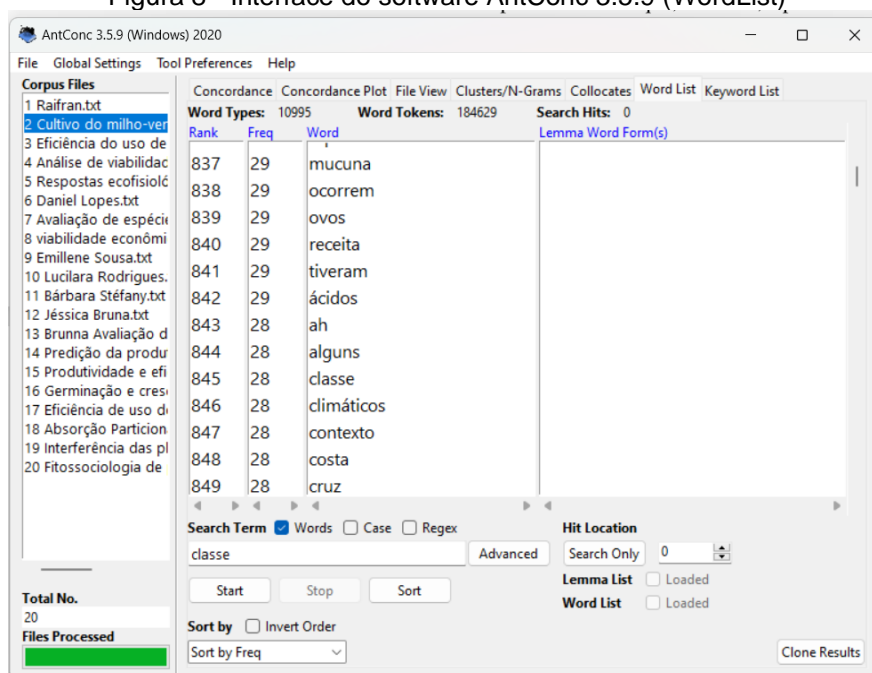
desenvolvido pelo professor Laurence Anthony, da Faculdade de Ciência e Engenharia da Waseda University, no Japão. Este programa é comumente utilizado em estudos linguísticos, uma vez que é uma ferramenta bastante útil e versátil na etapa de análise dos dados. Ele é oferecido de forma gratuita e é abertamente acessível, sem a necessidade de inserir código para o acesso.

O *software* apresenta sete ferramentas que são excelentes técnicas de como operar a linguística de *corpus* e que permitem observar a frequência dos termos e o contexto de uso. São denominadas de: *Concordance*, *Concordance Plot*, *File View*, *Clusters/N-Grams*, *Collocates*, *Word List* e *Keyword List*.

Entre as principais utilidades do *AntConc*, destaca-se a função que serve para identificar termos e expressões de um *corpus* composto de textos eletrônicos, observando a frequência das UT. Também é útil para analisar colocações ou vocábulos que aparecem juntos com frequência, revelando uma estrutura linguística padronizada. E, ainda, é possível ver o contexto de uso dos termos, visualizando o conteúdo na fonte que registrou o termo.

Conforme registrado na Figura 10, podemos verificar o termo, a quantidade de registro no *corpus* e a classificação.

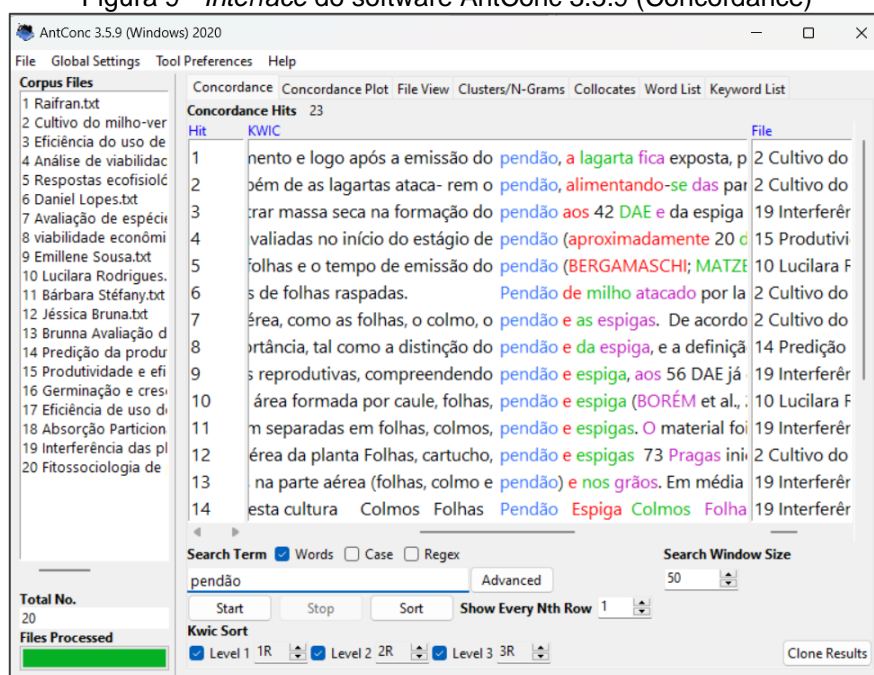
Figura 8 - Interface do software AntConc 3.5.9 (WordList)



Fonte: elaboração da autora (2025)

Ao inserir os textos no formato *txt*, escolhemos o recurso *Word List* e obtivemos a listagem de todas as palavras e termos encontrados nos arquivos. Nesta fase, selecionamos manualmente os candidatos a termos, um por um escrito em um caderno. Para cada dado apresentado, aparecia a relação de situações em que ele foi usado (*Concordance*), indicando inclusive em quais documentos e quantas vezes ele foi registrado, como exibido na Figura 11. Desse modo, pudemos ver as palavras e expressões que vêm antes e depois da UT. Por fim, ao escolher uma das opções em que apareceu o termo, foi possível vermos o texto mais completo (*Word List*), fazermos a análise e então decidirmos incluí-lo ou não na recolha dos termos.

Figura 9 - Interface do software AntConc 3.5.9 (Concordance)



Fonte: Elaboração da autora (2025)

Para esta pesquisa, lançamos mão das ferramentas *Word List*, *Concordance* e *File View* que se mostraram suficientes para a análise e seleção das unidades terminológicas.

Em relação aos textos orais, concretizamos inicialmente a seleção dos vídeos com a temática do milho. Assistimos à inúmeros vídeos, alguns até mais de uma vez. Além disso, buscamos informações nos canais, lendo comentários e respostas, enviando perguntas para o dono do canal, acessando redes sociais e *sites*, plataforma lattes etc.; toda essa busca para termos a certeza de

que se tratava da cultura realizada na região maranhense e de que o produtor já vivia no Maranhão tempo considerado suficiente nesta pesquisa. Depois de escolhidos os vídeos, fizemos as transcrições, no *word*, das partes principais que interessava para o estudo, para então transformarmos os arquivos em *txt* e inseri-los no *AntConc*.

Para cada formato de arquivo, criamos uma pasta no notebook, com as descrições “PDF”, “WORD”, “TXT”. Além dessas, criamos uma pasta com o nome “DISPENSADOS” para os escritos que precisaram ser retirados do *corpus*, em virtude da temática mais distanciada da que se procurava. Assim, foi viável organizar e identificar os arquivos.

### 4.3 Definição dos campos semânticos da cultura do milho

Inicialmente, realizamos um levantamento de todas as UT que dizem respeito à área do grão. Durante esse processo, percebemos que muitos termos, já inseridos em um campo semântico, estavam relacionados a outros campos maiores, mais abrangentes. Por exemplo: o termo *calagem*, que pertence ao campo */técnica de cultivo/*, apresenta uma forte relação com o macro campo */plantio e manejo/*. Nesse caso, o termo-entrada faz parte das etapas de plantio e manejo, mais especificamente da área *técnica de cultivo*, apresentando essa informação da seguinte forma: */plantio e manejo: técnica de cultivo/*. Outro macro campo foi */colheita/* que apresentou subáreas mais específicas, tal como em: *colhedora*, termo que remete ao processo de colheita, mas em especial à instrumento agrícola. O termo-entrada, então, informa assim: */colheita: instrumento ou ferramenta agrícola/*.

Por isso, achamos adequado organizar os termos em cinco áreas conceituais, sendo duas delas com subáreas (plantio e manejo, e colheita). Para as demais (pós-colheita, praga, doença e comercialização), não foi possível realizarmos uma marcação tão precisa, uma vez que não tínhamos todas as informações necessárias para esse fim.

Outra consideração a fazer é que alguns termos apresentaram mais de um campo semântico, pois estão intrinsecamente associados. É o caso do termo *plantadeira de linhas* que pertence a dois subcampos dentro de */plantio e manejo/*. Logo, no glossário, cada uma das indicações se apresenta entre

barras, separadas por um espaço em branco, desse modo: */plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/* */plantio e manejo: técnica de cultivo/*. Ainda exemplificando, temos a unidade terminológica *milho transgênico*, o qual está inserido em dois campos conceituais, são eles: */plantio e manejo: técnica de cultivo/* */comercialização/*.

Após a listagem e contagem de todos os termos, recorreremos à divisão manuscrita dos campos semânticos, percebidos nos processos que envolvem o cultivo e a produção da gramínea. Conforme entendida a significação dos termos, efetuamos a separação semântica dos dados. É válido ressaltarmos que, para a identificação do sentido e do(s) campo(s) conceitual(ais) de determinados termos, foi necessário pesquisa e consulta a especialista da área, afim de garantir fiabilidade. É interessante que o próprio documento da EMBRAPA (Sousa *et al.*, 2020) já sugere essa divisão dos procedimentos da cultura do grão e que podem ser categorizados como campos conceituais.

Nesta publicação são abordados aspectos como: preparo e correção do solo, adubação de fundação e de cobertura, plantio, manejo de irrigação, manejo e controle de pragas e doenças, manejo de plantas invasoras, colheita, pós colheita, transporte, armazenamento, mercado, comercialização, coeficientes técnicos, custos, rentabilidade e muitos outros (Sousa *et al.*, 2020, p. 14)

Desse modo, todos os termos que remetem à cultura do milho foram seccionados e organizados nos seguintes campos semânticos:

- **PLANTIO E MANEJO - termos relacionados a todos os processos que envolvem o ato de plantar sementes, desde a preparação do solo até os tratos culturais realizados depois que as plantas emergem do solo (incluindo clima), antes da colheita:**
  - Técnica de cultivo (exemplos: calagem, fertirrigação);
  - Instrumento ou ferramenta agrícola (exemplos: matraca, broca);
  - Morfologia ou parte da planta (exemplos: orelha, cabelo);
  - Desenvolvimento da planta (exemplos: embebição, embonecamento);
  - Clima (exemplos: el niño, el niña).
- **COLHEITA – termos concernentes às etapas de recolha do produto agrícola, podendo ser manual ou mecanizada.**
  - Extração do milho (compartimento de cargas, quebrar milho);

- Instrumento ou ferramenta agrícola (exemplos: colhedora;
- **PÓS-COLHEITA** – termos que remetem ao armazenamento dos grãos (exemplos: silo, secador).
- **PRAGA** – termos referentes a insetos e lagartas (e suas fases de desenvolvimento) que atacam a plantação de milho, se alimentando dela ou transmitindo doenças (exemplos: cigarrinha, empupamento).
- **DOENÇA** – termos associados a sintomas que causam alterações fisiológicas na planta, provocando perda ou redução da plantação de milho. Os sintomas podem ser causados por praga, manejo inadequado, falhas nos tratos culturais ou por fatores climáticos (exemplos: coração morto, enfezamento).
- **COMERCIALIZAÇÃO** – termos relativos à venda do milho e de seus derivados (exemplos: PMG, espiga principal).

#### 4.4 Critério de seleção dos termos

O processo de seleção dos termos foi realizado com base na proposta de Faulstich (1998, p. 8) que pontua:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade socioprofissional;
- c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto.
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalização, que tratam do mesmo assunto;
- e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- f) os usos escrito e oral são levados em conta.

Portanto, descrevemos e analisamos o léxico de uso especializado que se manifesta no contexto discursivo no campo socioprofissional da cultura do milho, retirados de um *corpus* de 20 textos escritos e 25 textos orais. São diversos autores/informantes, que tratam de diferentes elementos referentes ao milho, entre eles o uso de biofertilizantes, o cultivo consorciado, a aplicação de nitrogênio, plantas daninhas. As pesquisas abordam a realidade de vários municípios maranhenses como São Luís, Ribamar, Paço do Lumiar, Balsas,

Igarapé Grande, Imperatriz, Campestre, Brejo, Buriticupu, Porção de Pedras etc.

Para a seleção dos termos que constituíram entradas no glossário, estabelecemos os seguintes critérios:

- *Representatividade e importância do termo para a cultura*: há termos que não tiveram tantos registros, mas que se mostraram cruciais no contexto da pesquisa; alguns só foram encontrados em apenas uma fonte de pesquisa, outros ainda apresentaram um único uso. Todavia, após pesquisas e conversas com profissionais, ratificamos de que se tratavam de termos essenciais para a terminologia do grão – Exemplos: *La Niña* e *El Niño*, *Pamonharia*.
- *Nível de especificidade da área de domínio*: escolhemos a UT que mais se associa à cultura do milho, uma vez que há outras com sentido mais geral dentro dos estudos agronômicos. - Exemplo: entre os termos *embonecamento* e *polinização*, optamos pelo primeiro por ser mais específico do universo do milho, enquanto o segundo é um termo que pode remeter à outras culturas.
- *Categoria gramatical dos substantivos e sintagmas nominais*: há unidade terminológica que se apresentou em mais de uma classe gramatical, porém demos prioridade para os nomes, pois o substantivo “é a categoria gramatical que melhor integra a capacidade referencial do léxico.” (Lima, 2017, p. 143). - Exemplo: *embonecar/embonecando* tiveram mais usos, especialmente nos textos orais, enquanto *embonecamento* só apareceu em uma monografia a qual exhibe em uma tabela os estádios vegetativos e reprodutivos da planta, sendo o *embonecamento* a primeira fase (R1) do segundo estágio (reprodutivo).
- *Confiabilidade, através do teste de fiabilidade*: há termos em que a frequência de uso não foi um critério relevante para determinar a escolha do termo-entrada. Para isso, foi preciso a validação realizada junto ao produtor rural – Exemplo: o termo *nó* apareceu em uma monografia, e sua variante *gomo*, em um vídeo. Segundo o agricultor (em conversa), *gomo* não é o termo usado em sua cidade e adjacências, embora ele mesmo o tenha utilizado na gravação. De

forma semelhante ocorreu com o termo *cartucho*, que apresentou as variantes *oio/olho*, *funil/funilzinho*, *copinho*, tendo em vista a situação de fala do agricultor, o qual estava fazendo uma demonstração e explicando como evitar ou combater a lagarta-do-cartucho. Já a UT *mata tudo*, a pesar de ter menor frequência que a variante *glifosato*, foi assegurado pelos informantes rurais que, em geral, no Maranhão é o termo predominante.

- *Frequência de uso*: algumas UT foram elencadas pelo desempate na quantidade de usos observada no *corpus*. Exemplo: *linha* e as concorrentes *fileira* e *carreira*. Avaliou-se a relevância dos termos com base naquele com maior frequência.

Realçamos que as unidades terminológicas escolhidas não precisaram atender obrigatoriamente a todos esses parâmetros de forma paralela, concomitante. E os verbos foram escritos no modo infinitivo, a fim de atender às exigências dos estudos terminográficos. Outro realce a se fazer é que, em muitos contextos de uso, aparecem outros termos da cultura do milho que não compõem o glossário, pois não se encaixaram nos critérios de seleção para este estudo, não sendo possível incluir no glossário todos os termos encontrados, o que oferece condições para novas e futuras pesquisas – Exemplos: *braquiária*, *ancoragem*, *senescência*, *tegumento*.

Em relação à questão da variação no âmbito fonético, para esta investigação, com exceção da forma *debulhar* (var.: *dirbuiar*), não foram consideradas variantes, pois a variação fonética não faz parte do objetivo deste estudo, portanto, registamos apenas as variantes denominativas. Comentamos também que o glossário, ao incluir textos orais, com as falas de trabalhadores do campo, apresenta termos (verbetes ou variantes) que fogem à norma-padrão da língua portuguesa, mas que também são importantes e aceitos nos estudos terminológicos, como é o caso do termo *dirbuiar*. Nesse caso, empregamos como termo-entrada a forma *debulhar*, conforme prescrito pela gramática da língua portuguesa, mas no contexto de uso o que aparece é a variante *dirbuiar* por ser o termo encontrado no *corpus* (vídeos).

No que tange ao processo de validação dos termos, o glossário contou com a colaboração de três agricultores, dos municípios de Porção de Pedras, Buriticupu e Campestre, e um agrônomo de Lago dos Rodrigues – MA. As

conversas com esses profissionais permitiram saber se um candidato a termo poderia realmente ser considerado um termo, entender o referente e descobrir se haveria variantes que concorressem com o termo em questão. O contato com esse grupo ocorreu por meios virtuais: com um agricultor foram trocadas mensagens por e-mail; com outro, o contato foi pelo *Tik Tok* e também por ligação de voz; já com o agrônomo e o terceiro produtor, a comunicação (simultânea, já que são amigos e moram em cidades vizinhas) se deu pelo *WhatsApp*, tanto por chamada de vídeo, com duração de uma hora e alguns minutos, quanto por mensagens de texto.

É válido clarificarmos o que se entende por variante terminológica, fenômeno natural e inerente a todo sistema linguístico comunicacional, “decorrentes das diferentes condições de produção e de circulação de um discurso especializado, de diferentes épocas, espaços, de diferentes graus de formalidade ou de abstração (...)” (Santos, 2009, p. 54). Para a TCT, a variação é “explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo significado (sinonímia) ou em abertura significativa de uma mesma forma (polissemia).”<sup>33</sup> (Cabré, 1999, p. 85). Desse modo, concebemos variante denominativa como o termo que concorre com o termo predominante, ou seja, são diferentes nomenclaturas para um mesmo referente; são consideradas sinônimas do termo principal (exemplo: verbete *competição* – variante [sinônimo] *concorrência*). A variante conceitual (polissemia) diz respeito aos diversos significados para uma mesma nomenclatura/denominação. Ainda é pertinente explicarmos que há termos variantes mais gerais, mas é possível identificá-los pelo contexto (exemplo: *adubo* pode remeter tanto à *adubação de cobertura* quanto à *adubação de fundação*, mas é através do contexto e/ou da exibição dos vídeos que entendemos a qual termo principal a variante *adubo* se refere).

#### 4.5 A macroestrutura

A macroestrutura se refere ao modo de organização dos termos-entrada no glossário. Nesta obra, escolhemos organizar os termos pela ordem alfabética, dada sua maior facilidade e agilidade na busca das unidades

---

<sup>33</sup> [...] explicitada em formas alternativas de denominación del mismo significado (sinonímia) o em abertura significativa de uma mesma forma (polissemia).

terminológicas. Além disso, “o que tem se mostrado mais fácil e ágil é a organização por ordem alfabética, uma vez que a apresentação por ordem alfabética é mais familiar”. (Martins & Martins, 2019, p. 75).

A obra terminográfica dispõe de 116 unidades terminológicas inseridas em 11 campos conceituais, sendo 7 deles introduzidos em dois macro campos. Foram registrados casos de sinonímia (em diversos termos) e polissemia. As entradas (que são termos) apresentam um único lexema (substantivos, adjetivos e verbos) ou um grupo de lexemas que funcionam como sintagmas (nominais e verbais). Nesse caso, foi considerado o primeiro elemento sintático para a ordenação alfabética.

Conforme orientação teórica-metodológica já exposta, o glossário terminológico do milho apresenta as seguintes informações: termo-entrada, categoria gramatical, área semântica, definição, contexto de uso, referência do contexto, remissivas, variante terminológica, fontes de registro dos termos, notas e ilustração.

Elegemos essa estrutura porque acreditamos ser apropriada para o tipo de obra proposta, por ser adequada para o público a qual se destina e, ainda, consideramos a obra com dados suficientes para o entendimento mais aprofundados das UT. Acrescentamos a isso o fato de que, com essa estrutura, pudemos alcançar os objetivos de uma pesquisa terminológica.

Dito isso, e com base em Lima (2017), demonstramos o esquema da estrutura que compõem o glossário aqui proposto. As sinalizações com + significa que essas informações constam em todos os verbetes do glossário, as com ± quer dizer que nem todos os verbetes apresentam esses elementos.

Figura 10 - Esquema estrutural do glossário

(1) **Termo-entrada** (unidade terminológica) + (2) **informação gramatical** + (3) **campo semântico** + (4) **definição** + (5) **contexto de uso** + (6) **referência do contexto** ± (7) **remissivas** ± (8) **variante** + (9) **fontes das unidades terminológicas** ± (10) **notas** ± (11) **ilustração**.

Fonte: Elaboração da autora (2025), adaptado de Lima (2017)

É conveniente informarmos que os verbetes apresentam um modelo padrão (em caixa alta e realce amarelo) e que alguns elementos aparecem em

todos os termos-entrada, são eles: informação gramatical, campo conceitual, definição, contexto de uso, referência e fontes dos termos. Em contrapartida, há aspectos que só se manifestam em uns verbetes, sendo remissivas, variante terminológica, notas e ilustração.

Isto posto, compreendemos que a macroestrutura é constituída por “nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos”. (Frübel, 2006, p. 58). Nesse ângulo, presumimos que uma estrutura bem organizada contribui para situar o leitor, oferecendo-lhe acessibilidade, confiança e entendimento do domínio estudado. Também se torna essencial a organização mais minuciosa que trata da organização interna da obra terminográfica, é o que explanamos no tópico que segue.

#### 4.6 A microestrutura

A microestrutura consiste na organização e estrutura do glossário. Para tanto, seguimos as orientações de Barros (2004) no que diz respeito aos dados composicionais: “a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico; c) a ordem de sequência dessas informações”. (BARROS, 2004, p. 156). Ainda se tomou como referência para a construção do glossário o modelo apresentado por Faustich (2008).

Diante disso, para cada unidade terminológica empregamos os seguintes elementos:

1. **Termo-entrada:** em caixa alta, negrito e com realce amarelo;
2. **Informações gramaticais:** ao lado do termo – entrada; abreviatura em letras minúsculas, em itálico. Indica a classe morfológica/sintática das unidades terminológicas.
3. **Campo conceitual:** abaixo do termo-entrada, em letras minúsculas, em itálico e entre barras (/). Informa a que área semântica pertence a unidade terminológica, dentro da cultura do milho.
4. **Definição:** é a definição final da unidade terminológica, elaborada após verificação do contexto, pesquisas e validação com profissionais da área. Para esta construção, levamos em conta o público consulente, que pode incluir tanto agricultores menos especializados

quanto pessoas que não conheçam o ramo profissional da cultura do milho. Portanto, nos servimos de uma linguagem clara e acessível.

5. **Contexto e fonte:** é o fragmento do texto (escrito ou oral), obedecendo a originalidade da escrita e da fala dos informantes, inseridos após a definição, na mesma linha, seguidos da fonte ou referência de registro da citação, de acordo com as normas da ABNT. Nesta marcação, colocamos o recorte textual entre colchetes, com o termo-entrada entre os sinais <>. Exemplo: [*Suas flores estão distribuídas em inflorescências masculinas <(panículas)> no ápice da planta e femininas (espigas) nas axilas das folhas.*] (Costa, 2025, p. 12). Esta composição é fundamental, pois, segundo Faulstich (2008), o terminógrafo deve registrar na sua obra as frases onde o termo foi percebido nos documentos fonte, a fim de assegurar a verdade textual. É justo informarmos que foram escolhidos contextos de uso que mais se aproximaram das definições dos termos, na tentativa de abarcar da melhor forma as informações apresentadas nas definições dos termos. Ademais, vale sinalizar que os usos das reticências nos contextos é para indicar supressão de uma parte do texto original por ser dispensável para aquele uso. Por fim, cabe explicar que o registro dos parênteses em um ou outro contexto foi realizado pelos próprios autores referenciados, e achamos apropriado mantê-los quando o destaque é para o mesmo termo-entrada [exemplo: <(atravessador)>], mantendo assim a fidelidade ao texto original. Todavia, em vários outros contextos, em que os usos dos parênteses realçam outros termos e/ou informações adicionais, preferimos substituí-los por vírgulas, no intuito de o destaque ser somente para o termo que representa o termo-entrada.
6. **Remissiva:** apresenta termos relacionados com a entrada como palavras antônimas, complementaridade do termo e presença de outros termos na definição e/ou no contexto. Todos em itálico, após contexto fonte. Para esta informação, usamos a abreviatura Cf. (conferir) + o termo direcionado, com realce na cor azul claro.

7. **Variante:** sinalizada pela abreviatura “*Var. Ter.*” As variantes estão com destaque verde. São as formas denominativas que concorrem com a entrada.

8. **Fontes de registro das unidades terminológicas:** em caixa alta, entre parênteses. Informa em quais textos (escritos e/ou orais) foram encontrados os termos. Para isso, codificamos da seguinte forma os textos escritos: número (por ordem decrescente de publicação) + iniciais do nome do(a) autor(a) [três letras] ou EMB para EMBRAPA + traço ( - ) + gênero/formato textual, (T, D, M, Dc – tese, dissertação, monografia e documento). Exemplos: 02 MCS – D, 20 EMB – Dc. Em relação aos vídeos, usamos as configurações: VID 01, VID 02... VID 25.

9. **Notas explicativas:** são informações linguísticas ou enciclopédicas que contribuem para o melhor entendimento do sentido do termo.

10. **Ilustração:** imagens que representam os termos, tiradas da internet.


Pontuamos que as **variantes conceituais**, são apresentadas com: novo(s) campo(s) conceitual(ais) - também em itálico e entre barras – definições numeradas, contextos de uso com as referências em cada um, variantes terminológicas (destacadas em verde), fontes de registros e notas explicativas, conforme Tabela 4.

Tabela 4 - Modelo de verbete com apresentação de variação conceitual (polissemia)

<p><b>TERMO – ENTRADA</b> s. f.</p> <p><i>/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/</i></p> <p>1. Definição (+ contexto de uso + referência do contexto de uso)  <i>Var. Ter.:</i> xxxxxxx</p> <p>(01 MMV – T; 02 MCS – D)</p> <p><i>/plantio: técnica de cultivo/</i></p> <p>2. Definição (+ contexto de uso + referência do contexto de uso)  <i>Var. Ter.:</i> xxxxxxx</p> <p>(03 MCT – D; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D)</p>
---

Para facilitar ainda mais a compreensão do trabalho terminográfico, elaboramos o guia do usuário com base no próprio glossário produzido nesta pesquisa, com o intuito de que seja uma ferramenta útil para os consulentes, conforme Tabela 5.

Tabela 5 - Guia do usuário

(1) <b>PLANTAR EM CARREIRAS</b>	(2) <i>sint. ver</i>
(3) <i>/plantio: técnica de cultivo/</i>	
(4) Técnica de plantio em covas que seguem uma sucessão em linha reta.	
(5) [... mas a gente tá tentando fazer pelo menos as carreiras aqui, dentro do arroz a gente costuma <plantar em carreiras>. E aonde não é o arroz, onde não tem o arroz, a gente costuma plantar de batalha, que é o milho metido mais próximo, né!] (6) (VID 04, 2023) (7) Cf.: <b>Plantar de batalha</b>	
(8) <i>Var. Ter.:</i> <b>Semear em linhas, cultivar em linha</b>	
(9) (13 BMF – M; VID 04)	
(10) <b>Nota:</b> Em contato com o agricultor, foi possível descobrir que se utiliza as duas modalidades de plantio para o milho na região.	
(11)	

Fonte: Elaboração da autora (2025)

(1) **Entrada** – termo principal, é o verbete.

(2) **Categoria gramatical** – classe de palavra, conforme o estudo da morfologia (substantivo, verbo, adjetivo etc.).

- (3) **Campo(s) semântico(s)** – área que compõe as etapas laborais no trabalho do milho
- (4) **Definição** – conceito do termo-entrada, elaborado após pesquisas e análises.
- (5) **Contexto de uso** – fragmento retirado de uma das fontes que compõe o corpus da pesquisa, registrando o uso do termo-entrada.
- (6) **Referência do contexto de uso** – informação padronizada do documento de onde se extraiu o trecho citado (contexto de uso), indica o autor, o ano de publicação da obra e a página que registrou o termo (para textos escritos), ou o vídeo e o ano em que foi publicado (para textos orais).
- (7) **Remissiva** – direcionamento para termos relacionados ao verbete.
- (8) **Variante(s) terminológica(s)** – termo usado como sinônimo do termo principal (entrada).
- (9) **Fontes das UT** – obras (monografias, dissertações, tese e documento da EMBRAPA) e vídeos que utilizaram o termo-entrada e as variantes.
- (10) **Nota(s) explicativa(s)** – acréscimo de informações relacionadas ao termo-entrada, enciclopédicas ou linguísticas.
- (11) **Ilustração** – linguagem visual que utiliza imagem para complementar ou confirmar a definição da UT.

#### 4.7 A ficha terminológica

A elaboração da ficha terminológica (Apêndice B) é uma etapa indispensável para a construção do glossário, uma vez que é o material que estrutura e organiza a obra terminológica. Nesta ficha, são introduzidas as informações dos termos. No caso desta pesquisa, esse procedimento metodológico foi realizado após a recolha e compilação das unidades terminológicas, de forma manual. Assim, pudemos construir um banco de dados terminológico, garantindo a ordem do glossário e o acesso às informações dos termos. Para sinalizar algumas informações dos termos, recorreremos ao uso de algumas abreviaturas e sinais no glossário, que são:

*s. f.* – substantivo feminino

*s. m.* – substantivo masculino

*adj.* – adjetivo

*v.* - verbo

*sint. nom. f.* – sintagma nominal feminino

*sint. nom. m.* – sintagma nominal masculino

*sint. ver.* – sintagma verbal

*Var. Ter.:* variação terminológica

*Cf.:* - conferir

A fim de compreendermos o que é um sintagma nominal, os gramáticos Chini e Caetano (2020) elucidam que se trata de uma estrutura sintática com dois ou mais componentes cujo(s) núcleo(s) é(são) um nome, geralmente um substantivo; pode conter artigo, adjetivo ou preposição.

Quando ocorre um núcleo nominal (substantivo ou palavra com emprego substantivo), podendo haver ou não determinantes a esse substantivo (adjetivos ou palavras com emprego adjetivo), temos o chamado sintagma nominal (Chini; Caetano, 2020, p. 164).

Obedecendo às orientações metodológicas para a formulação de uma obra terminográfica, tivemos por base o modelo proposto por Faulstich (2008), Tabela 6, com algumas alterações. Resumindo, o glossário seguiu a seguinte estrutura:

Tabela 6 - Apresentação do verbete no glossário terminológico do milho no Maranhão

<p><b>TERMO - ENTRADA</b> + <i>Informações gramaticais</i> (abreviadas)</p> <p><i>/campo conceitual/</i></p> <p>Definição + Contexto + Fonte + Remissiva</p> <p><i>Variante terminológica:</i> xxxx</p> <p>(FONTES DAS UNIDADES TERMINOLÓGICAS - CÓDIGO)</p> <p><b>Notas:</b></p> <p>Ilustração (centralizada, com descrição e fonte).</p>
--

Fonte: Elaboração da autora (2025) adaptado de Faulstich (2008)

## 4.8 Fontes que compõem o *corpus*

Esta parte que compõe o capítulo da metodologia é reservada para a exibição de todas as fontes que integram o *corpus* do trabalho. É subdividida em *Textos escritos* e *Textos orais*, os quais são numerados e dispostos em coluna, um abaixo do outro. Na primeira subseção, evidenciamos as informações detalhadas de cada texto especializado (fonte), posicionados em ordem decrescente, pela data de publicação. São apontados os elementos: título do trabalho/documento, autoria, ano de publicação, instituição (universidade/empresa) local da instituição e formato do texto (tese, dissertação, monografia e documento/manual). Na segunda subseção, são demonstrados os pontos informativos de descrição que consta nos vídeos, canal (nome do canal + aplicativo por qual foram publicadas as gravações), ano de publicação, link de acesso e tempo de duração das filmagens.

### 4.8.1 Textos escritos

Tabela 7 - Informações das fontes escritas que constituem o *corpus* da pesquisa

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO PUB.	INSTITUIÇÃO/ LOCAL	FORMATO
1	Produtividade e eficiência do uso do nitrogênio na cultura do milho inoculado com <i>Azospirillum brasilense</i> e adubado com molibdênio	VIANA, Marcelo Marinho	2021	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Tese
2	Absorção e particionamento de nutrientes no consórcio milho com Capim-marandu em sistema de integração lavoura-pecuária no leste maranhense	SILVA, Maria Eduarda Cabral da	2023	Universidade Federal do Piauí (UFPI) TERESINA – PI	Dissertação
3	Avaliação de espécies forrageiras em Monocultura e em integração lavoura Pecuária floresta	TEIXEIRA, Maciel da Costa	2023	Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Chapadinha - MA	Dissertação
4	Respostas ecofisiológicas em milho cultivado com gesso e biomassa de leguminosa em um agrossistema	CAMPOS, Lorena Silva	2020	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Dissertação

	tropical				
5	Avaliação econômica de rentabilidade na produção orgânica de milho-verde na região da ilha de São Luís, no Maranhão	PONTES, Raifran de Carvalho	2018	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos - GO	Dissertação
6	Interferência das plantas daninhas na produtividade e nutrição da cultura do milho verde em São Luís - MA	OLIVEIRA, Francisco das Chagas Santos de	2018	Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Campus – Jaboticabal	Dissertação
7	Fitossociologia de plantas espontâneas e produção do milho-verde inoculado em diferentes níveis de palha de babaçu	CANTANHEDE, Josilene Dias	2018	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Dissertação
8	Germinação e crescimento inicial de milho sob aplicação de biofertilizantes inoculados com <i>Azospirillum brasilense</i>	CASTRO, Rones dos Santos	2017	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Dissertação
9	Eficiência do uso do nitrogênio e desempenho agrônômico do milho em sistema de plantio direto na palha de leucena no trópico úmido	SILVA, Anágila Janenis Cardoso	2016	Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Chapadinha - MA	Dissertação
10	Eficiência de uso de nitrogênio em milho sob aplicação de biofertilizante com noni e rizobactérias	NASCIMENTO Fernanda Karollyne Saboia do	2016	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Dissertação
11	Caracterização anatômica radicular De <i>Zea mays</i> L. Inoculadas com fungos micorrízicos arbusculares sob diferentes condições hídricas	COSTA, Daniel Lopes	2025	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMA SUL) Imperatriz – MA	Monografia
12	Avaliação da simbiose de fungos micorrízicos arbusculares nativos de pastagens no cerrado maranhense associado a Cultura de milho ( <i>Zea mays</i> L.)	LEITE, Brunna Silva de Almeida	2025	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMA SUL) Imperatriz – MA	Monografia
13	Fitossociologia de plantas espontâneas em consórcio de Adubos verdes com milho	FRAGA, Barbara Stéfany Moraes	2023	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
14	Predição da produtividade de milho irrigado por meio	MIRANDA, Cícero Augusto Santana de	2023	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)	Monografia

	de índices de vegetação			Balsas - MA	
15	Seleção de genótipos de sementes de milho submetidos ao estresse hídrico	PEREIRA, Jéssica Bruna Rodrigues	2020	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
16	Impactos das mudanças climáticas no calendário de plantio da Cultura do milho ( <i>Zea mays L.</i> ) No estado do Maranhão baseado em Projeções climáticas futuras	MENDES, Lucilara Rodrigues	2019	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
17	Resistência de genótipos de milho a <i>Spodoptera frugiperda</i> (j.e. smith, 1797) ( <i>Lepidoptera: Noctuidae</i> )	MENDONÇA, Emilene Sousa	2019	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
18	Viabilidade econômica da silagem de milho ( <i>Zea mays L.</i> ) produzida no município de Igarapé Grande – MA	SOUZA, Raabe Alves	2017	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
19	Análise de viabilidade econômica da integração lavoura pecuária-floresta no município de Pindaré-Mirim – MA	SILVA, Isabel Amalia Pereira	2017	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luís - MA	Monografia
20	Cultivo do milho-verde irrigado na Baixada Maranhense	SOUZA, Valdemício Ferreira de.	2020	EMBRAPA São Luís, MA	Documento

Fonte: Elaboração da autora (2025)

#### 4.8.2 Textos orais (transcritos)

Tabela 8 - Informações das fontes escritas que constituem o corpus da pesquisa

Nº	DESCRIÇÃO	CANAL	PUB	LINK DE ACESSO E DURAÇÃO
1	Colheita da safra do milho no Maranhão - relatório CONAB	Terra Agro <i>You Tube</i>	2024	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jMIJe88nN7Q">https://www.youtube.com/watch?v=jMIJe88nN7Q</a> 3 minutos
2	plantadores matraca #short	Foco na roça <i>You Tube</i>	2021	<a href="https://youtube.com/shorts/8VXX2H43W9g?si=ulHWePsFXKDO-Z95">https://youtube.com/shorts/8VXX2H43W9g?si=ulHWePsFXKDO-Z95</a> 18 segundos
3	Ele produz milho-verde, bois e peixes em 09 hectares no interior do	Mearim Agrícola <i>You Tube</i>	2023	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=m9WaGKui2v0&amp;t=14s">https://www.youtube.com/watch?v=m9WaGKui2v0&amp;t=14s</a> 1 hora, 10 minutos e 47 segundos

	Maranhão - Mearim na Estrada			
4	Plantando milho na roça com plantadeira manual (perna de grilo) Buriticupu-MA	Ezequiel <i>You Tube</i>	2023	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=mMjpsOrWqWA">https://www.youtube.com/watch?v=mMjpsOrWqWA</a>  12 minutos e 35 segundos
5	Produtor de milho de Itapary em Panaquatira escoo produção com a Prefeitura de São José de Ribamar.	Maranhão Agro <i>You Tube</i>	2021	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=s2Kuu8DKkxE">https://www.youtube.com/watch?v=s2Kuu8DKkxE</a>  06 minutos e 32 segundos
6	Sistema Mirai em Municípios de Fortuna e Gov. Eugênio Barros - Maranhão	Shunji Hisaeda <i>You Tube</i>	2021	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Mky7gDunbDw">https://www.youtube.com/watch?v=Mky7gDunbDw</a>  05 minutos e 29 segundos
7	A gigantesca fazenda Planeste - SLC agrícola - retrospectiva	Balsas Rural <i>You Tube</i>	2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=58UGQH1dZGY">https://www.youtube.com/watch?v=58UGQH1dZGY</a>  12 minutos e 55 segundos
8	<b>Agricultura em Caxias (MA) - dentro da plantação de milho</b>	Julimar Silva <i>You Tube</i>	2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=HGcid3uKuZw">https://www.youtube.com/watch?v=HGcid3uKuZw</a>  01 minuto e 35 segundos
9	Plantio com pivôs de soja milho e feijão Balsas-MA	Balsas Rural <i>You Tube</i>	2018	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=sZCDkUL36x0">https://www.youtube.com/watch?v=sZCDkUL36x0</a>  04 minutos e 44 segundos
10	Agricultura em Paço do Lumiar – MA	Maranhão Rural <i>You Tube</i>	2017	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=S-cXuBaKZBM">https://www.youtube.com/watch?v=S-cXuBaKZBM</a>  08 minutos e 39 segundos
11	Tratos culturais	Erio produção de milho <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMACyrjLb/">https://vm.tiktok.com/ZMACyrjLb/</a>  03 minutos e 17 segundos
12	Colhendo milho na roça – povoado de Caxias maranhão –	Celio Silva <i>You Tube</i>	2025	<a href="https://youtu.be/N5hrQsS7RiM?feature=shared">https://youtu.be/N5hrQsS7RiM?feature=shared</a>  10 minutos e 27 segundos

	Bom Sucesso			
13	Milho quase pronto!	Fazenda Takahashi <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMAaCmjNS/">https://vm.tiktok.com/ZMAaCmjNS/</a> 01 minuto e 26 segundos
14	São necessários de 30 a 60 milhões de grãos para polinizar uma espiga de milho!	Fazenda Takahashi <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMAaCjVcD/">https://vm.tiktok.com/ZMAaCjVcD/</a> 01 minuto e 10 segundos
15	Milho em área arenosa!!!!	Fazenda Takahashi <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMAa47u1P/">https://vm.tiktok.com/ZMAa47u1P/</a> 01 minuto e 11 segundos
16	Fazendo o plantio do milho com a matraca automática da @Machinia Agro	Felipe Amurim <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMAagwVWK/">https://vm.tiktok.com/ZMAagwVWK/</a> 02 minutos e 10 segundos
17	Desviando a atenção dos periquitos	Erio produção de milho <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygNBUuv/">https://vt.tiktok.com/ZSygNBUuv/</a> 03 minutos e 38 segundos
18	Milho 1051 e 3066 pontos + e -	Erio produção de milho <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygNTsG5/">https://vt.tiktok.com/ZSygNTsG5/</a> 04 minutos e 04 segundos
19	O poder da cigarrinha	Erio produção de milho <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygNow5D/">https://vt.tiktok.com/ZSygNow5D/</a> 04 minutos e 14 segundos
20	Resultado do 2º vídeo	Erio produção de milho <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygFRF2Y/">https://vt.tiktok.com/ZSygFRF2Y/</a> 05 minutos e 38 segundos
21	Quebrando milho seco	Marco - oficial <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygF9xs8/">https://vt.tiktok.com/ZSygF9xs8/</a> 01 minuto e 03 segundos
22	Silo bolsa preto, era para ser branco	Fazenda Takahashi <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://www.tiktok.com/@fazenda.takahashi/video/7536549188587343160">https://www.tiktok.com/@fazenda.takahashi/video/7536549188587343160</a> 01 minuto e 17 segundos
23	Milho tá bonito	Rael Borges <i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygYFBsp/">https://vt.tiktok.com/ZSygYFBsp/</a> 01 minuto e 32 segundos
24	Plantio de milho	Kleitton Carvalho	2025	<a href="https://vm.tiktok.com/ZMAm853F7/">https://vm.tiktok.com/ZMAm853F7/</a>

		<i>Tik Tok</i>		01 minuto e 31 segundos
25	Quebrando milho	<i>Tik Tok</i>	2025	<a href="https://vt.tiktok.com/ZSygY7wQk/">https://vt.tiktok.com/ZSygY7wQk/</a>
				01 minutos e 05 segundos

Fonte: Elaboração da autora (2025)

Portanto, esses foram todos os 45 textos usados no *corpus* desta investigação, os quais estão divididos em 20 textos escritos e 25 textos orais, todos selecionados de forma criteriosa, lidos e relidos/vistos e revistos para assim formar um banco de dados rico e indispensável e que atendesse a proposta da pesquisa, isto é, a construção de um glossário terminológico do milho no Maranhão, produto apresentado no capítulo a seguir, contendo 116 termos com todas as informações já citadas anteriormente. Desejamos que este glossário auxilie na compreensão das terminologias e seja uma excelente ferramenta de consulta, de fato útil e proveitosa. Que todos tenham uma ótima leitura!

## 5 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO MILHO NO MARANHÃO



### ADUBAÇÃO DE COBERTURA *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Aplicação de fertilizante químico, mineral ou orgânico no solo, após o plantio, para fornecimento de nutrientes para o solo e para as plantas, principalmente, o N - nitrogênio e o K - potássio. [*Adubação de cobertura*]: *Entre os nutrientes, a importância do nitrogênio e do potássio sobressai (...) A <adubação de cobertura> deve ser feita obedecendo aos níveis de fertilidade do solo e à necessidade das plantas nos respectivos estádios de desenvolvimento.*] (Sousa et al., 2020, p. 30-32)

Var. Ter.: **Adubação, cobertura**

(01 MMV – T; 03 MCT – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 13 BMF – M; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 10; VID 13)

### ADUBAÇÃO DE FUNDAÇÃO *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Aplicação de fertilizante químico, mineral ou orgânico no solo, antes ou durante o plantio, para fornecimento de nutrientes para o solo e para as plantas, principalmente, o N – nitrogênio, o P– fósforo e o K– potássio [(...) *E sempre caçar os adubo de fundação logo, pra ele começar o plantio, né! E aí não vai ter erro, né!... Depois ele, cê botar o primeiro adubo, que é a, que é o, a fundação, e cê vai com a cobertura(...)* Eu sempre uso na fundação aqui o

5/30/15, ele vai 5% de nitrogênio, né, 30% de fósforo, né, e 15% de potássio (...) *Pra conseguir encher uma espiga, encher como essa aqui, né, teria que fazer uma <adubação de fundação>.*] (VID 03, 2023)

Var. Ter.: **Fundação, fertilizante, adubo, primeiro adubo, adubo de fundação adubação**

(01 MMV – T; 10 FSN – D; 18 RAS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 10; VID 16)

**Nota:** Os adubos mais usados na plantação são aqueles compostos por nitrogênio (N), fósforo (P) e potássio (K), conhecidos como NPK.

**ATRAVESSADOR** s. m.

*/comercialização/ /colheita: extração do milho/*

Pessoa que compra o milho na lavoura, sendo responsável pela colheita e pelo transporte do produto até os locais de revenda. [*o comprador <(atravessador)> vai à lavoura e compra toda a produção, colhe, acomoda na caminhonete e leva aos pontos de distribuição e/ou de venda para os pequenos comerciantes, empreendedores, nos mercados, nos municípios vizinhos, nas feiras e na margem das rodovias.*] (Sousa et al., 2020, p. 126)

Var. Ter.: **Comprador**

(20 EMB – Dc)

**AUXINAS** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Hormônios mais importantes da planta, produzidos principalmente nas partes onde há crescimento ativo, como pontas das raízes, caules e folhas, promovendo o alongamento celular e a formação dos tecidos vasculares. [(...) *Essas bactérias podem atuar no crescimento da planta através das sínteses de*

*hormônios, principalmente <auxinas>, ácido 3-indolacético.] (Viana, 2021, p. 25)*

(01 MMV – T; 08 RSC – D; 09 ACS – D; 02 MCS – D)

**Nota:** Além das auxinas naturais das plantas, há também as auxinas sintéticas, fabricadas em laboratórios. Essas, além de estimular o crescimento, agem no controle de ervas daninhas de forma mais eficaz.

**AXILA DAS FOLHAS** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte da folha como um ponto grosso que liga as folhas ao caule, onde brotam as espigas. *[Suas flores estão distribuídas em inflorescências masculinas, panículas, no ápice da planta e femininas, espigas, nas <axilas das folhas>.]* (Costa, 2025, p. 12)

(11 DLC – M)



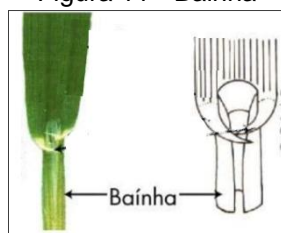
**BAINHA** *s. f.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte final da folha da planta que enrola o caule. *[Nas folhas de plantas C4, as células do mesófilo e da <bainha> são diferenciadas e envolvem os feixes vasculares.]* (Campos, 2020, p. 16)

(03 MCT – D; 04 LSC – D; 11 DLC – M; 20 EMB – Dc)

Figura 11 - Bainha



Fonte: [Ufal](#), adaptado pela autora (2025)

**BONECA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Espiga presa ao nó, ainda em processo de maturação, com os cabelos (estilos-estigmas) aparentes, soltos, do lado de fora da palha, e com cores vivas, lembrando uma boneca (brinquedo). [*Rapaz aqui é de, é do milho aqui. Qual o momento? Pra colheita, pra colheita! Aqui já tamo vendo a <boneca> aqui, né?!*] (VID 08, 2019)

(VID 14; VID 08; VID 23)

**BRAÇA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Medida equivalente a 10, 11 ou 12 palmos, usada para auxiliar o agricultor no plantio do milho em carreiras. [*Pra quem não sabe, <braça> é uma métrica que a gente utiliza aqui, que tem mais ou menos 12 palmos ou 11 palmos, tem muitas pessoas que fazem até de 10 palmos, que dá em torno de uns 2 metros, mais ou menos, de tamanho, tá?! Pra quem não sabe o que é <braça>, aí, pra nós aqui a gente chama de <braça>, né! Chama de, de vara.*] (VID 04, 2023) Cf.: [Plantar em carreira](#)

Var. Ter.: **Vara**

(VID 04)

**BROCA DE COLETA DE SOLO** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/*

Ferramenta de aço que serve para perfurar, extrair e coletar o solo, a fim de se fazer análises precisas, como tipo e profundidade do solo. [*Para determinação das características químicas do solo, foram realizadas amostragens de solo com auxílio de parafusadeira à bateria e <broca de coleta de solo>.*] (Teixeira, 2023, p. 34)

(03 MCT – D)

**BULBO** *s. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Volume de solo úmido em volta de um gotejador. [*No planejamento da cultura irrigada, ao optar por sistema de irrigação por gotejamento, o conhecimento da dinâmica de água no <bulbo> molhado é fundamental, pois permite saber sobre a distribuição de água, detectar perdas, inferir a distribuição do sistema radicular e estimar o espaçamento entre emissores.*] (Sousa et al., 2020, p. 54)

(20 EMB – Dc)

**CABELO** *s. m.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte do milho formada pela união de múltiplos fios finíssimos presos ao topo ou ponta superior da espiga, com aparência de um cabelo e cuja função é

contribuir para a reprodução desse fruto, fazendo o transporte do pólen para a fecundação. [*pois é, eu tô olhando as boneca dele com <cabelo> vermelho.*] (VID 23, 2025)

Var. Ter.: **Estilo-estigma, estigma, cabelozinho, cabelinho**

(06 FCO – D; 20 EMB – Dc; VID 12; VID 14; VID 23; VID 25)

**Nota:** Cada cabelo é responsável por um grão de milho. Quando o fruto ainda está na fase de maturação, o cabelo, geralmente, é de cor amarelada vermelha ou ruiva, mas quando a espiga está no ponto de colheita, o cabelo é seco e de cor amarronzada.

**CALAGEM** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de preparo do solo que consiste na aplicação do calcário para diminuir o índice de acidez, aumentar a quantidade de cálcio e magnésio e, conseqüentemente, tornar o solo mais fértil, beneficiando as plantas. [*Sua disponibilidade está relacionada com o estado físico-químico do solo, práticas de <calagem> e fosfato fertilização.*] (Silva, 2023, p. 142)

Var. Ter.: **Aplicação de calcário, distribuição de calcário**

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc)

**CANJICA** s. f.

*/comercialização/*

Alimento doce muito comum no nordeste do Brasil, feito à base de milho-verde leite e açúcar. [*Essas espiga pequenininha que vai ficar, semana que vem, eu vou colher elas e vou fazer <canjica>, pra poder vender na feira do produtor, <canjica>, fazer pamonha.*] (VID 05, 2021)

(20 EMB – Dc; VID 03; VID 05)

**CARTUCHO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Miolo da planta onde ficam as folhas mais novas e onde nasce a espiga. [Quando maiores migram para o <cartucho>, ocasionando danos às folhas novas e à parte apical do colmo, sendo facilmente identificada pela presença de excrementos no interior do <cartucho>.] (Mendonça, 2019, p. 12)

Var. Ter.: **Oio/olho, funil/funilzinho, copinho**

(01 MMV – T; 10 FSN – D; 17 ESM – M; 20 EMB – Dc; VID 11)

**Nota:** A praga do milho conhecida como lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*) recebe esse nome popular exatamente por atacar essa parte central da planta (cartucho). Quando muito afetadas ou lesionadas, as plantas podem apresentar o sintoma de coração-morto, doença da planta que leva ao murchamento e secamento das folhas.

**CASCA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Camada protetora que envolve o grão de milho. [(...) os grãos podem ser consumidos diretamente, sem a necessidade de processamento para remover a <“casca”>, como é feito com outros cereais, como arroz e trigo.] (Campos, 2020, p. 14)

Var. Ter.: **Pericarpo**

(04 LSC – D; 06 FCO – D; 15 JRP – M; 16 LRM – M; 20 EMB - Dc)

**CHUPETA** s. f.

/doença/

Ponta da espiga de milho com falha na formação dos grãos. [*Pode ver que ele chupetou um pouco aqui, né, não formou direito... Choveu muito durante o ciclo dessa planta, então acabou descendo um pouco os nutrientes pra baixo e, ocasionando aqui um pouquinho de <chupeta>, mas a gente tá bem satisfeito com, com a lavoura aqui.*] (VID 15, 2025)

Var. Ter.: **Faia/falha na ponta do milho**

(VID 13; VID 15; VID 19)

**CIGARRINHA** s. f.

/praga/

Inseto cientificamente chamado de *Daubulus maidis* que ataca a plantação de milho sugando a seiva e transmitindo doenças para a planta como o enfezamento e o raiado fino. [*A <cigarrinha> ela começa a atacar nesse ponto aí, com 15 dias. Que que ela faz, qual que é o dano dela? Ela suga a seiva e transmite doenças pro milho, ne! (...) A <cigarrinha> dá enfezamento vermelho, ela, ela transmite uma virose, o nome dela é raiado fino.*] (VID 19, 2025)

Var. Ter.: **Cigarrinha do milho**

(03 MCT – D; 20 BEM – Dc; VID 09, VID 11, VID 18, VID 19)

**COBERTURA MORTA** sint. nom. f.

/plantio e manejo: técnica de cultivo/

Técnica de cobrir a superfície do solo com material orgânico, como restos de plantas e serragem, para fins de beneficiamento do solo. [*A <cobertura morta> é uma prática cultural pela qual se aplica, ao solo, material orgânico como*

*cobertura da superfície, sem que a ele seja incorporado. Através dela procura-se influenciar positivamente as qualidades físicas, químicas e biológicas do solo, criando condições ótimas para o crescimento radicular... o efeito físico da <cobertura morta> sobre a regulação da germinação e da taxa de sobrevivência das plântulas de algumas espécies espontâneas.] (Cantanhede, 2018, p. 16)*

Var. Ter.: **Resíduo orgânico, resíduo, cobertura, cobertura de solo**

(04 LSC – D; 07 JDC – D; 11 DLC – M; 13 BMF – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 05; VID 10; VID 23)

**Nota:** Embora os resíduos orgânicos sejam mais utilizados pelos agricultores de modo geral, também pode ser considerado cobertura morta materiais inorgânicos, como filmes plásticos, pedras e argila expandida.

**COLAR** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

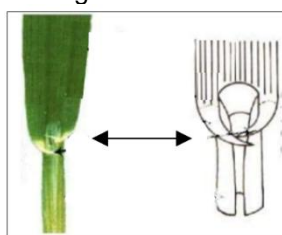
Curvatura na base da folha que une folha e bainha. [... em V9, planta com nove folhas com <colar> visível...] (Miranda, 2023, p. 23)

(04 LSC – D; 14 CSM - M)

**Nota 1:** V9 refere-se ao estágio vegetativo de desenvolvimento da planta, caracterizado pelo quantitativo de 9 folhas aparentes.

**Nota 2:** O colar é importante para identificar as fases de desenvolvimento da planta, pois só é contada a folha quando o colar está visível.

Figura 12 - Colar



Fonte: [Ufal](#), adaptado pela autora (2025)

**COLHEDORA** s. f.

*/colheita: instrumento ou ferramenta agrícola/ /colheita: extração do milho/*

Máquina que faz a colheita do milho, sendo essencial para a redução de gastos e melhoria da produtividade, pois realiza vários processos como corte das plantas, debulha da espiga, remoção de impurezas dos grãos e transporte para o tanque graneleiro. [O esvaziamento do compartimento de cargas da <colhedora> é feito ali mesmo. Alinhadas, formam um corredor sobre os caminhões bitrem. Dali, são levados direto para o armazém de secagem.] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: Máquina colhedora, colheitadeira

(19 IPS – M; VID 07)

**COLMO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Caule da planta do milho. [Índice de colheita: refere-se à fração de matéria seca dos grãos em relação a matéria seca total (grãos, folhas e <colmo>).] (Nascimento, 2016, p. 33)

Var. Ter.: Caule

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 06 FCO - D; 07 JDC – D; 08 RSC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 17 ESM – M; 18 RAS – M; 20 EMB - Dc)

**COLO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte da planta que liga a raiz e o caule. [Na cultura do milho, podem-se encontrar as pragas que atacam na fase inicial, cuja maioria tem hábito

*subterrâneo no solo (atacam as sementes, as raízes e o <colo> das plantas) (...) dirigindo-se o jato para o <colo> da planta e para o solo em volta da planta.] (Sousa et al., 2020, p. 71 e 74)*

(20 EMB - Dc)

### **COMPARTIMENTO DE CARGAS** *sint. nom. m.*

*/colheita: extração do milho/ /pós-colheita/*

1. Espaço dentro de uma máquina colhedora destinado ao armazenamento dos grãos, durante a colheita. [*O esvaziamento do <compartimento de cargas> da colhedora é feito ali mesmo. Alinhadas, formam um corredor sobre os caminhões bitrem*] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Compartimento**

(VID 07)

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/*

2. Reservatório de sementes acoplado em uma plantadeira. [*O plantio é feito com essas plantadeiras de 61 linhas, com capacidade de 3.000 kg de sementes no <compartimento>, puxados por esses tratores.*] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Compartimento/comportamento**

(VID 04; VID 07)

*/pós-colheita / /comercialização/*

3. Espaço reservado, dentro de uma fazenda ou complexo, para paradas de caminhões que chegam das lavouras e saem abastecidos para o transporte do produto. [*Nessa safra, já ultrapassou 900 mm, o que explica a grande quantidade de caminhões entrando e saindo no <compartimento de cargas>.*

*Diariamente, saem daqui cerca de 60 caminhões carregados para várias partes do país.] (VID 07, 2019)*

(VID 07)

**Nota 1:** Como visto, o termo apresenta variação denominativa e variação conceitual. Pode designar um espaço para parada e abastecimento de caminhões (em uma fazenda), um local dentro de uma colhedora para depósito dos grãos das espigas já colhidas e debulhadas, um acoplado ou uma área nas plantadeiras designada para o armazenamento das sementes que serão plantadas no solo.

**Nota 2:** No VID 04 (2023), o agricultor de Buriticupu usou o termo *comportamento*, como uma variante fonética do termo *compartimento*, ao referir-se ao local onde são colocadas as sementes de milho na plantadeira manual (denominada de *matraca* ou *perna de grilo*). [*Quero mostrar pra vocês um pouco da técnica dessa ferramenta. Aqui, é, a gente coloca, é, abre esse <comportamento> aqui, essa porta, e adiciona a semente.*]

## **COMPETIÇÃO** s. f.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Disputa entre plantas daninhas e a planta de milho que, ao crescerem juntas, lutam por espaço, luz, água e nutrientes, resultando em prejuízo para o crescimento da cultura. [*Na absorção dos nutrientes é significativa interferência das plantas daninhas no acúmulo de nutrientes nas culturas agrícolas. No entanto, cada cultura apresenta suas peculiaridades na <competição> com as plantas daninhas na busca destes elementos, considerando os fatores ecológicos.*] (Oliveira, 2018, p. 39)

Var. Ter.: **Concorrência**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 16 LRM – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03)

**CONSÓRCIO** s. m.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de cultivo de duas ou mais espécies de plantas em uma mesma área e ao mesmo tempo, ou no mesmo ciclo de produção, que gera benefícios como redução de gastos, nutrição do solo, preservação do meio ambiente, praticidade e otimização do serviço. [(...) *no município de Pindaré-Mirim no estado do Maranhão utilizando <consórcio> de milho, a espécie forrageira *Brachiaria brizantha* cv. *Marandu* e o eucalipto.*] (Mendes, 2019, p. 16)

Var. Ter.: **Plantio consorciado, milho consorciado (MC), cultivo consorciado**

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 07 JDC – D; 13 BMF – M; 16 LRM – M; 19 IPS – M; VID 06; VID 10; VID 13)

**Nota:** Na cultura do milho, *cultivo consorciado* pode ser considerado antônimo de cultivo solteiro.

**CORAÇÃO MORTO** sint. nom. m.

*/doença/*

Sintoma de doença causada por pragas, especialmente pela *lagarta-elasma*, que atinge o ponto de crescimento da planta, fazendo-a murchar e secar. [*A plantinha de milho atacada apresenta o sintoma de <“coração morto”>, ou seja, o murchamento e o secamento das folhas apicais. Essas, quando puxadas para cima, saem facilmente da planta. O sintoma de murchamento, com o passar do tempo, atinge toda a planta, que posteriormente seca.*] (Sousa et al., 2020, p. 73)

(20 EMB – Dc)

**CORRETIVO** s. m.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Produto, como o calcário, utilizado no solo para equilibrar a sua acidez, isto é, ajuste do pH. *[Entre as fontes de matéria orgânica aplicáveis na agricultura, o uso do húmus produzido pelas minhocas tem sido visto como uma alternativa de grande sustentabilidade, pois é um material rico em nutrientes utilizados pelas plantas, podendo ser ainda usado como <corretivo> e condicionador das propriedades físicas químicas e biológicas do solo. Atuando como fertilizante natural, esse húmus neutraliza o pH da terra.]* (Silva, 2016, p. 15)

(02 MCS – D; 09 ACS – D; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 06)

**CORTE E QUEIMA** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Prática de cortar e queimar a vegetação de uma área de cultivo para limpar e fertilizar o solo. *[É uma roça aqui que a gente chama de modalidade <corde e queima>, é onde a gente extrai aqui a vegetação mais grossa e queima, e, pra limpar o terreno, né!]* (VID 04, 2023)

Var. Ter.: **Agricultura de corte e queima, sistema de corte e queima**

(09 ACS – D; VID 04)

**Nota:** Esse método é bastante antigo e mais conhecido como *coivara* em algumas regiões. Os *corpora* escritos e orais desta pesquisa não apresentaram registro do termo *coivara*.

**CULTIVAR** *s. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/      /comercialização/*

Linhagem de planta de milho criada por melhoramento genético para fins desejáveis e específicos como adaptação climática. *[A escolha da <cultivar> está condicionada às exigências do mercado, devendo o agricultor optar pela <cultivar> que melhor atenda à sua necessidade. Algumas características*

*devem ser levadas em consideração: Cultivares geneticamente mais homogêneas e prolíficas.] (Fraga, 2023, p. 13)*

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 13 BMF – M; 17 ESM – M; 18 RAS -M; 20 EMB – Dc; VID 03)

**CULTIVO ADENSADO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de cultivo que implica no aumento de plantas por área, diminuindo os espaços entre elas. Assim, as plantas ficam mais juntas e a quantidade de plantas por hectare aumentada. *[Foi constatada a antecipação do tempo de colheita (...) possivelmente influenciado por efeitos ambientais, veranico, no período inicial de reprodução e pelo sistema adensado de cultivo (...). A acumulação de graus dias (...) a ocorrência de veranico no espaço de tempo entre os 35 e 49 DAE e do <cultivo adensado> no espaçamento de 0,70 x 0,20m, foram fatores que provavelmente influenciaram na antecipação de cerca de 20 dias do período reprodutivo do milho.] (Oliveira, 2018, p. 34 e 36)*

Var. Ter.: **Sistema adensado de cultivo, plantio adensado**

(06 FCO – D; 20 EMB – Dc)

**CULTIVO DE SEQUEIRO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de cultivo do milho sem complementação de água, irrigação artificial, dependendo somente das chuvas para o seu desenvolvimento. *[No caso dos dados avaliados, tomou-se por base um <cultivo de sequeiro> feito na estação chuvosa, sem necessidade de irrigação.] (Pontes, 2018, p. 12)*

Var. Ter.: **Cultivo de sequeiro, plantio de sequeiro, agricultura de sequeiro, sistema de sequeiro, regime sequeiro, plantações de sequeiro, culturas de sequeiro**

(02 MCS – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; VID 09)

**CULTIVO SOLTEIRO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de plantio com apenas um tipo de cultura em uma determinada área. [O milho consorciado mobilizou mais reservas para a produção de colmo que o milho em <cultivo solteiro> (...) Na Fazenda, são desenvolvidos diferentes sistemas de manejo envolvendo o cultivo de milho e braquiária solteiros ou em consórcio.] (Silva, 2023, p. 48 e 72). Cf.: [Consórcio](#)

Var. Ter.: Milho solteiro, plantio solteiro, sistema de cultivo solteiro, tratamento solteiro, monocultivo, monocultura, sistema de monocultura, tratamento monocultura

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 13 BMF – M; 19 IPS – M; VID 07)



**DENTADO** *adj.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Espécie de milho que tem uma pequena depressão na parte superior do grão, os lados duros e o centro macio, com alta quantidade de amido. [Grãos grandes, amarelo-claros e <dentados>, e espigas com grãos imaturos na ponta tendem a apresentar melhor qualidade que espigas, cujos grãos já atingiram o tamanho máximo (...) No Maranhão, tem-se optado por cultivares de ciclo

*normal, porte alto e grão <dentado>, como o híbrido AG 1051.] (Pontes, 2018, p. 3 e 11)*

(05 RCP – D; 06 FCO – D; 20 EMB – Dc)

**Nota:** Esse termo tem relação com o formato do grão de milho à medida que seca, apresentado a aparência de um dente.

**DERRUBADA DA PALHADA** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de manejo da planta do milho, depois de realizada a colheita, que consiste em realizar o derrubamento das sobras da cultura por meio do corte com foice ou roçadeira, por exemplo, para proporcionar controle de plantas daninhas, proteção e umidade ao solo e melhoramento do plantio. *[as práticas de uso, manejo e preparo do solo devem ser iniciadas, quando os teores de umidade estiverem abaixo da capacidade de campo para facilitar as práticas de <derrubada da palhada>, aplicação de corretivos, sulcamento da área para plantio e adubação de fundação.] (Sousa et al., 2020, p. 25)*

(20 EMB – Dc)

**Nota:** As plantas podem ser cortadas e retiradas do solo (para produção de silagem, por exemplo) ou podem ser cortadas e espalhadas no mesmo solo, servindo de adubo orgânico e preparando a terra para o próximo plantio.

**DIAS APÓS A EMERGÊNCIA** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Medida de tempo contabilizada em dias desde o surgimento das primeiras folhas visíveis na superfície do solo. *[A emergência das plântulas foi*

*consolidada aos 7 dias após a sementeira. Aos 11 <dias após a emergência>, DAE, foi realizada a primeira adubação de cobertura com a aplicação de 10g de ureia e 10g de cloreto de potássio por metro linear.] (Oliveira, 2018, p. 43).*

**Cf.: Emergência.**

Var. Ter.: **DAE, dias de nascido**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 17 ESM – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 19)

**DEBULHAR** v.

*/colheita: extração do milho/*

Extrair os grãos do sabugo de milho, de forma manual ou mecanizada. [(...)*aí eu vou quebrar eles e botar eles no sol, que é pa tá ficando melhor da gente tá <dirbuiando> eles.*] (VID 21, 2025)

Var. Ter.: **Dirbuiar**

(VID 21)



**EL NIÑO** sint. nom. m.

*/plantio: clima/*

Fenômeno da natureza caracterizado pelo aumento das temperaturas do oceano Pacífico, principalmente, nas áreas equatoriais, provocando mudanças no clima e na atmosfera do planeta como secas no norte e nordeste do Brasil e fortes chuvas nas demais regiões do país. [*Fabiano Obem enfrentou problemas*

*na hora de plantar o milho segunda safra. Ele conta que a falta de chuvas provocou atraso na janela da cultura. Já experiente no ramo, quando percebeu que esse seria o ano do <el niño>, o produtor rural resolveu plantar uma variedade de milho precoce.] (VID 01, 2024). Cf.: **La niña***

(VID 01)

**Nota:** Empréstimo da língua espanhola.

**EMBEBIÇÃO** s. f.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Processo de germinação em que a semente suga água do solo, causando o inchaço dela e o amolecimento da casca, tegumento. *[Além de não penetrar no tegumento das sementes devido ao elevado tamanho de suas moléculas, proporcionando a <embebição> lenta e controlada das sementes (...). Além do estresse hídrico afetar a <embebição>, a velocidade e a porcentagem de germinação, o primeiro efeito mensurável da baixa disponibilidade de água é uma redução no crescimento, ocasionada pela diminuição da expansão celular.] (Pereira, 2020, p. 14 e 20)*

(15 JRP – M)

**EMBONECAMENTO** s. m.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Fase de fecundação caracterizada pelo contato do pólen liberado pelos pendões com os cabelos das espigas, permitindo a fertilização e o nascimento dos embriões, podendo durar em média 20 vinte dias. *[Estádios vegetativos e reprodutivos da planta de milho: Vegetativo, Reprodutivo. VE: emergência; R1: <Embonecamento>.] (Miranda, 2023, p. 14)*

Var. Ter.: **Polinização**

(06 FCO – D; 11 DLC – M; 13 BMF – M; 14 CSM – M; 16 LRM – M; VID 09; VID 12; VID 14)

### **EMERGÊNCIA** s. f.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Fase que corresponde ao início do desenvolvimento da planta, quando surgem as primeiras folhas acima da superfície do solo. [*A <emergência> das plântulas ocorreu entre quatro e seis dias após a semeadura para todos os ensaios. Todas as parcelas foram irrigadas após a semeadura com 15 mm de água, usando um sistema de fita gotejadora e intervalos de 2 dias, para uma <emergência> de plântulas boa e uniforme.*] (Viana, 2021, p. 46, tradução nossa)

Var. Ter.: **Nascimento**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 15 JRP – M; 16 LRM – M; 17 ESM – M; 19 IPS – M; 20 EMB - Dc; VID 08)

### **EMPUPAMENTO** s. m.

*/praga/*

Estágio de transformação biológica da larva que, protegida por um casulo, se desenvolve e se prepara para a fase adulta. A duração desse estágio nas principais pragas que atacam a lavoura de milho é de 7 a 15 dias. [*Algumas vezes, já em estado avançado de desenvolvimento, vão para o solo para <empupamento> ou se alojam em vegetação vizinha à cultura.*] (Sousa et al., 2020, p. 84)

Var. Ter.: **Estágio de pupa, fase de pupa, fase pupal, período pupal**

(20 EMB – Dc)

**ENCHIMENTO DO GRÃO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Processo de desenvolvimento e crescimento dos grãos marcado pelo acúmulo de amido. [*Como a água é na medida certa, a espiga se desenvolve mais e o <enchimento do grão> é mais preciso.*] (VID 09, 2018)

Var. Ter.: **Granação**

(02 MCS – D; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 12 BAL – M; 16 LRM – M; 18 RAS – M; 20 EMB – Dc; VID 01; VID 09; VID 13)

**ENFEZAMENTO** *s. m.*

*/doença/*

Sintoma de doença causado pela cigarrinha que infecta a planta e provoca a descoloração das folhas e o encurtamento do caule. [*Ele é um milho mais frágil, viu, ele é um milho desigual, ele não dá igual o, o, ele não dá o mesmo tempo igual o 3066, né. Ele, ele é o favorito das pragas, a lagarta pega ele com facilidade, a cigarrinha vem com, com força em cima dele, ele é um milho frágil, ele é fácil de dá <enfezamento>...*] (VID 18, 2025)

(20 EMB – Dc; VID 13; VID 18; VID 19)

**Nota:** Há dois tipos de enfezamento, o pálido e o vermelho, identificados pelas cores das folhas que podem ser, respectivamente, esbranquiçadas/amareladas ou avermelhadas/arroxeadas.

**ENTRENÓ** *s. m.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte do caule entre dois nós. [*Em ambas as situações, a doença inicia-se pelas raízes e <entrenós> próximos do solo e rapidamente atinge os <entrenós> superiores, geralmente por meio de ferimentos.*] (Sousa et al., 2020, p. 115)

(20 EMB – Dc)

**ENVERGADURA** s. f.

*/praga/*

Medida de ponta a ponta das asas abertas de um inseto. [*A Spodoptera frugiperda é um inseto holometábolo, cujos adultos são de hábito noturno, com acasalamento após a emergência, medindo cerca de 35 mm de <envergadura>, as asas anteriores são pardo escuras e as posteriores branco acinzentadas.*] (Mendonça, 2019, p. 15)

(17 ESM – M; 20 EMB – Dc)

**ESPAÇAMENTO** s. m.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Distância entre uma fileira e outra de um plantio ou entre as plantas de uma mesma fileira. [*Para o cultivo de milho-verde, o <espaçamento> entre linhas não deve ser reduzido, pois a colheita é geralmente manual, requerendo certo espaço entre as fileiras para a movimentação dos colhedores durante a operação da colheita. Trabalhos têm demonstrado que o melhor <espaçamento> para o cultivo do milho-verde é de 0,80 m entre linhas por permitir maior produtividade de espigas comerciais. Quanto ao <espaçamento> entre plantas, que define o número de plantas por metro, deve ser entre 0,20 m e 0,30 m.*] (Sousa et al., 2020, p. 41)

Var. Ter.: Espaço

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 06; VID 07; VID 16; VID 24)

**ESPIGA COMERCIAL** *sint. nom. f.*

*/comercialização/ /colheita: extração do milho/*

Milho sem defeito que apresenta um padrão de qualidade na forma e no tamanho, geralmente acima de 15 cm, e na quantidade e enchimento dos grãos, apto, portanto, para a comercialização. [*Foram consideradas <espigas comerciais> despalhadas aquelas com tamanho superior a 15 cm, com diâmetro superior a 4 cm, granadas e isentas de insetos-praga e doença.*] (Cantanhede, 2018, p. 22)

Var. Ter.: **Milho bom**

(07 JDC – D; 20 EMB – Dc; VID 12; VID 17)

**ESPIGA PRINCIPAL** *sint. nom. f.*

*/comercialização/ /colheita: extração do milho/*

Milho comercializável que se desenvolve no nó principal do caule, o mais alto. [*Eu estou observando aqui que tem uns pés de milho cortado, né? É, é o resíduo né? Tu, tu vende, tu vende a <espiga principal>. A espiga de segunda, tu vende também?*] (VID 03, 2023)

(VID 03)

**ESPIGA DE SEGUNDA** *sint. nom. f.*

*/comercialização/ /colheita: extração do milho/*

Milho não comercializável, menor que a espiga principal, que se desenvolve em nós mais baixos. [*Tem algumas espigas que já foram colhidas, e tem essas*

<espigas de segunda> ainda... A gente sempre aproveita um pouco da, da espiga, da, da segunda espiga pra vender também, né? Mas, aí a outra a gente deixa aí pra, já ir junto com a palha pra forragem pro gado.] (VID 03, 2023)

Var. Ter.: Segunda espiga, espiga pequenininha, espiga não comercial

(20 EMB – Dc; VID 03; VID 04)

**ESTÁDIO FENOLÓGICO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Período constituído por um conjunto de fases de crescimento e desenvolvimento da planta que correspondem ao estágio vegetativo, o qual inclui germinação, emissão das folhas, alongamento do colmo e abertura dos pendões, e ao estágio reprodutivo, o qual abrange florescimento, frutificação e maturação. [*Pois esses tratamentos apresentam grande quantidade do elemento em seus tecidos durante os <estádios fenológicos> finais (...) pouco do elemento foi remobilizado devido à pequena quantidade acumulada nas partes vegetativas, durante os <estádios fenológicos>*] (Silva, 2016, p. 27)

Var. Ter.: Estágio fenológico, ciclo fenológico, período fenológico, fase fenológica

(02 MCS – D; 04 LSC – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 14 CSM – M; 16 LRM – M; 17 ESM – M; 20 EMB - Dc)

**ESTANDE** *s. m.*

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Número final de plantas desenvolvidas por área. [*É isso aqui que a gente, como produtor, deseja, né! Um milho com um bom <estande>. Aqui tá com 60 mil plantas finais, é... pouca chupeta, né, e muito sadio o milho, conseguimos fazer um bom consórcio aqui.*] (VID 13, 2025)

Var. Ter.: Estande final de plantas, população final de plantas, população final por hectare, stand de plantas, stand total de plantas

(02 MCS – D; 10 FSN – D; 13 BMF – M; 15 JRP – M; 20 EMB – Dc; VID 13)

### **ESTRESSE** s. m.

/doença/ /praga/ /plantio e manejo: desenvolvimento da planta/  
/plantio e manejo: clima/

Situação desfavorável e nociva ao desenvolvimento da planta, causada por fatores ambientais, como a falta ou excesso de água, solo fraco de nutrientes, temperaturas muito elevadas ou muito baixas, ou causada por organismos vivos como pragas, fungos, bactérias e ervas daninhas. [Uma motivação para o estudo do <estresse> (...) é a consideração sobre os padrões de distribuição e desempenho das plantas ao longo dos gradientes ambientais(...) os efeitos estressantes dos ambientes afetam o rendimento de grãos a partir da diminuição dos componentes de rendimento. O <estresse> durante o crescimento vegetativo afeta o número de grãos (...) O déficit hídrico é a causa mais grave e limitante de redução da produção agrícola global.] (Campos, 2020, p. 18)

(01 MMV – T; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 12 BAL – M; 15 JRP – M; 20 EMB – Dc)

**Nota:** Há vários tipos de estresse nas plantas de milho, os quais são classificados em *bióticos* (praga, doenças, plantas daninhas) e *abióticos* (estresse hídrico, térmico, nutricional e estresse por salinidade).

### **EVAPOTRANSPIRAÇÃO DA CULTURA** sint. nom. f.

/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/

Processo de perda de água do solo pelo ar, em forma de vapor – evaporação - e da água transpirada pela planta - transpiração. [*Durante todo o ciclo, a cultura do milho pode consumir entre 350 mm e 500 mm de água, a depender da região e da época de plantio, pois é função da demanda evaporativa ou da <evapotranspiração>. Essa demanda corresponde, em média, a um consumo que varia de 3 mm a 6 mm por dia ...A necessidade hídrica, ou a quantidade de água para a cultura, é determinada pela <evapotranspiração da cultura> - ETc.*] (Sousa et al., 2020, p. 45)

Var. Ter.: **ETc, evapotranspiração**

(06 FCO – D; 11 DLC – M; 15 JRP – M; 16 LRM – M; 20 EMB – Dc)



## **FERTIRRIGAÇÃO** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de aplicar fertilizantes líquidos ou solúveis na mesma água que irriga a plantação. [*A <fertirrigação> é uma prática de adubação em que os nutrientes são aplicados nos cultivos de forma parcelada, juntamente com a água de irrigação. A <fertirrigação> é uma técnica que traduz o uso racional de fertilizantes em agricultura irrigada, porque aumenta a eficiência de uso do fertilizante, reduz a mão de obra e o custo com máquinas, além de flexibilizar a época de aplicação, podendo-se fracionar as doses recomendadas conforme a necessidade da cultura.*] (Sousa et al., 2020, p. 33)

(20 BEM – Dc)

**FITA GOTEJADORA** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/      /plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Mangueira com pequenos furos ou gotejadores integrados, os emissores, a qual é colocada perto das plantas para irrigá-las por gotejo ou pingos, de modo lento e controlado. [*Quando houve necessidade de irrigação, usamos a <fita gotejadora> com emissores planos dentro, 16 mm de diâmetro, espessura de 0,6 mm, espaçamento de 20 cm.*] (Viana, 2021, p. 71)

Var. Ter.: **Fita**

(01 MMV – T; 04 LSC – D)

**GEMA APICAL** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Topo do caule, responsável pelo crescimento da planta e surgimento das folhas. [*Essas podridões causam tombamento, prejudicando a colheita. Quando ocorrem nos primeiros estádios de desenvolvimento das plantas, promovem a morte da <gema apical> e estimulam o perfilhamento.* (Sousa et al., 2020, p. 115)

(19 IPS – M; 20 EMB – Dc)

**GERME** *s. m.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Embrião do grão de milho, localizado no centro interior, de cor branqueada, rico em proteínas, vitaminas e fibras, e fonte para a produção de diversos produtos, como ração animal, óleos e margarina. [*O grão de milho consiste em três estruturas principais: pericarpo, endosperma e <germe>.*] (Mendes, 2019, p. 15)

Var. Ter.: **Embrião**

(15 JRP – M; 16 LRM – M)

**GLEBA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Espaço de terra que ainda não foi desmembrada, próprio para o cultivo. [*Existe uma série de recomendações práticas sobre a amostragem do solo da área a ser plantada, como: separar a área em <glebas> homogêneas, quanto à vegetação, relevo, solo - cor e textura - histórico agrícola, drenagem, etc. De modo geral, recomenda-se retirar entre 10 e 20 amostras simples por <gleba> para formar uma amostra composta.*] (Sousa et al., 2020, p. 25)

(20 EMB – Dc)

**GRADAGEM** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de preparo do solo para o plantio por meio de grades de metal, discos verticais, que revolvem o solo, desfazem os torrões de terra e misturam o resíduo orgânico. [*Para o cultivo do milho-verde ... recomenda-se: fazer uma <gradagem> leve com o objetivo de quebrar a palhada, incorporá-la ao solo e nivelar melhor a superfície da área.*] (Sousa et al., 2020, p. 25)

Var. Ter.: **Corte de grades**

(03 MCT – D; 09 ACS – D; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 06)



**INFLORESCÊNCIA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte reprodutiva da planta que possui órgãos femininos e masculinos separados, esses no topo e aqueles nas laterais da planta . [Assim as fases mais sensíveis à deficiência de água são: iniciação floral e desenvolvimento da <inflorescência>, e enchimento dos grãos.] (Mendes, 2019, p. 17)

(04 LSC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 12 BAL – M; 16 LRM – M)



**JANELA** s. f.

*/plantio e manejo: clima/      /plantio e manejo: técnica de cultivo/*

1. Período indicado para o plantio em função das condições adequadas do clima e do solo, variando de região para região. [Verifica-se um atraso nas datas de plantio (...) momento que inicia as épocas aptas para o plantio (...) observa-se um retardo com uma discreta diferença no início da época propícia para a cultura(...)] Em contrapartida, ambos cenários fecham a <janela> apta

para o plantio em 05/03 (...) Contudo, ocorre uma antecipação da data de encerramento da <janela> sem restrição hídrica.] (Mendes, 2019, p. 37)

Var. Ter.: Janela da cultura, janela de plantio, janela apta para o cultivo, janela apta para o plantio, época propícia para a cultura, época apta para o plantio

(02 MCS – D; 16 LRM – M; VID 01; VID 03; VID 06)

/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/

2. Período recomendável para o consumo do milho-verde após a colheita, quando os grãos estão mais pastosos e macios. [O ponto negativo dele, ele é um milho que tem pouca massa, né, e a <janela> dele, a, ou seja, o prazo dele, de quando ele tá no ponto de cozinhar até o ponto de pamonha, a <janela> dele é muito curta, em torno de 2, 3 dia, 4 dia ele já tá começando a passar.] (VID 18, 2025)

(VID 18)



**LAGARTA-DO-CARTUCHO** s. f.

/praga/

Inseto cientificamente chamado de *Spodoptera frugiperda* considerado a principal praga da cultura do milho que ataca em qualquer fase de desenvolvimento da planta e, principalmente, na região do cartucho onde se formam as folhas mais novas. [A <lagarta-do-cartucho> possui coloração que varia entre verde escuro até próximo ao preto e o período larval pode variar entre 15 a 25 dias; planta hospedeira (...) Após a eclosão, a larva alimenta-se

*raspando o limbo foliar, e, posteriormente, migra para o cartucho do milho, onde ao se alimentar perfura as folhas jovens até completar todos os instares.]*

(Mendonça, 2019, p. 15 e 16)

(01 MMV – T; 17 ESM – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 18)

**LAGARTA-ROSCA** s. f.

*/praga/*

Inseto cientificamente chamado de *Agrotis ipsilon* considerado como praga do milho, caracterizado por atacar a região que liga a raiz e o caule e por ter a reação de se enrolar quando ameaçada ou em repouso, apresentando o formato de uma rosca. [*A <lagarta-rosca> é uma praga que ataca na região do colo da planta seccionando-a. Durante o dia, enterra-se próximo da planta e à noite sai para se alimentar e atacar outras plantas. Quando totalmente seccionadas, as plantas tombam e murcham rapidamente.*] (Sousa et al., 2020, p. 78)

(20 EMB – Dc)

**LA NIÑA** sint. nom. f.

*/plantio e manejo: clima/*

Fenômeno da natureza caracterizado pela diminuição da temperatura do oceano Pacífico, especialmente nas áreas equatoriais, que impacta no clima e na atmosfera globais, provocando chuvas intensas no norte e nordeste do Brasil, além de altas temperaturas na região sul do país. [(...), *porém a expectativa para a produção do milho 2024/2025, com a volta do fenômeno climático <la niña>, é de safra cheia e, possivelmente, aumento de área plantada do estado do Maranhão.*] (VID 01, 2024). Cf.: **El niño**

(VID 01)

**Nota 1:** Empréstimo da língua espanhola.

**Nota 2:** *La niña* é o fenômeno oposto ao *el niño*, uma vez que o primeiro fenômeno causa o resfriamento das águas do Pacífico e o segundo provoca o efeito contrário, isto é, o aquecimento anormal da superfície do oceano.

**LÍGULA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Tecido fino localizado na base da folha do milho, envolto pelo colar e pela bainha. [O comprimento das lâminas expandidas foi realizado medindo-se a distância da sua <lígula> até o ápice da folha. O comprimento da lâmina emergente foi obtido medindo-se a distância do ápice dessa folha até a <lígula> da folha expandida imediatamente anterior. Já o comprimento do colmo foi obtido medindo-se a distância da última <lígula> exposta até a base do perfilho.] (Teixeira, 2023, p. 37) Cf.: **Colar** e **Bainha**

(03 MCT – D)

**LIMBO FOLIAR** sint. nom. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte plana e longa da folha do milho. [A lagarta-do-cartucho possui coloração que varia entre verde escuro até próximo ao preto (...) Após a eclosão, a larva alimenta-se raspando o <limbo foliar> e, posteriormente, migra para o cartucho do milho] (Mendonça, 2019, p. 15)

Var. Ter.: **Limbo, limbo da folha, tecido foliar**

(02 MCS – D; 17 ESM – M; 20 EMB - Dc)

**LINHA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

1. Cada fileira em linha reta do plantio de uma cultura que apresenta o mesmo espaçamento entre uma cova e outra. [*O milho foi semeado com maquinário em fileiras espaçadas em 0,5 m, e plantas espaçadas em 0,25 m na <linha>, enquanto a braquiária foi semeada a lanço*] (Silva, 2023, p. 73)

Var. Ter.: **Fileira, carreira**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03, VID 04, VID 07; VID 20, VID 24)

**LINHA DO LEITE** sint. nom. f.

*/plantio ou manejo: morfologia ou parte da planta/*      */plantio ou manejo: desenvolvimento da planta/*

Marcação branca no grão de milho que divide a parte sólida, o amido, da parte líquida, o leite. [*A época ideal de corte para produção de silagem é quando os grãos de milho estão no ponto farináceo, pois é neste período que as plantas acumulam matéria seca de qualidade. Para identificar este ponto, pode se observar a <linha do leite> nos grãos - Figura 1-, N, a qual separa a camada mais dura da camada mais macia nos grãos de milho.*] (Souza, 2017, p. 17)

(03 MCT – D)

**LINHA PURA** sin. nom. f.

*/plantio ou manejo: morfologia ou parte da planta/*

Semente de milho geneticamente pura, gerada após vários processos de autofecundação, conhecidos como polinização controlada, a qual é usada como matéria-prima para a produção de sementes híbridas. [*Já a híbrido triplo*

corresponde ao cruzamento entre uma <linha pura> e um híbrido simples.]

(Fraga, 2023, p. 13). Cf.: **Milho híbrido**

Var. Ter.: **Linhagem pura**

(12 BAL – M; 13 BMF – M)



**MÃO DE MILHO** *sint. nom. f.*

*/comercialização/*

Medida popularmente utilizada na venda do milho-verde que corresponde à quantidade de 50 espigas. [A venda do milho-verde geralmente é feita a granel, utilizando-se a unidade de medida local denominada “mão”. Uma <“mão” de milho> tem 50 espigas. Essa unidade é utilizada tanto para comprar na lavoura, como para vendas e entregas a pequenos comerciantes e consumidores (...). Em 2016, nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, o preço da <“mão” de milho-verde> na propriedade variou de R\$ 25,00 a R\$ 40,00.] (Sousa et al., 2020, p. 126)

Var. Ter.: **Mão**

(20 EMB – Dc)

**MASSA (DO MILHO)** *s. f.*

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte interna do grão, composta de amido e proteína, constituindo cerca de 80 a 85% do seu peso seco. [O 3066, o ponto negativo dele, ele é um milho que tem pouca <massa>, né!... O 1051, ele é um milho de muita <massa>, então ele rende mais.] (VID 18, 2025)

Var. Ter.: Endosperma

(11 DLC – M; 15 JRP – M; 16 LRM – M; VID 18)

**MATA TUDO** sint. ver.

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/*

Produto químico usado para matar ervas daninhas em uma plantação de milho transgênico. [Gente, o <Mata tudo> aqui no Maranhão, que a gente chama, é o glifosato. Ele tem uma ação, ele tem uma ação geral, tem uma ação total. E glifosato é usado pra limpar a roça de milho, que é o milho transgênico, não é, Lãó?! Também não é qualquer milho que você vai poder usar o <mata tudo>.]

(VID 03, 2023). Cf.: Milho híbrido

Var. Ter.: Glifosato, herbicida

(02 MCS – D; 04 LSC – D; 19 IPS – M; VID 03; VID 18; VID 24)

**MATRACA** s. f.

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/*

Ferramenta, geralmente de metal, que serve para plantar sementes, cavando e depositando as sementes na terra, mais usada em pequenas áreas rurais.

[plantadores <matraca> (VID 02, 2021)

Var. Ter.: Perna de grilo; plantadeira manual; plantadeira, matraca convencional, máquina

(VID 02; VID 04; VID 16)

**MILHO CRIOULO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/ /comercialização/*

Tipo de milho tradicional que não sofreu melhoramento genético, caracterizado pela alta resistência, forma orgânica de cultivo, diversidade de cores e alto valor nutricional, conservado pelas gerações que se dedicam à agricultura familiar. *[Utilizado há milênios desde as civilizações astecas, inca e maia (...) foram possíveis as obtenções de espécies “crioulas”, que são materiais importantes para o melhoramento, pois seu elevado potencial de adaptação contribui no seu comportamento em condições ambientais específicas (...) sendo estas espécies de sementes cultivadas pelos produtores das comunidades maranhenses (...) alternativas de produção de <milho crioulo> visam garantir soberania alimentar desses povos, especialmente quando nos reportamos à agricultura familiar e pequenos agricultores, normalmente descapitalizados e com baixo potencial tecnológico.]* (Pereira, 2020, p. 13)

Var. Ter.: **Milho caboclo**

(12 BAL – M; 15 JRP – M)

**MILHO HÍBRIDO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/ /comercialização/*

Milho que sofreu modificações genéticas, criado em laboratório, sendo geneticamente melhorado, para fins de alta produtividade e resistência às pragas. *[(...)promoveu modificações benéficas nas características anatômicas radiculares de <milho híbrido>, tais mudanças estão relacionadas com a proteção e sobrevivência do vegetal a estresses abióticos e bióticos.]* (Costa, 2025, s/p).

Var. Ter.: **Milho transgênico, sementes do híbrido de milho, variedade milho híbrido, variedade de milho híbrido, híbrido de milho, cultivar híbrido, grãos do híbrido**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 08 RSC – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03)

**MILHO LIGEIRO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/      /comercialização/      /colheita: extração do milho/*

Milho com ciclo de desenvolvimento mais curto, cujo tempo de maturação em média é de 60 dias. *[Esse aqui é o milho tardão, que chama. Tem o <milho ligeiro> e tem o tardão. Esse aqui é o tardão, custa mais ele ficar no ponto, mas também a espiga dele é maior. Plantei também uns, plantei ali um <milhozinho ligeiro>, pra comer na semana santa.]* (VID 12, 2021)

Var. Ter.: **Milho precoce, cultivar precoce, variedade precoce, variedade de milho precoce**

(02 MCS – D; VID 01; VID 12)

**MILHO TARDÃO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/      /comercialização/      /colheita: extração do milho/*

Milho com ciclo de desenvolvimento mais longo cujo tempo de maturação, geralmente, passa dos 145 dias e cuja espiga é maior que a espiga do milho de ciclo de desenvolvimento mais curto. *[Esse aqui é o <milho tardão>, que chama. Tem o milho ligeiro e tem o tardão. Esse aqui é o tardão, custa mais ele ficar no ponto, mas também a espiga dele é maior. Plantei também uns, plantei ali um milhozinho ligeiro, pra comer na semana santa.]* (VID 12, 2021)

(VID 12)



**NÓ** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Ponto grosso que liga as folhas ao caule e onde brotam as espigas. [A raiz do milho é do tipo fasciculada, apresentando um sistema radicular adventício, sendo formado por raízes primárias que emergem a partir da germinação de sementes, secundárias e aéreas, crescendo a partir do <nó> mais baixo do caule, conferindo ancoragem e suporte ao vegetal.] (Costa, 2025, p. 13)

Var. Ter.: **Gomo**

(11 DLC – M; VID 19)



**ORELHA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Espiga envolvida pelas folhas e fixa no nó. [um ramo lateral terminado por uma inflorescência feminina, que se desenvolve em uma <orelha> coberta por folhas de casca.] (Mendes, 2019, p. 15)

(16 LRM – M)



**PALHA** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Parte do milho semelhante a uma folha de espessura grossa que envolve a espiga e está presa à sua ponta inferior, ao pedúnculo, de cor esverdeada quando fresca, mas quando seca apresenta coloração bege ou amarronzada e, quando separada da espiga, é usada na alimentação animal, no artesanato ou ainda como adubo orgânico. [A <palha> do milho também é reaproveitada e utilizada como adubo orgânico.] (VID 05, 2021)

Var. Ter.: **Bráctea, casca**

(02 MCS – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 12 BAL – M; 16 LRM – M; 17 ESM – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 05; VID 20)

**PALHADA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Composição formada por restos da planta de milho como folhas, caule e sabugo que são deixados no solo para fertilizá-lo. [O plantio do milho é realizado direto na <palhada> entre linhas de 45 cm, o que dá maior vigor na hora da germinação do grão.] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Resíduo**

(02 MCS – D; 07 JDC – D; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 06; VID 07)

**PAMONHA** s. f.

*/comercialização/*

Alimento doce muito comum no nordeste do Brasil, feito à base de milho-verde triturado ou ralado, temperado com leite, manteiga, açúcar ou sal, caracterizado por ser servido enrolado na palha do milho. *[Essas espigas pequenininha que vai ficar, semana que vem eu vou colher elas e vou fazer canjica pra poder vender na feira do produtor. Canjica, fazer <pamonha>. Então não se perde nada.]* (VID 04, 2021)

Var. Ter.: **Pomonha**

(06 FCO – D; 18 RAS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 05; VID 18; VID 25)

**PAMONHARIA** s. f.

*/comercialização/*

Local onde se produz e vende pamonha. *[Do ponto pra cozinhar até o ponto pra pamonha, ele ainda tem um prazo de dez dias. Então você planta o milho e você não vai ter risco de você perder o milho, o milho secar na roça, porque você tem dez dia pra caçar fornecedor pra ele, e ele é melhor de colocar na <pamonharia>.]* (VID 18, 2025)

(VID 17; VID 18)

**PARCELAMENTO** s. m.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Divisão em doses da aplicação de fertilizantes ou adubos durante o ciclo da planta. *[a adubação de cobertura via fertirrigação é realizada com nitrogênio (N) e potássio (K<sub>2</sub>O). Esses nutrientes devem ser aplicados de forma parcelada*

*seguindo a marcha de absorção desses nutrientes pela cultura. Um bom <parcelamento> desses nutrientes favorece melhor aproveitamento pelas plantas de milho e eleva a eficiência da adubação.] (Sousa et al., 2020, p. 34)*

Var. Ter.: **Parcela**

(01 MMV – T; 04 LSC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 20 EMB – Dc; VID 15)

**PEDÚNCULO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Ponta inferior da espiga que a sustenta e a liga ao caule. [As lagartas-do-cartucho *Spodoptera frugiperda* também podem se alimentar de outras partes da planta como o colmo; a base da planta; o <pedúnculo> da espiga ou a espiga.] (Mendonça, 2019, p. 16)

Var. Ter.: **Ponta da espiga de milho**

(17 ESM – M; 20 BEM – Dc)

**PENDÃO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/*

Órgão masculino formado por ramos localizados no topo da planta, que produz e libera os grãos de pólen do milho. [no estágio V6, quando o ponto de crescimento e o <pendão> estão acima do nível do solo.] (Nascimento, 2016, p. 13)

Var. Ter.: **Borla, panícula, inflorescência masculina, órgão masculino**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 04 LSC – D; 06 FCO – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 14 CSM – M; 16 LRM – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 14)

**Nota 1:** O pendão aparece antes da espiga ser formada, ele produz o pólen que cai no cabelo da espiga, possibilitando a fecundação.

**Nota 2:** Estágio V6 corresponde à fase vegetativa com aparecimento de seis folhas com colar visível na superfície do solo.

**PENDOAMENTO** s. m.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Fase de formação do pendão. [*Em seguida, se considera o número de folhas completamente expandidas, culminando com o <pendoamento>, representado por VT. Ressalta-se que o estágio anterior ao <pendoamento> recebe a denominação Vn, sendo “n” o número total de folhas expandidas.*] (Silva, 2023, p. 15)

Var. Ter.: **Florescimento masculino**

(02 MCS – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 14 CSM – M; 20 BEM – Dc; VID 14)

**PERFILHO** s. m.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Broto que cresce nas laterais da planta a partir de nós abaixo da superfície do solo. [*Com o avanço da idade da planta e a senescência dos <perfilhos>, os tecidos mortos ao se desprenderem da planta, são depositados na superfície do solo*] (Teixeira, 2023, p. 25)

Var. Ter.: **Broto**

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 09 ACS – D; 17 ESM – M; 19 IPS - M)

**PERÍODO LARVAL** sint. nom. m.

*/praga/*

Fase de desenvolvimento de uma larva que se inicia após a eclosão do ovo e termina antes da fase adulta. [*O prolongamento do <período larval> (...) pode estar relacionado a uma inadequação nutricional (...) o aumento da fase larval pode favorecer a ação de inimigos naturais, visto que a lagarta ficará exposta por maior período de tempo, além disso, completará menos gerações por ciclo fenológico do milho.*] (Mendonça, 2019, p. 23)

Var. Ter.: **Estado larval, fase larval, duração larval**

(17 ESM – M; 20 EMB – Dc)

**PLANTADEIRA DE LINHAS** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/      /plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Ferramenta mecânica, de metal, que faz o plantio de várias sementes de modo prático e preciso, caracterizada por possuir um sistema de discos denominados de linhas, os quais são responsáveis pelo corte e pelo depósito das sementes e do adubo no solo e pelo fechamento das covas, o que é feito de forma espaçada e uniforme. [*O plantio é feito com essas <plantadeiras de 61 linhas>, com capacidade de 3.000 kg de sementes no compartimento, puxados por esses tratores (...) Nós estamos com três, três plantadeiras DB, né, de 61 linha, espaçamento 45 (...) Cada DB dessa, ela mede 27 metros, 45 de largura...*]

(VID 07, 2019)

Var. Ter.: **DB, plantadeira**

(VID 06; VID 07; VID 09)

**PLANTAR DE BATALHA** *sint. ver.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de plantio em covas com espaçamento de 80 centímetros, em média, que não seguem uma sucessão em linha reta. [*Hoje eu estou aqui e quero plantar milho, né, vou mostrar pra vocês como vai ficar minhas carreiras. Não vai ficar muito reto, que aqui é quase que impossível plantar reto, é, nesse espaço aqui, onde tem muitos troncos de pau, né! Mas a gente tá tentando fazer pelo menos as carreiras aqui dentro do arroz, a gente costuma plantar em carreiras. E aonde não é o arroz, onde não tem o arroz, a gente costuma <plantar de batalha>, que é o milho metido mais próximo, né!*] (VID 04, 2023)

Var. Ter.: **Milho plantado metido, milho metido, milho batalha, plantar a lanço, semear a lanço cultivar em lanço**

(02 MCS – D; 13 BMF – M; VID 04)

### **PLANTAR EM CARREIRA** *sint. ver.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de plantio em covas que seguem uma sucessão em linha reta. [(...) *mas a gente tá tentando fazer pelo menos as carreiras aqui, dentro do arroz a gente costuma <plantar em carreiras>. E aonde não é o arroz, onde não tem o arroz, a gente costuma plantar de batalha, que é o milho metido mais próximo, né!*] (VID 04, 2023) Cf.: **Plantar de batalha**

Var. Ter.: **Semear em linhas, cultivar em linha**

(13 BMF – M; VID 04)

### **PLANTAS ESPONTÂNEAS** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/      /plantio e manejo: desenvolvimento da  
planta/      /doença*

Vegetações que crescem e se desenvolvem em uma lavoura de forma natural, sem terem sido plantadas. [*o conhecimento da diversidade de espécies é*

*importante para o entendimento da dinâmica das <plantas espontâneas> em relação às plantas cultivadas. A identificação de espécies espontâneas é importante, pois os prejuízos ocasionados pela competição dependem das espécies envolvidas, da densidade de populações e do seu estágio de desenvolvimento. As comunidades espontâneas podem ainda variar sua composição florística em função do tipo e da intensidade dos tratos culturais, tornando indispensável o reconhecimento das espécies presentes]* (Fraga, 2023, p. 16 e 17)

Var. Ter.: **Espécies espontâneas, plantas invasoras, invasoras, espécies de plantas invasoras, vegetação espontânea, comunidade espontânea, plantas daninhas, cultura-daninha, espécies daninhas, ervas daninhas, mato**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 13 BMF – M; 16 LRM – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 04)

**PLANTIO DIRETO** *sint. nom. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica convencional de plantio sem revolvimento do solo ou com o mínimo uso de máquinas ou outros recursos que possam prejudicá-lo, como aração e gradagem, predominando a técnica do uso de restos de plantas na superfície da terra. [*O <plantio direto>, ele traz inúmeros benefícios, um deles é o, o baixo consumo de combustível, sendo que não há necessidade do, do revolvimento do solo, é, manutenção da palhada no solo, é, diminuindo riscos com erosão]* (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Sistema de plantio direto, SPD**

(01 MMV – T; 02 MCS; 04 LSC – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 07)

**PMG** *sigla*

*/comercialização/*

Sigla de peso de mil grãos, que é uma medida em gramas equivalente a 1000 sementes de milho. [*O milho consorciado mobilizou mais reservas para a produção de colmo que o milho em cultivo solteiro (...) verificaram também que a AIE variou de 0,88 a 1,14 m e o <PMG> (peso de mil grãos) variou entre 103 e 160 g.*] (Silva, 2023, p. 48)

Var. Ter.: **Peso de mil grãos, Peso de mil sementes, PMS**

(02 MCS – D; 03 MCT – D)

**POSTURA** s. f.

/praga/

Ato que consiste na deposição de ovos por pragas fêmeas. [*As fêmeas, que em 15 dias podem pôr cerca de mil ovos, fazem suas <posturas> nos estilos-estigma das espigas, cabelos.*] (Sousa et al., 2020, p. 103)

Var. Ter.: **Oviposição**

(17 ESM – M; 20 EMB – Dc)



**QUEBRAR MILHO** sint. ver.

/colheita: extração do milho/

Extrair manualmente as espigas de milho durante a colheita. [*(..)e aí esses caras são sempre exigentes com a hora, eles querem sempre o milho cedo. Aí, a gente tem que começar quatro da manhã ou quatro e meia, <quebrar o*

*milho*>, sempre com a lanterna na cabeça, né, que é pra <quebrar o milho> cedo...] (VID 03, 2023)

Var. Ter.: **Tirar milho, colher milho**

(VID 03; VID 12; VID 21; VID 25)



**RADÍCULA** s. f.

*/plantio e manejo: desenvolvimento da planta/*

Primeira raiz que surge da semente durante a germinação. [A *germinação de sementes do híbrido de milho AG 1051 não foi afetada por solução a 10% de biofertilizantes (...)* o uso de solução a 10% de biofertilizantes com até 25% de resíduos de pescado estimularam o alongamento da <radícula>.] (Castro, 2017, p. 47)

(08 RSC – D)

**RAIADO FINO** sint. nom. m.

*/doença/*

Doença causada pelo vírus *Mayze rayado fino vírus* (MRFV), transmitida pela cigarrinha que ataca o sistema vascular e infecciona as folhas, destruindo os cloroplastos, deixando-as com linhas ou riscos finos e amarelos, provocando perda de energia e nutrientes e comprometendo a plantação. [A *cigarrinha dá enfezamento vermelho, ela, ela transmite uma virose, o nome dela é <raiado fino>, estraga demais o milho*] (VID 19, 2025)

(VID 19)

**ROTATIVIDADE** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de alternância do plantio de diferentes culturas em uma mesma área ao final de cada safra, a fim de proporcionar fertilidade ao solo e aumento da produtividade das culturas. [*Hoje nós trabalhamos, né, com três culturas, seriam soja, algodão, e algodão segunda safra, e milho, né, são três, três culturas aí (...)* Como é que funciona essa <rotatividade>? A gente busca rotacionar sempre soja, milho e algodão, na fazenda, pra não ter o monocultivo de algodão sempre na mesma área. Então a gente tá, tá rotacionando dessa forma pra otimizar as lavouras e melhorar a fertilidade das lavouras.] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Rotação de culturas, rotação**

(02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 07; VID 09; VID 10; VID 15)

**Nota 1:** Essa prática proporciona inúmeros benefícios ao solo e, conseqüentemente, às culturas como redução da erosão, ajuda no controle de pragas e maior produtividade.

**Nota 2:** A rotação de culturas pode ser confundida com a sucessão de culturas, mas há diferenças entre esses dois sistemas de plantio. No primeiro, as culturas são plantadas em períodos diferentes, acontece de forma mais planejada e longa, sempre mantendo as mesmas culturas. No segundo, as plantas podem variar e ser cultivadas no mesmo ano, de forma sequencial.

**RUA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Espaço entre uma fileira e outra de um plantio para facilitar o trânsito durante a colheita. [*Aqui, é só essa <rua> aqui, essa <rua> aqui, ela tá, ela tá, já colhi...*] (VID 20, 2025)

(VID 20; VID 24)



**SABUGO** s. m.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/      /comercialização/*

Parte central e dura da espiga de milho, onde os grãos ficam fixados. [*Algumas características devem ser levadas em consideração: (a) Cultivares geneticamente mais homogêneas e prolíficas; (b) Espigas cilíndricas, baixas, com sabugo grosso, bom empalhamento e tamanho padronizado (médio a grande)*] (PONTES, 2018, p. 3)

(02 MCS – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 20 EMB – Dc)

**SACA** s. f.

*/comercialização/*

Medida equivalente a 60 kg de grãos de milho vendidos em sacos. [*Foi obtida multiplicando-se a produção da cultura do milho (em <sacas> de 60 kg) em cada tratamento pelo valor do milho pago no momento da sua venda.*] (Silva, 2017, p. 24)

Var. Ter.: **Saca de milho**

(03 MCT – D; 18 RAS – M; 19 IPS – M; VID 03; VID 07; VID 09)

**SAFRINHA** s. f.

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/      /comercialização/*

Segunda remessa de milho plantada logo após a colheita da primeira remessa (primeira safra). [(...) *uma é a safra de verão sendo a principal e a <safrinha>, que ocorre entre o ciclo das culturas de verão e inverno, de menor destaque em termos de produção.*] (Fraga, 2023, p. 13)

Var. Ter.: Segunda safra, milho de segunda safra, milho safrinha, plantio de segunda safra

(02 MCS – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 13 BMF – M; 16 LRM – M; 17 ESM – M; 20 EMB – Dc; VID 01; VID 05; VID 06; VID 07; VID 09)

**SECADOR** s. m.

*/pós-colheita/*

Equipamento, geralmente de metal, com tecnologia de ventilação e aquecimento para remover o excesso de umidade dos grãos, e assim conservá-los e manter a qualidade do produto por longo tempo. [*Para suprir tamanha produtividade, a fazenda possui em seu complexo seis silos de armazenamento com capacidade de 10 mil toneladas cada, um silo pulmão de 4 mil toneladas, três <secadores> que corresponde uma demanda de 420 toneladas/h.*] (VID 07, 2019)

(VID 07)

**SEMENTE** s. f.

*/plantio e manejo: morfologia ou parte da planta/      /comercialização/*

Grão da espiga do milho. [*a gente coloca, abre essa, esse comportamento aqui, essa porta e adiciona a <semente>, aqui, no caso é o milho.*] (VID 04, 2023)

Var. Ter.: **Grão, caroço, cariopse, cariopsia, milho**

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 06 FCO - D; 07 JDC – D; 08 RSC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 14 CSM – M; 15 JRP – M; 16 LRM – M; 17 ESM – M; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 01; VID 02; VID 03; VID 04; VID 05; VID 06; VID 07; VID 08; VID 09, VID 10; VID 11; VID 12; VID 13; VID 14; VID 15; VID 16; VID 17; VID 18; VID 19; VID 20; VID 21; VID 22; VID 23; VID 24; VID 25)

**Nota:** Ainda que grão e semente sejam usados como sinônimos e possuem a mesma estrutura física, é importante esclarecer que ambos apresentam diferentes finalidades, o grão é usado para o consumo humano e animal, enquanto a semente é destinada para o plantio.

**SILAGEM** s. f.

*/pós-colheita/      /comercialização/*

Planta do milho que passou pelo processo de trituração, compactação, conservação sem entrada de oxigênio (anaeróbica) e fermentação. [*A <silagem> é empregada como parte da ração volumosa dos animais, podendo ser combinada com fenos, para todo o tipo de ruminantes (...) ensilagem. Este processo está baseado em conservar a matéria seca de determinada forrageira verde mediante a fermentação em condições de anaerobiose, para que, as características nutricionais do alimento sejam preservadas até o momento da sua utilização. O processo de ensilagem envolve a acidificação da massa ensilada pelos produtos da fermentação - ácidos orgânicos, principalmente ácido lático - de açúcares presentes na planta. O produto desta fermentação anaeróbica controlada denomina-se <silagem>.*] (Souza, 2017, p. 13, 16 e 17)

(02 MCS – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 08 RSC – D; 13 BMF – M; 17 ESM – M; 18 RAS – M; 20 EMB - Dc)

**SILO** s. m.

/pós-colheita/

Equipamento, geralmente de metal, usado para armazenar grãos em grande volume após a colheita. [(...) *além da maior utilização de mão-de obra por ocasião do enchimento do <silos>(...) onde a propriedade confecciona 23 <silos> do tipo superfície.*] (Souza, 2017, p. 17 e 21)

Var. Ter.: **Silo de armazenamento**

(18 RAS – M; VID 07)

**SILO BOLSA** sint. nom. m.

/pós-colheita/

Equipamento feito de plástico resistente, polietileno, e em forma de tubo, que armazena e conserva grãos ou silagem, cujo trabalho é realizado no próprio campo agrícola. [*Aqui nesse, nesse <silos-bolsa>, como vocês tão vendo, é, houve um erro técnico aqui, durante a montagem desse <silos-bolsa>, que ficou a parte preta, que é a parte interna, pro lado de fora, né! É, geralmente, geralmente não, sempre a parte branca tem que ficar pro lado de fora, por causa da luminosidade do sol, né, a parte preta vai, é, reter mais calor, então os fabricantes colocam a parte branca como a parte externa...*] (VID 22, 2025)

Var. Ter.: **Bolsa**

(VID 22)

**SILO PULMÃO** sint. nom. m.

/pós-colheita/

Equipamento, geralmente de metal, usado para armazenar temporariamente os grãos recém-colhidos (que ainda não passaram pelo processo de limpeza e

secagem), para não sobrecarregar o secador e contribuir para a regularização do fluxo. *[Para suprir tamanha produtividade, a Fazenda possui em seu complexo seis silos de armazenamento com capacidade de 10 mil toneladas cada, um <siló pulmão> de 4 mil toneladas, três secadores que corresponde uma demanda de 420 toneladas/h.]* (VID 07, 2019) Cf.: **Secador**

(VID 07)

**SUCESSÃO DE CULTURAS** *sint. nom. f.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Técnica de plantio sequenciado de culturas fixas, uma após a outra, em uma mesma área e época. *[o milho, por suas características fisiológicas e pelo manejo que vem sendo adotado em grande parte das propriedades, pode ser muito beneficiado por um sistema adequado de rotação e <sucessão de culturas>.]* (Silva, 2017, p. 16)

Var. Ter.: **Sucessão, cultivo em sucessão, sistema de produção em sucessão, sistema de sucessão de culturas**

(03 MCT – D; 05 RCP – D; 13 BMF – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc)



**TALHÃO** *s. m.*

*/plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Porção de terra destinada para a plantação. [*Nesse <talhão> de 500 hectare, a plantadeira de 30 linhas vai semeando o grão mais precioso do sul do Maranhão.*] (VID 09, 2018)

Var. Ter.: Área, área de milho, área plantada, unidade, unidade de área, hectare de milho, hectare de lavoura, alqueire, área de pivô, pivô

(01 MMV – T; 02 MCS – D; 03 MCT – D; 04 LSC – D; 05 RCP – D; 06 FCO - D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 14 CSM – M; 16 LRM – M; 18 RAS – M; 19 IPS – M; 20 EMB – Dc; VID 03; VID 05; VID 07; VID 09, VID 11; VID 12; VID 16; VID 19; VID 20)

**Nota 1:** A área de pivô ou pivô é a lavoura com sistema de irrigação mecânico que utiliza aspersores que giram e distribuem água de forma circular e uniforme.

**Nota 2:** Os termos podem variar de acordo com o tamanho da área de plantio.

## **TENSIÔMETRO** s. m.

*/plantio e manejo: instrumento ou ferramenta agrícola/ /plantio e manejo: técnica de cultivo/*

Ferramenta que mede a tensão da água do solo. [*o momento da irrigação foi estabelecido por meio do turno de rega prefixado de 1,0 dia e monitoramento da umidade do solo com <tensiômetros> (...) o <tensiômetro> vem sendo utilizado por agricultores que adotam manejo de irrigação de forma adequada.*]

(Sousa et al., 2020, p. 48 e 49)

(20 EMB – Dc)

**Nota:** Se a tensão do solo estiver alta, significa que ele está seco e que as plantas precisam de água. Mas, se o aparelho marcar tensão baixa, indica que o solo está úmido. Dessa forma, o agricultor tem ciência de quando irrigar.

**TOMBAMENTO** s. m.

/doença/

Queda ou inclinação da planta causada por fungos, que apodrecem o caule da planta, por ventanias fortes, por pragas, como a cigarrinha, ou por falha no manejo da cultura. [*Outro comportamento de S. frugiperda é seccionar as plantas ainda novas, fase de 2 a 4 folhas, na região do colo, provocando o <tombamento> (...) Essas podridões causam <tombamento>, prejudicando a colheita.*] (Sousa et al., 2020, p. 85 e 115)

(03 MCT – D; 20 EMB – Dc)

**VARIEDADE** s. f.

/plantio e manejo: técnica de cultivo/ /comercialização/

Tipo de semente de milho que apresenta características específicas de desenvolvimento genético, formato e composição. [*Um dos aspectos principais, pessoal, para a produção de milho é escolher uma <variedade> que seja aceita pelo mercado e que seja de fácil trabalho (...) Aqui o Lão trabalha com a semente da Biomatrix.*] (VID 03, 2023)

Var. Ter.: Variedade do milho

(02 MCS – D; 05 RCP – D; 06 FCO – D; 07 JDC – D; 09 ACS – D; 10 FSN – D; 11 DLC – M; 12 BAL – M; 13 BMF – M; 14 CSM – M; 15 JRP – M; 17 ESM – M; 18 RAS – M; 20 EMB – Dc; VID 01; VID 03, VID 09, VID 16)

**VERANICO** s. m.

*/plantio e manejo: clima/*

Fenômeno natural que ocorre durante o outono ou o inverno, marcado por clima seco e temperaturas elevadas. [*Apesar do <veranico de dezembro de 2018, a Fazenda tem alcançado média histórica de produção>.*] (VID 07, 2019)

Var. Ter.: **Período de veraneio**

(06 FCO - D; 20 EMB – Dc; VID 06; VID 07; VID 09)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal a elaboração de um glossário terminológico da cultura do milho realizada no Maranhão, incluindo os processos de plantio e manejo, colheita, pós-colheita, praga, doença e comercialização. A etapa de plantio e manejo foi subdividida em: técnica de cultivo, instrumento ou ferramenta agrícola, morfologia ou parte da planta, desenvolvimento da planta e clima. A etapa de colheita, por sua vez, foi seccionada em: extração do milho e instrumento ou ferramenta agrícola.

Para tanto, a pesquisa se amparou, sobretudo, nos parâmetros conceituais e metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia e na Terminografia, as quais dão suporte para a produção de obras terminográficas como o glossário, dicionários de especialidade, tesouros e banco de dados. Entre os estudiosos que discutem tais teorias, pretendemos por referenciar predominantemente a Cabré, a Krieger, Finatto, Barros, Martins & Martins e a Faulstich. Esses autores entendem o termo como a unidade linguística de um campo de especialidade, ou seja, um lexema com valor semântico que não se refere à língua geral, mas sim ao uma área específica do conhecimento. Nesse sentido, um termo não é, necessariamente, uma palavra, uma vez que pode não ser encontrado nos dicionários de uso geral, assim como é possível de não ser compreendido por pessoas que não sejam da área de domínio a qual o termo pertence.

O interesse pela terminologia do milho nasceu na academia, durante a disciplina de Tópicos em Terminologia e Socioterminologia, ministrada pela Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos. À época, foram realizadas pesquisas sobre a temática e, então, percebemos a necessidade e pertinência de uma pesquisa desse porte com essa perspectiva, tanto pelo valor que a Terminologia vem recebendo na atualidade quanto pela importância do milho para a humanidade, em especial, para o povo maranhense. Além disso, sabemos da grande relevância da produção de um glossário, pois ele se configura como um material de apoio para os consulentes, uma fonte para suprir necessidades existentes e uma oportunidade valiosa de oportunizar e divulgar o conhecimento da terminologia do milho, é uma chance de construir um repertório de termos específicos de uma área, considerando o

funcionamento discursivo das UT em contextos comunicativos. Também é uma forma de estimar a cultura maranhense e de contribuir com outros trabalhos da área ou de áreas afins.

A atividade do milho tem grande representatividade econômica para o setor agroextrativista da região porque é uma importante fonte de renda e geração de empregos para seus habitantes. A maior parte da produção é designada ao ramo da alimentação animal, sendo de grande valia para essa categoria. Essa alta produtividade também se deve ao clima do Maranhão, visto que, a boa disposição de chuvas, favorece o cultivo, junto com a fertilidade dos solos, possibilitando duas safras por ano, a de verão, plantada no começo do período de chuva, e a safrinha, cultivada depois da colheita da soja.

A região do Maranhão, junto com Tocantins, Piauí e Bahia (MATOPIBA) são as áreas onde mais cresce a plantação de milho no Brasil, sendo consideradas atualmente como a grande fronteira agrícola que tem gerado investimento e fortalecido o agronegócio nacional. Isso se deve ao excelente quantitativo de áreas planas, fertilidade dos solos, disponibilidade de água e muitos dias ensolarados. O cereal ganha destaque local, sendo produzido em praticamente todo o território nacional, devido à sua multiplicidade de usos e benefícios à saúde.

Para refletir sobre o milho, o trabalho se pautou nas concepções de Suassuna e Dória, Cascudo, Paterniani, Myriam Melchior e publicações da EMBRAPA, os quais trazem esclarecimentos pontuais acerca da cultura, como origem e características fisiológicas.

Em relação aos procedimentos metodológicos do trabalho, além das orientações das teorias supracitadas, também se caminhou pela Linguística de *Corpus*, em função de ter como fontes de pesquisa textos escritos e orais, caracterizados como textos especializados, por abordarem assuntos de uma área do saber, que é a cultura do milho. Com esse propósito, buscamos subsídios em Berber Sardinha e Perna, Delgado e Finatto.

Para a organização do glossário, adotamos, na macro e microestruturas, a ordem alfabética e as informações de: entrada, informação gramatical, campo semântico, definição, contexto de uso e a referência do contexto (elementos obrigatórios em todos os verbetes), e, também, remissivas, variante

terminológica, fontes dos termos (também de uso geral) notas e ilustração (apresentados em algumas entradas e em outras não). Desse modo, a pesquisa tentou garantir acessibilidade, confiabilidade e informação para os consulentes, sejam eles professores, alunos, agricultores, especialistas, pessoas interessadas, de modo geral, na terminologia da cultura do milho, especialmente, no Maranhão.

É importante destacarmos sobre o teste de fiabilidade que assegurou validade às unidades terminológicas. Esta etapa recebeu a participação de três agricultores e de um agrônomo, os quais ajudaram a reconhecer os termos, bem como contribuíram para a construção das definições dadas aos termos, e também para a identificação de sinonímia e polissemia.

Esses percursos foram traçados a fim de que se pudesse constatar as hipóteses levantadas no início, quando diante de três questionamentos. O primeiro, se haveria termos consideráveis na área do milho, é respondido que sim, há um repertório significativo da cultura do milho, o qual o glossário proposto não poderia contemplar. Para o segundo, sobre a possibilidade de organizar e sistematizar os termos em formato de glossário, a hipótese também se confirma, reconhecemos que foi uma tarefa árdua, mas satisfatória e importante, e temos sim a terminologia do milho registrada em um glossário! A terceira hipótese é factível, em face da pergunta - se haveria variação nesse contexto.

O glossário é composto de 116 termos, dos quais 73 apresentaram variação denominativa e 2 apresentaram variação conceitual. Também foram registrados 2 estrangeirismos. Quanto à categoria gramatical, 40 termos são substantivos femininos, 30 são substantivos masculinos, 20 são sintagmas nominais masculinos, 19 são sintagmas nominais femininos, 4 são sintagmas verbais, 1 é adjetivo, 1 é verbo e 1 é uma sigla. Chama atenção o total de 37 sintagmas nominais (femininos e masculinos) que compõem o glossário, quantidade bastante expressiva. Já em relação aos campos conceituais, grande parte das unidades terminológicas pertencem à etapa de plantio e manejo, e, dentro dessa área, prevaleceu a subárea técnica de plantio e morfologia e parte da planta.

Vale salientar que a obra terminográfica do milho no Maranhão é constituída tanto de termos técnicos quanto de termos mais usuais pelos

produtores rurais. Algumas variantes aparecem mais nos vídeos. Cabe um destaque para a variante adubo, que aparece em dois termos (adubação de cobertura e adubação de fundação), porém é possível compreender por meio do contexto e da gravação dos vídeos. Outro dado que merece comentário explicativo é a aproximação semântica dos termos espiga principal e espiga comercial. Geralmente, espera-se que a espiga principal em um pé de milho seja a comercializável e que a espiga comercial seja somente aquela que se desenvolveu no ponto mais alto do caule, contudo a espiga de segunda também é colocada à venda em certas situações, e pode acontecer da espiga principal não estar apta para o comércio. Por isso, decidimos incluir ambos os termos (espiga principal e espiga comercial) como verbete, e não escolher um como termo-entrada e o outro como sua variante.

Isto posto, sem a pretensão de esgotar o estudo terminológico do milho, acreditamos que esta dissertação irá colaborar e servir de referência para pesquisas futuras que tenham como foco a temática aqui abordada, pois ainda há uma infinidade de termos que não foi acrescentada no glossário (exemplos: antese, aspersores, dias após a germinação, graus-dia), oportunizando a produção de outros trabalhos a partir da ampliação da versão do glossário ora apresentado.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Neide Munhoz. A Macro e a Microestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (Glotear). UNOPAR Cient., **Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 17-22, out. 2009. Disponível em:

[file:///C:/Users/user/Downloads/nathaliadias,+Gerente+da+revista,+843-3257-1-CE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/nathaliadias,+Gerente+da+revista,+843-3257-1-CE%20(1).pdf)

Acesso em: 10 out. 2025.

ALDRICH, S.R.; SCOTT, W.O.; LENG, E.R. **Modern corn production**. 2.ed. Champaign: A & L Publication, 1982. 371 p.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. **História das Sociedades Americanas**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia; terminologia, terminografia**: objeto, métodos, campos de atuação e cooperação. Estudos Linguísticos. Franca: UNIFRAN, p. 182-189, 1991.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BERGAMASCHI, M. A.; ZEN, M. I. H. D.; XAVIER, M. L. M. F. (Orgs). **Povos indígenas e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BRANDENBURGER, Clemente. **Lenda dos nossos índios**: leituras brasileiras. 2ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1931.

BORGHI, E.; MAGALHÃES, P. C.; PEREIRA FILHO, I. A. **Ecofisiologia do milho segunda safra para alta produtividade**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2023. 22 p. (Embrapa Milho e Sorgo. Documentos, 273).

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Silveira Bueno**. 500 Anos Brasil. São Paulo: Editora Didática Paulista.

CABRÉ, Maria Teresa. (1993). **La terminología**: Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries.

CABRÉ, M. T. (1998). **Uma nueva teoría de la terminología**: de la denominación a la comunicación. Actas do VI Simposio Iberoamericano de Terminologia. Cuba (no prelo).

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA, 1999.

- CABRÉ, M. T. **Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización.** In: PALACIOS, J. G.; FUENTES, M. T. (Ed.). Texto, terminología y traducción. Salamanca: Ediciones Almar, 2002. p. 15 – 36.
- CABRÉ, M. T. La terminología, una disciplina em evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Revista Debate Terminológico.** Riterm: n. 1-3, 2005a.
- CABRÉ, M. T. **La Terminología:** representación y comunicación: elementos para uma teoría de base comunicativa y otros artículos. Girona: Documenta Universitaria, 2005b.
- CAMPOS, Tharcizio de; CANÉCHIO FILHO, Vicente. **Principais culturas - II.** 2. ed. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1973.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil -** Cardápio Indígena, Dieta Africana, Ementa Portuguesa. Primeiro volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CAVALCANTE, Messias S. **Comida dos nativos do Novo Mundo.** Barueri, SP: Sá editora, 2014.
- CHINI, Alexandre; CAETANO, Marcelo Moraes. **Gramática normativa da língua portuguesa:** um guia completo do idioma. Brasília: Conselho Federal, 2020.
- CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos.** Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/infoagro/safras/graos>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- COSTA, Lucimara Alves. **Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira.** Tese (Doutorado com dupla titulação) – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e Universidad Pompeu Fabra, Institut Universitari de Linguística Aplicada. São José do Rio Preto; Barcelona: 2015, 303 f.
- CRUZ, José Carlos et al. **A cultura do milho.** Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2008. 517 p.
- CUENCA, Manuel Alberto Gutiérrez; *et al.* **Aspectos da cultura do milho: características e evolução da cultura no estado do Maranhão entre 1990 e 2003.** Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005. (Documentos, 81).
- DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas.** 2 volumes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: **Simpósio Iberoamericano de Terminologia (RITERM)**, VI, 1998, Havana. Disponível em: <http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FAULSTICH, E. Metodologia para projeto terminográfico. In: **Simpósio Latino-Americano de Terminologia (RITERM)**. 2. Encontro brasileiro de terminologia técnico-científica, 1. Anais. Brasília- DF, 1990.

FRÜBEL, Auri Claudionei Matos. **Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana**: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português brasileiro. 2006. 227 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2006.

EUBANKS, Mary W. **Corn in Clay**: Maize Paleoethnobotany in Pre-Columbian Art Gainesville: University Press of Florida, 1999.

FERREIRA, Kaio Witalo Resplandes. **Indicadores físicos e químicos da qualidade do solo e desempenho agrônomo do milho (*Zea mays L.*) em plantio direto com resíduos de leguminosas arbóreas**. Chapadinha, 2022. 41p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão.

FREITAS, Fábio de Oliveira. **As Expansões do Milho – *Zea mays, L.*** - para a América do Sul, baseado no resgate e estudo de DNA ancião de amostras arqueológicas. Brasília (DF): Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2002. 20 p. - (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 32).

GROBMAN, A.; SALHUANA, W.; SEVILLA, R.; MANGELSDORF, P.C. 1961. **Races of maize in Peru, their origins, evolution and classification**. Washington: National Academy of Sciences/National Research Council.

HOFFMANN, L. (1988). **Vom Fachwort zum Fachtext**. Tübingen: Gunter Nar. 265 p.

HUE. Sheila Moura. **Delícias do descobrimento**: a gastronomia brasileira no século XVI. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

JORNAL AGROCERES. São Paulo: AGROCERES, n. 219, janeiro 1994.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **D.E.L.T.A.**, Vol. 16, Nº 2, 2000 (209-228), UFRS.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (org.). **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Universidade/UFRG/Humanitas/USP, 2001, p. 23-23.

KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia. (Orgs.). **Cadernos de tradução**. Porto alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n. 17, p. 9-30. Out-dez, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia técnico-científica: políticas linguísticas e mercosul. **Ciência e cultura**. São Paulo, vol. 58, n. 2, 2006. p. 45-48. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250184>. Acesso em: 04 abr. 2025.

KRIEGER, M. da G.; SANTIAGO, M. S.; CABRÉ, M. T. Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré. **Calidoscópio**, v. 11, n. 3, p. 328– 332, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.11/3771>>. Acesso em: 16 outubro. 25.

LIMA, Edmar Peixoto de. **Abordagem terminológica nas veredas teóricas da argumentação: uma investigação sob a perspectiva da variação denominativa**. 2017. 325 f. Tese (Doutorado em 2017) - Universidade Estadual do Ceará, , 2017. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=82207> Acesso em: 5 de julho de 2025.

MAGALHÃES, Paulo César. **Fisiologia do Milho**. Sete Lagoas, MG, 2002. 23 p. (EMBRAPA. Circular Técnica, 22).

MARTINS, Arlon Francisco Carvalho; MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estudos do léxico: aportes teóricos para pesquisa terminológica e fraseológica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 214p.

MAWE, João. Viagens ao interior do Brasil: particularmente aos districtos do ouro e do diamante, em 1809-1810. *In: Collectanea de Scientistas Extrangeiros*. (Org.) Prof. Rodolpho Jocots. Trad. Demerval Lisboa. Vol. I. Belo Horizonte: Imprensa oficial do estado de Minas Gerais, 1922.

MEIRELLES, Walter Fernandes; GUIMARÃES, Paulo Evaristo de Oliveira. Milhos Especiais da Embrapa. *In: Tecnologias para a agricultura familiar*. 4. ed. rev. e atual. Dourados, MS: Embrapa Agropecuária Oeste, p. 71-76, 2020. (Documentos 122).

MELCHIOR, Myriam (Org.). **Gastronomia, cultura e memória: por uma cultura brasileira do milho**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, p. 17-28, 2017.

MENDES, Carlos Teixeira. Botânica do Milho. *In: Revista de agricultura*. Piracicaba, junho, p. 223-235, 1934. Disponível em: <file:///C:/Users/user/OneDrive/Documentos/Downloads/admin,+3689-13463-1-CE.pdf> . Acesso em 20 jan. 2025.

OBSERVATÓRIO Portuário: **Produção do comércio exterior maranhense**. Ano 2, N. 4. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2023. Disponível em: <https://observatorioportuario.com.br/relatorios/>. Acesso em 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, A. M. P. & ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

OLIVEIRA, Andréia Morais Xavier de; SANTOS, Rodrigo da Silva; BARBOSA, Mônica Santiago. A biotecnologia aplicada ao melhoramento genético vegetal: controvérsias e discussões. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 10, n. 1, p. 339-361, 2012.

ORNELLAS, Lieselotte Hoeschl. **A alimentação através dos tempos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

PATERNIANI, E. NASS, L. L.; SANTOS, M.X. O valor dos recursos genéticos de milho para o Brasil, uma abordagem histórica de utilização do germoplasma. *In: Uma história brasileira do milho*, Brasília: ed. paralelo 15, p. 11 — 41, 2000.

Pereira, H. D., Nonato, J. V. A., Duarte, R. C. R. M., Gerhardt, I. R., Dante, R. A., Arruda, P., & Yassitepe, J. E. d. C. T. (2025). **Temporal field phenomics of transgenic maize events subjected to drought stress**: Cross-validation scenarios and machine learning models. *The Plant Phenome Journal*, 8, e70015. <https://doi.org/10.1002/ppj2.70015>

PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. (Org.). **Linguagens especializadas em corpora**: modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 255 p.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. **A terminologia do reggae ludovicense**: uma abordagem socioterminológica. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6631> Acesso em: 02 nov. 2024.

SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Práticas de letramento na EJA**. Natal: 2020. p. 20-50. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=7973>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Pesca – SAGRIMA. **Perfil da agricultura maranhense**. Boletim (2019, 2020, 2021 e 2022). Disponível em: <https://sigite.sagrима.ma.gov.br/> Acesso em: 04 mar. 2025.

SOUSA, Valdemício Ferreira de; *et al.* **Cultivo do milho-verde irrigado na Baixada Maranhense**. São Luís: Embrapa Cocais, 2020. (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Documentos, 264).

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

SUASSUNA, Ana Rita; DÓRIA, Carlos Alberto. **O milho na alimentação brasileira**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

THÉVET, André. **As Singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – LISTA DE TERMOS DO MILHO NO MARANHÃO

1. Adubação de cobertura
2. Adubação de fundação
3. Atravessador
4. Auxinas
5. Axila das folhas
6. Bainha
7. Boneca
8. Braça
9. Broca de coleta de solo
10. Bulbo
11. Cabelo
12. Calagem
13. Canjica
14. Cartucho
15. Casca
16. Chupeta
17. Cigarrinha
18. Cobertura morta
19. Colar
20. Colhedora
21. Colmo
22. Colo
23. Compartimento de cargas
24. Competição
25. Consórcio
26. Coração morto
27. Corretivo
28. Corte e queima
29. Cultivar
30. Cultivo adensado
31. Cultivo de sequeiro
32. Cultivo solteiro
33. Dentado
34. Derrubada da palhada
35. Dias após a emergência
36. Dirbuiar
37. El ñino
38. Embebição
39. Embonecamento
40. Emergência
41. Empupamento
42. Enchimento do grão
43. Enfezamento
44. Entrenó
45. Envergadura
46. Espaçamento
47. Espiga comercial
48. Espiga principal
49. Espiga de segunda
50. Estádio fenológico
51. Estande
52. Estresse
53. Evapotranspiração da cultura
54. Fertirrigação
55. Fita gotejadora
56. Gema apical
57. Germe
58. Gleba
59. Gradagem
60. Inflorescência
61. Janela
62. Lagarta-do-cartucho
63. Lagarta-rosca
64. La niña
65. Lígula
66. Limbo foliar
67. Linha
68. Linha do leite
69. Linha pura
70. Mão de milho
71. Massa (do milho)
72. Mata tudo
73. Matraca
74. Milho crioulo
75. Milho híbrido
76. Milho ligeiro
77. Milho tardão
78. Nó
79. Orelha
80. Palha
81. Palhada
82. Pamonha
83. Pamonharia
84. Parcelamento
85. Pedúnculo
86. Pendão
87. Pendoamento
88. Perfilho
89. Período larval
90. Plantadeira de linhas
91. Plantar de batalha
92. Plantar em carreiras
93. Plantas espontâneas
94. Plantio direto

95. PMG
96. Postura
97. Quebrar milho
98. Radícula
99. Raiado fino
100. Rotatividade
101. Rua
102. Sabugo
103. Saca
104. Safrinha
105. Secador
106. Semente
107. Silagem
108. Silo
109. Silo bolsa
110. Silo pulmão
111. Sucessão de culturas
112. Talhão
113. Tensiômetro
114. Tombamento.
115. Variedade
116. Veranico

## APÊNDICE B – FICHA TERMINOLÓGICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PGLETRAS  
 MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
 LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro  
 e de outras línguas naturais  
 ORIENTADORA: Georgiana Márcia Oliveira Santos  
 PESQUISADORA: Laize Oliveira Ferreira

FICHA TERMINOLÓGICA	CÓDIGO:
1. Unidade terminológica:	
2. Categoria gramatical:	
3. Campo conceitual:	
<p><b>Plantio e manejo:</b></p> <p>( ) técnica de cultivo</p> <p>( ) instrumento ou ferramenta agrícola</p> <p>( ) morfologia ou parte da planta</p> <p>( ) desenvolvimento da planta</p> <p>( ) clima</p>	
<p><b>Colheita:</b></p> <p>( ) extração do milho</p> <p>( ) instrumento ou ferramenta agrícola</p>	
<b>Pós-colheita</b>	
<b>Comercialização</b>	
<b>Praga</b>	
<b>Doença</b>	
4. Definição	
5. Contexto	
6. Referência do contexto	
7. Remissiva	
8. Variante terminológica	
9. Fontes das unidades terminológicas	
10. Notas explicativas	
11. Ilustração	
12. Data da coleta:	